

REVISTA

DA SEMANA

N. 39 24-9-55 Cr\$ 7,00 em todo o Brasil

**UM MILAGRE PARA
BERNADETE**
(SERÁ MESMO CÂNCER?)

•
O BEIJO DE EL DIABLO
(SENSACIONAIS AVENTURAS, 1.º CAPÍTULO)



m
th
ci
di
lic
to
ce
t'
d

d
 b
 d
 A
 te
 m
 c
 p
 P
 n
 d
 V
 F
 c
 t
 c
 c
 j
 l
 ●
 f
 l
 c
 t
 c
 c
 c

MADAME BUTTERFLY GANHA UM QUIMONO

VIOLETA COELHO NETTO DE FREITAS, APÓS USAR POR 18 ANOS, EM MAIS DE CEM REPRESENTAÇÕES, SEU VELHO «FURISODE», TROCA-O POR UM MARAVILHOSO, QUE JÁ PERTENCERA AO GRANDE SOPRANO TAMAKI MIURA

Texto de JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA
LEITE ★ Fotos de A. FERREIRA

MADAME BUTTERFLY, que na vida real chama-se Violeta Coelho Netto de Freitas e é a filha do grande romancista Coelho Netto (falecido em 1934), há pouco recebeu, por intermédio da Embaixada Japonesa no Brasil, um valiosíssimo e desvanecedor presente: o quimono, todo em fios de ouro e prata, envergado em cena pelo soprano Tamaki Miura (a maior intérprete da ópera pucciniana) até aos últimos dias de sua gloriosa carreira.

Foi a embaixatriz Yoshiko Kimitsuka, notando apresentar o traje utilizado pela Cio-cio-san brasileira sinais evidentes de sua propecta idade (dezoito anos de triunfos pelos palcos das Américas), lembrou-se de solicitar aos dirigentes do Mitsukoshi, organização que enfeixa os maiores maganizes do Japão, a suntuosa peça confeccionada por eles alguns anos antes, especialmente para a grande cantora nipônica. Peça que, devido ao seu alto custo, não pode mais ser executada. No dia vinte e dois de abril do ano passado, recebia a sra. Stella Pacheco Werneck, diretora do Museu do Teatro Municipal, uma carta do embaixador Shin Kimitsuka, comunicando que o quimono, já entre nós, estava à sua inteira disposição. Deveria ser usado por Violeta Coelho Netto de Freitas sempre que necessário, pertencendo muito embora ao já notável patrimônio do citado Museu, de que passava a ser peça das mais importantes.

● O QUIMONO — Sobre um fundo carmim, flores azuis, amarelas e verdes; fios dourados e prateados de permeio, em delicados desenhos; obo de tonalidade escura, contrastada, à frente, com uma enorme borboleta lilás, e atrás, com várias outras de cores mais vivas (o obo é a larga faixa que passa um pouco acima da cintura, indo terminar, às costas, num laço que desce quase até ao chão).

Na ópera, Cio-cio-san enverga três quimonos: um hanayoneishô, veste nupcial; um mountsuki, traje de recepção, e finalmente um furisode, de largas mangas pendentes. Foi essa vestimenta, justamente, que o Museu do Teatro acaba de receber. Também um tsunokakushi, grinalda nupcial que completa de maneira admirável a vestimenta, foi presenteado ao Municipal, na mesma ocasião.

● QUEM É MADAME BUTTERFLY — Violeta, considerada uma das grandes intérpretes da infeliz geishazinha, desde os 3 anos de idade, quando fez o papel de Cupido num espetáculo de dança, está em contacto com o mundo teatral. Mocinha, fez o curso de Ballet com a grande Sedova. Um dia, descobriram que a jovem bailarina possuía uma bela voz. E os vocalises



EIS MADAME BUTTERFLY, que na vida real chama-se Violeta Coelho Netto de Freitas, experimentando o maravilhoso quimono que lhe foi ofertado (e ao Museu do Teatro Municipal) pela Embaixada Japonesa. Um presente valioso e merecido.

começaram, sob a orientação de Roxy King Shaw. Em 1934, no Tijuca Tênis Clube, pela primeira vez cantou uma ópera: «Cavalleria Rusticana», de Mascagni. Somente em 1937, porém, apresentar-se-ia, no palco do Municipal, no personagem que seria sua maior criação: Madame Butterfly. Cantaria dois anos naquele teatro, sem perceber um vintém.

De 1944 a 1952, esteve sob a orientação do renomado mestre Murilo de Carvalho. Em 1948, partiu para os Estados Unidos, onde, completamente desconhecida, tendo a seu favor somente a bela e bem conduzida voz, inscreveu-se no Carnegie Hall, num grande concurso destinado a selecionar uma solista. Venceu-o, e acompanhada pela Filarmônica de New York, cantou para um grande auditório canções de Rachmaninoff e árias de Puccini. Os lieder russos, aprendeu-os em dez dias somente, auxiliada pelo mezzo-soprano Jennie Tourel, sua grande amiga.

● O APOGEU — Depois daquela noite no Carnegie, as portas dos Estados Unidos e as do Canadá estavam abertas para o grande soprano. Ali mesmo, no teatro, firmou contrato para atuar em vários outros lugares. Abriu as temporadas de Detroit e Filadélfia, sempre com Butterfly. No Canadá foi considerada a mais perfeita intérprete da Butterfly jamais ali ouvida. Voltando ao Brasil, tomou parte em diversas temporadas, mormente no Rio e em S. Paulo. Após, vai à Argentina, Uruguai e Chile.

Violeta é casada com o médico doutor Jorge de Freitas, e tem três filhos — a mais velha, de 21 anos, e o caçula, de apenas 5. Ultimamente, após um acidente em que fraturou o pé, tomou parte, no Municipal, na ópera «Zazá», de Leoncavallo, cuja interpretação lhe valeu, de parte do editor Sonzogno, de Milão, um convite para cantá-la em diversos teatros italianos. E mais uma vez atuou na velha ópera de Puccini — dessa vez, porém, já com os novos trajes.

O BEIJO DE "EL DIABLO"

Por BARBARA CARTLAND

Ilustração de RAMON

— I —

— Ódio os homens!
— Tolice!
— É verdade. São todos iguais: ou querem botar a mão em meu dinheiro, ou simplesmente divertir-se.

Jimmy Donaldson estirou a cabeça para trás e riu de tal maneira, que seu cavalo oscilou nervosamente para ambos os lados.

— Cinismo aos vinte e um anos, exclamou afinal.

— Se dizer a verdade e empregar o senso comum é ser clínica, então estou contente em sê-lo, veio a resposta, enquanto Skye, com um sacudir de seu chicote, se afastava velozmente.

Tarde compreendeu Jimmy que suas palavras haviam ofendido sua jovem prima. Mas ela era tão encantadora, com seu diminuto nariz regular e seu rosto oval, e os cabelos ondulados encimando a cabeça pequenina, que a simples idéia de ter sido ela criada para outra coisa que não o divertimento parecia ridícula. Ele alcançou justamente no momento em que atingiam o tope de uma pradaria elevada, de onde tinham uma visão magnífica de um dos vales fertilíssimos que haviam tornado a região uma das mais ricas e belas que Jimmy jamais havia visto em sua vida de diplomata.

Foi timidamente pensando em sua beleza que aproximou-se de Skye. Mas já sua voz exclamava alegremente:

— Não é majestoso? Justamente como eu desejaria que fosse!

— Majestoso, acrescentou Jimmy secamente. Os vizinhos, contudo, o são também: o Uruguai, à sua esquerda, e o sul do Brasil, à direita. E, como já lhe disse antes, possuem cenários mais dignos ainda de serem vistos.

— Eis aí um homem velho! E' o que acontece consigo, retrucou Skye com desprezo.

— Tal observação certamente levar-me-ia à loucura se eu tivesse só vinte e cinco anos — retrucou Jimmy filosoficamente —; mas aos cinquenta e cinco eu posso facilmente ignorá-la. Minha cara criança (continuou), você mal sabe que complicações poderão acontecer se acaso seguir adiante. Além, nada há que você já não tivesse visto.

— Mas eu ainda não vi coisa alguma, gritou Skye. Você não pensará que vou dar-me por contente apenas com ver os automóveis americanos pelas ruas, de Jacara, não? Minha avó me contava histórias sobre esse país, e eram histórias excitantes, as mais interessantes que jamais ouvi.

— As coisas mudaram, desde que sua avó esteve por aqui.

— Como você desconversa! Apenas porque houve uma revolução aqui, o ano passado?

— Existe sempre uma revolução, seja de que espécie for, em fermentação, por essas bandas, explicou Jimmy pacientemente.

— Então, a fuzilaria deve estar para começar a qualquer momento, caçou a moça. Mas porque atirarem contra mim? Estou trazendo dinheiro para o país — você viu a recepção que tivemos quando o iate ancorou na baía. São belos os dólares norte-americanos, Jimmy. Ninguém é tão tolo de matar a galinha dos ovos de ouro.

— Talvez. Sou britânico o suficiente, você sabe, para desaprovar jovens senhoritas que, com muito dinheiro e pouco juízo, querem apANHAR a lua com as mãos.

— Assim falavam todos os meus parentes da Inglaterra, meus velhos ancestrais e tetravós, riu-se Skye.

— Quando você fala assim, disse Jimmy, sinto-me extremamente feliz por ser metade americano.

Não era surpresa alguma que ele estivesse aborrecido, disse-lhe ele, enquanto a observava. Ela era, na sua beleza rósea e dourada, atraente o bastante para transtornar a cabeça de qualquer um que lhe fixasse o olhar, e ela já notara inclusive os olhares cubíquos que os naturais da região, em cujas veias o sangue ardente espanhol corria abundantemente, haviam fixado sobre sua figura encantadora.

Os dois meninos que até ali vinham servindo de guias apontavam para um lugar distante:

— Desculpe, senhor, disse um deles, em sua voz profunda e maciça, mas é melhor não ir mais longe nesse passeio.

Como resposta, Skye esporeou seu animal, e saiu a galope. Decorreu um pouco de tempo antes que Jimmy pudesse detê-la, e quando o conseguiu, começaram a trotar a certa de grama fôfa e viçosa, diante da qual os animais se refrescariam, mais calmamente, talvez à sombra de algumas árvores.

Ela encurvou-se para a frente, para acariciar o lustroso pescoço de sua cavalgadura, e então olhou para o rosto de seu primo, e adivinhou-lhe os pensamentos antes que ele falasse.

— Você está imaginando perigos, Jimmy, e procura argumentos com que persuadir-me a que volte. Mas serão inúteis, pode ter certeza.

Jimmy Donaldson tinha sido diplomata pela vida inteira, mas muitas vezes achava ele o desprezo pelas convenções da prima, sua total despreocupação pelo perigo extremamente irritantes. Ele gostava muito da moça.

Os olhos de Skye brilharam momentaneamente, e Donaldson pensou em como não seria terrível para as crianças o divórcio dos pais, com o amor paterno dividido, e o sentimento de instabilidade que não sentiriam, sem lar e sem ambiente. Ela impulsionou seu cavalo para a frente, e Jimmy a seguiu.

CONTRASTE

Jimmy surpreendeu Skye erguida sobre seu cavalo. Observava algo, e quando se aproximou mais dela, viu que ela tinha detido o animal atrás de uma árvore seca. Devia ter sido destruída por um raio, pois o nodoso tronco estava carbonizado e fendido; e ali permanecera, um amargo contraste com a vivacidade e a frescura de tudo ao redor. Ao chegar mais próximo, viu Jimmy que havia algo mais a observar, atrás da árvore. Ele percebeu, nos olhos de Skye, uma vívida impressão de terror, antes de ouvir sua voz rápida e nervosa:

— Jimmy, estará ele morto?

Ele notou então que, pendente de um galho da árvore, estava o cadáver de um homem. Ele oscilava alguns pés acima do solo, uma corda em torno ao pescoço, a face convulsionada pela agonia em que deveria ter morrido.

— Nada poderemos fazer, exclamou Jimmy. Mas certamente devemos atribuir o acontecido...

— A quem? Interrompeu Skye. Quem ousou fazer isso?

As côres estavam voltando à sua face, e já havia um brilho metálico em sua voz. Ergueu os olhos para o céu, no que foi acompanhada por Jimmy. Como esperavam ambos, lá estavam dois abutres circulando sobre suas cabeças, apenas aguardando que se distanciassem, para baixar. Tocaram o cavalo para a frente, vagarosamente. Com explicável relutância, os guias os seguiam.

— Quem terá feito isso? perguntou Skye, tão cedo quanto o permitiu a emoção. Quem será o responsável por tal ultraje?

Enquanto falava, apontava para o corpo. Os dois guias olharam para o cadáver, e depois se entreolharam. Um se persignou quase imperceptivelmente, mas o outro olhou rapidamente em volta, como que à procura de algum inimigo.

— Quem poderia ter feito tal ultraje, repetiu Skye.

Os dois meninos tornaram a entreolhar-se, e, pouco mais que num sussurro, um deles falou, quase como se falasse consigo mesmo:

— El Beso del Diablo!

— O Beijo do Diabo? repetiu Skye, traduzindo. E que significa isso?

— Nada sabemos, señorita, respondeu o mais velho em tom de desafio.

— «El beso del diablo», repetiu o mais moço, num sussurro, apenas para ser reduzido ao silêncio por seu companheiro. Então, ambos deram meia volta a seus cavalos e dispararam a galope pelo caminho por onde tinham vindo, até desaparecer. Skye e Jimmy viraram a cabeça para ver o que havia causado aquela fuga inesperada dos guias: atrás deles, semi-ocultos pela grama espessa, estavam vários homens a cavalo. Jimmy tirou seu chapéu:

— Buenos dias, señor.

Por instantes não houve resposta alguma. Depois, o chefe dos cavaleiros falou:

— Seu ingresso nessas terras está proibido. Volte imediatamente.

Sua voz era grave, vibrante e imperiosa.

— Essa terra lhe pertence? — Indagou Skye.

— Pertence ao povo desse país, retrucou o estranho.

Seus olhos se entrecruzaram, e pela primeira vez na vida Skye teve a impressão de que um homem a olhava, mas diferentemente dos outros. Havia naquele olhar, igualmente, em sua expressão, algo que não poderia ela denominar com segurança, e imediatamente desejou desafiá-lo. Erguendo a mão, e apontando para o cadáver na árvore, perguntou atrevidamente:

— E aquilo também pertence ao povo desse país?

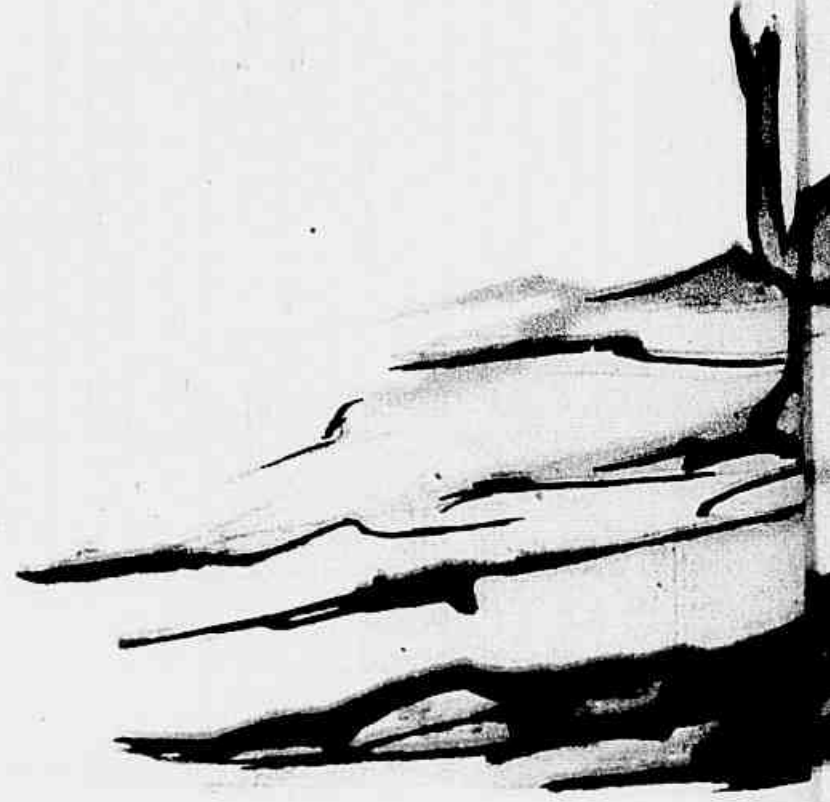
— Esta é a maneira, señorita, pela qual o povo de nosso país trata os traidores.

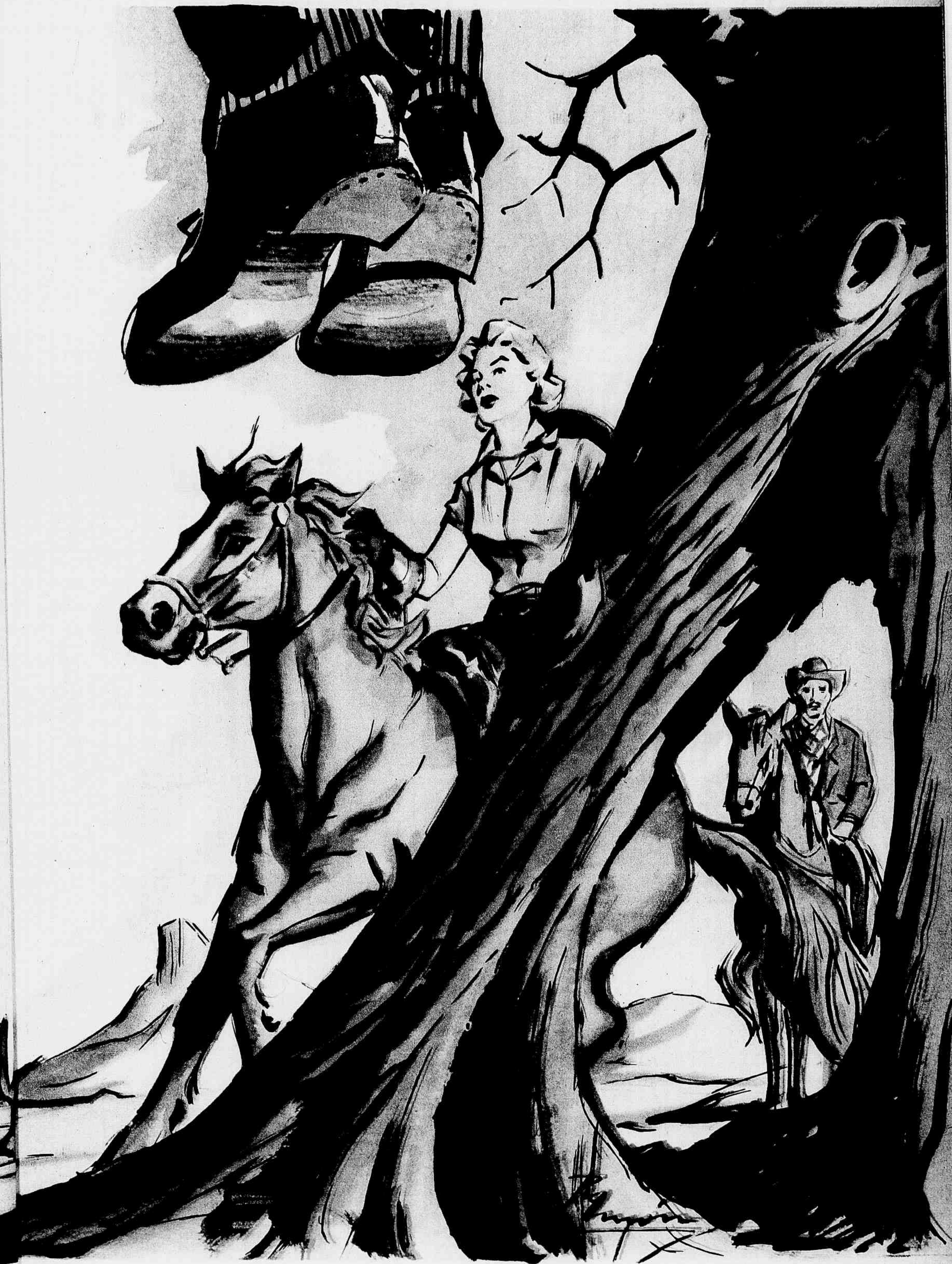
Skye jamais imaginara que tanta crueldade, tirania e desprezo humano pudessem ser contidos em tão poucas palavras. A voz de Jimmy, ao mesmo tempo, a chamava:

— Ande logo, Skye.

Ao retirar-se, seguindo Jimmy, pôde ouvir as rizadas do desconhecido, mal dominando a própria cólera.

(Cont. no próximo número)





A FIGURA EM FOCO



C. F.

Além do prazo marcado
Não quero «guimba» nem «tico».
Mas parem com o lero-lero
Senão (constrangido...) eu fico!

REDATOR-CHEFE Celestino Silveira

ASSISTENTE José Roberto Teixeira Leite

PAGINAÇÃO Victor Tapajós

COLABORADORES — Adalgisa Nery, Demóstenes Varela, Hélio Abreu, Hynenny Gomes Ferreira, Petrarca Maranhão, Milton Salles, Pedro Müller, Sérgio Silveira e Vinícius Lima.

ILUSTRADORES — Alberto Lima, Ramón Fortuna, Darel e Maria Tereza.

FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira Lima, Arnaldo Vieira, N. Viana e Vito Vasconcelos.

SUMÁRIO

● REPORTAGENS

Madame Butterfly ganha um quimono	2/3
A Cariscultura	8/10
Uma noite com Volpone	14/15
Vai casar-se a filha de Oscarito	18/19
Nova geração para o ballet	22/27
Aldemir, Cangaceiro das Artes	28/29
Extremós que se tocam	32/33
Bernadete: não tenho dúvidas	36/39
O Protestantismo	44/47
No Rio o crime compensa	52/55

● SEÇÕES

A figura em foco (Café Filho)	6
Flash paulista	11
Puxe pelo cérebro	12
Champanhota	13
Por esse mundo de Deus	16/17
Música	20
TV em revista	21
Literária	30
Feminina	34/35
Astrológica	40
Palavras Cruzadas	43
Revista há 50 anos	46
Artes	47
Cinema	56
Último flash	57
Modas	60/61
Fortuna	62/63

● LITERATURA

Mocidade pernicioso (A. Nery)	7
O Beijo de El Diablo	4/5
Narcisa	58/59

● CAPA:

Bernadete Gomes
(Foto de Vinícius Lima)
(Ver páginas 36 a 39)



Desenho de MARIA TEREZA

MOCIDADE PERNICIOSA

CINEMA é distração, é repouso mesmo quando o filme tem poucas cenas aproveitáveis. Fui sempre apreciadora dessa diversão mas, atualmente vejo-me privada deste pequeno prazer pelo simples fato da ausência total de educação da platéia, constituída em geral pela maioria da nossa juventude coca-cola. A começar pelas filas na bilheteria, os moços de hoje não respeitam o direito daqueles que ali chegaram primeiro. Abrem caminho aos trancos e cotoveladas como se ali não existesse mais ninguém além das suas pessoas grosseiras. Na sala de projeção, sentam-se com as omoplatas, penduram os pés nas costas da cadeira frente e como a posição não deve ser das mais confortáveis, passam o resto do tempo ajeitando-se, remexendo-se como se o espectador da frente não se sentisse perturbado com as joelhadas nos seus pulmões!

● Falam alto, comentam não só as passagens do filme, como detalham para o companheiro, as suas aventuras da noite anterior. Isso, quando não cospem no chão seguidamente, dizem piadas de mau gosto ou dão gargalhadas estrondosas sem motivo plausível. Se o tema do filme é emocionante, os jovens coca-cola ridicularizam. Se é uma película musicada assobiam alto os trechos preferidos e se tem um fundo educacional gritam que o filme é próprio para a velhice desamparada!

Não há cinema no melhor bairro da cidade, nem seção escolhida e menos freqüentada,

que não se transforme em motivo de irritação e desconforto para um pobre mortal que ali entrou com a intenção de se distrair. Fico imaginando o que farão estes jovens em seus lares se em público não têm a elementar educação de linguagem e de atitudes. Fico imaginando o desrespeito reinante na família, se esta mocidade não tem controle na sua animalidade e não respeita o direito alheio, coisa imprescindível no convívio humano! Fico olhando aquela quantidade de desgovernados em plena pujança da mocidade e calculo o que deixarão atrás de si no caminho da vida!

● Há no momento, uma louvável preocupação sobre o problema do menor abandonado. Todos queremos solucionar o drama da criação órfã, sem um lar, sem carinho, sem ternura, sem calor familiar, sem escola e sem amparo moral. Eu me pergunto se esta juventude que goza de todo este conforto material, que vive no ambiente da família, não é mais necessitada de socorro e da nossa preocupação do que o menor que tem por teto o céu e por refúgio a miséria? Pelo menos a infância abandonada das ruas, tem menos responsabilidade nos exemplos que espalha na sociedade. Eles nada tiveram desde que nasceram enquanto que os outros nada lhes faltou para serem homens educados. Entretanto as facilidades que o destino lhes deu em vez de levarem ao respeito e ao acatamento, insuflaram e desenvolveram os seus instintos selvagens e primitivos. Esses são os verdadeiros abandonados. Estes têm pais mas, vivem no mais degradante abandono!

ADALGISA NERY

**UMA ARTE NOVA E
UM VOCÁBULO TAMBÉM:**

A CARISCULTURA

**UM DENTISTA HABILIDOSO SATIRIZA FIGURAS POPULARES OU ILUSTRES
COM A MAIS EXTRAVAGANTE «MATÉRIA-PRIMA»: VASSOURAS, FITA
ISOLANTE, CHOCALHOS, DENTADURAS E, ATÉ, CABEÇA DE BODE**



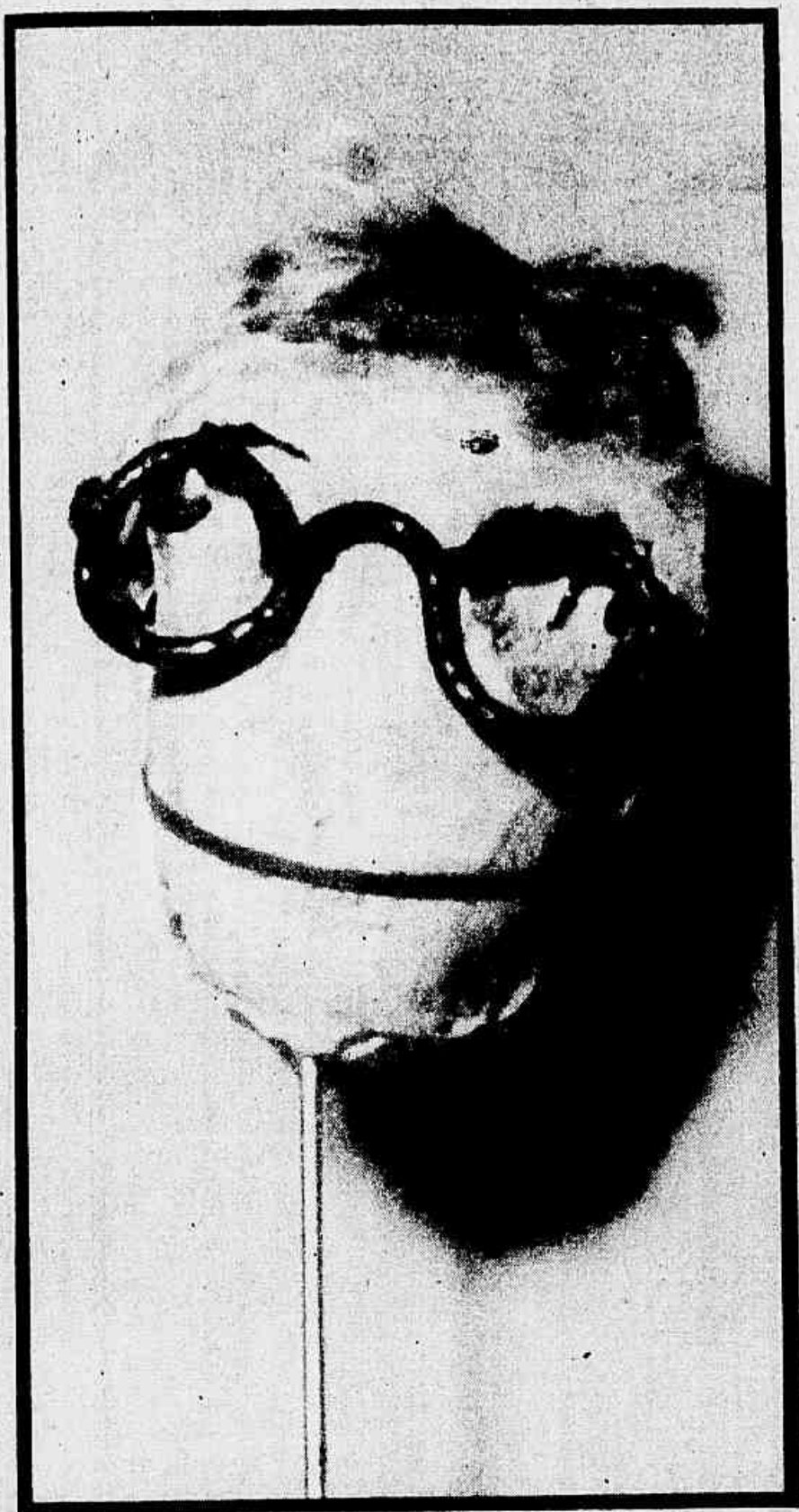
AS ferramentas de trabalho são as mais simples, das mais comuns. Todo mundo possui entre os guardados um martelo velho, uma chave de parafusos ou um alicate, e, de resto, o cariscultor (palavra criada pelo artista para definir sua ocupação) utiliza-se de tesoura, palitos e tudo que possa existir de rústico, improvisado.

As obras de Geraldo Noce são originais e dificilmente enquadradas em determinada escola artística.

— Não sou modernista. Aproveito objetos que os clássicos retrariam com fidelidade e os transformo num conjunto surrealista. Tudo em mim é simbologia, tôdas as coisas têm seu significado. Quando uso uma tampa de panela servindo de escudo ao meu D. Quixote, exteriorizo o ideal do cavaleiro sonhador de Cervantes em defesa da fome, dos humildes. Essa é a minha obra: ver naquilo a que ninguém dá importância, caricatura de um amigo, de um político ou de um artista. O atelier de Geraldo Noce também é diferente dos que conhecemos. Lá não existe a clarabóia à maneira de água-furtada parisiense, nem as banquetas para os que posam. Ninguém posa para Geraldo Noce. Os olhos vêem, a imaginação trabalha... e sai a caricatura. Sai nos momentos de folga, nos dias de domingo, durante o serviço em seu consultório dentário, em qualquer lugar. Se passa pela rua e vê um espanador nas mãos de um empregado de loja comercial, lembra-se da cabeleira de um conhecido. Pára. Enquanto não leva o espanador para casa, não sossega. A dentadura de um cliente junto a um par de óculos, inspirou-lhe o primeiro trabalho. Era o escultor José Pereira Barreto a quem Geraldo via naquele conjunto. Um pouco de massa modelada compôs o nariz. Dias depois, a obra já concluída era apresentada ao companheiro... e Pereira Barreto gostou imensamente. Era êle aquela dentadura, aquêles par de óculos e aquêles narigão de massa!

O «Velhinho de Itu» figura entre as carisculturas do artista. De uma botija de vinho do sul, a cuia de chimarrão, um guardanapo, arame, paina e uma guimba de charuto completam a peça

Texto e Fotos de
V. V. LARANGEIRA



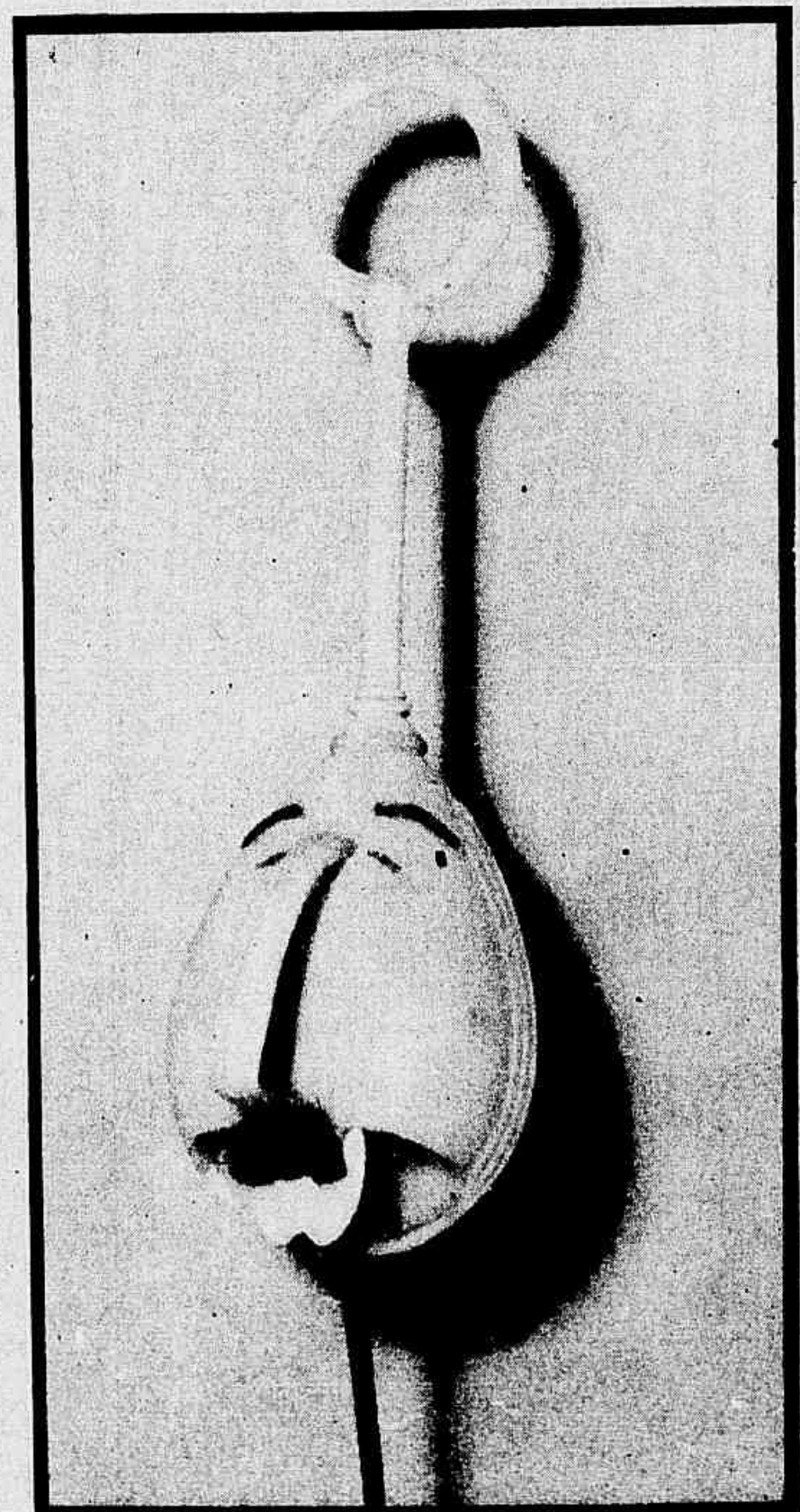
De uma cabeça de bode, um fio de matéria plástica, arame, fita isolante, tinta e pincel. Geraldo Noce caricaturou, ou melhor, carisculpiu, o cantor Gastão Formente.



A montanha de livros lembra os degraus da fama conquistados por Rui Barbosa. Título da obra: «O Homem da Cabeça que era um Mundo». Peça já apresentada em exposição.



A lâmpada apagada serviu de motivo a caricatura de Segadas Viana. Um pedaço de arame, duas bolotas de vidro pintado... e o político entrou em estilo para a posteridade.



O chocalho do garôto inspirou ao artista a figura de um dos candidatos a Presidência da República. Depois, usou a gilete, um pouco de cola e tinta preta.



O «Ari Barroso» de Geraldo é feito de uma cabeça de galo, fios de cabelos retorcidos e uma gaita... peças clássicas em um conjunto moderno. Puro surrealismo.



Para o general De Gaulle, uma rolha de champagne francesa e um medidor de chocolate. A espátula e o pincel, lembram Hitler, adepto fervoroso da pintura e escultura.

A CARISCULTURA

«O Direito da Caricatura» (Pederneiras) e a «Caricatura do Direito» (Noce). A pena enrolada em fita preta, a miniatura do chapéu e os bigodes, simbolizam o desenhista Raul.

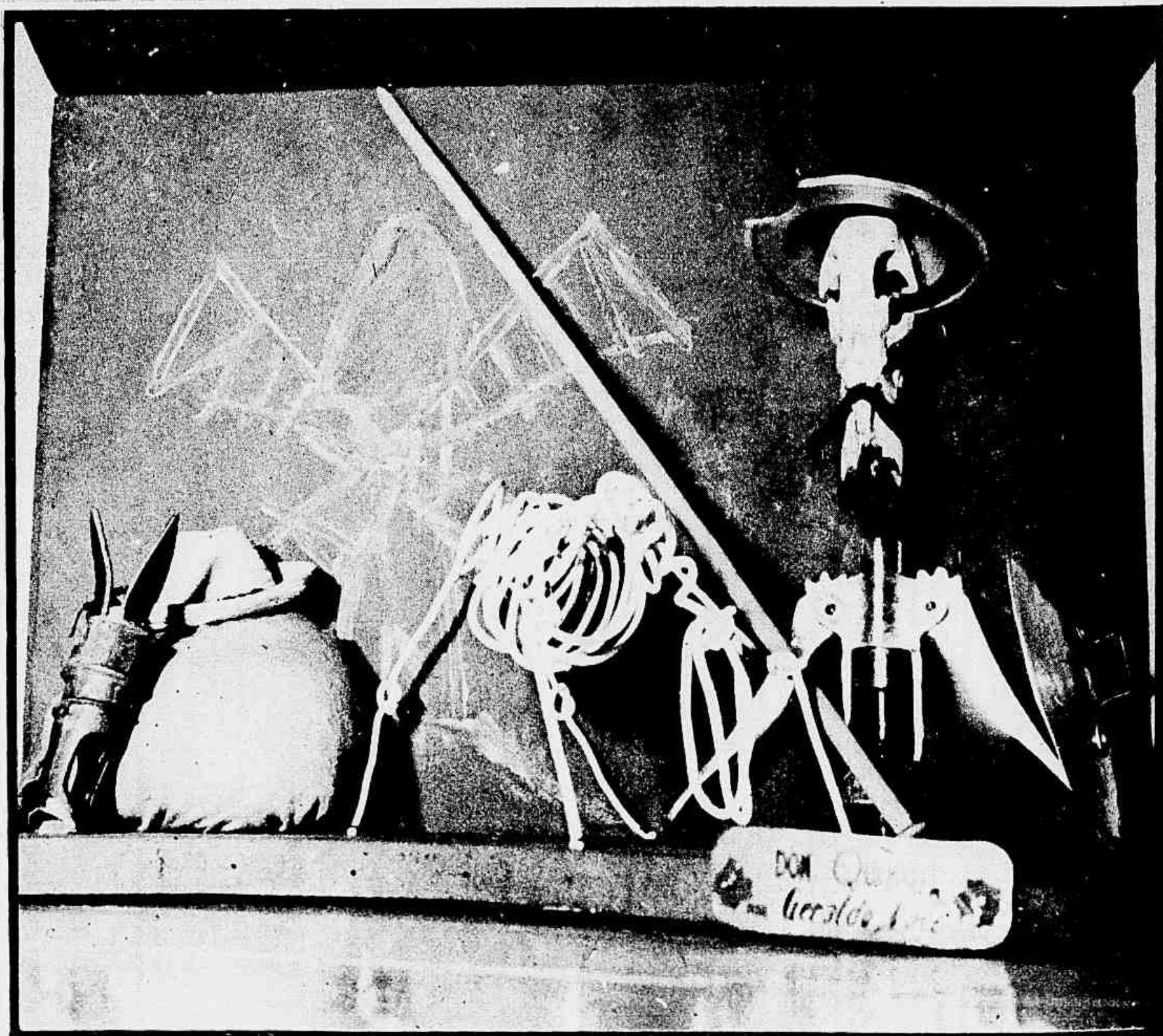


Uma vassoura, duas bolas de pingue-pongue, um pouco de cabelo e, com a ajuda do pincel, os olhos, brincam com o Governador de São Paulo. Semelhança indiscutível.

De um crânio de pato, um saca-rolhas e algumas melenas de cor escura, saiu o herói de Cervantes. O escudo é feito de uma tampa de panela, o chapelão de um coador, a lança de uma agulha de tricô e o «cavalo eletrizante» de fios brancos. Sancho Pança, o gorducho, está representado por uma trouxa sob um sombrero mexicano. Um espremedor de laranjas e os pedaços de sola mostram a cabeça do burrico. Eis o D. Quixote em toda a sua história.

★

Foi este o primeiro trabalho de Geraldo Noce. A dentadura era de um de seus clientes, os óculos eram os seus, faltava o nariz para a caricatura. Afinal arranhou-se.



MESA DE PENSÃO

● No restaurante Mappin, espécie de «Colombo» bandeirante, centro de reunião diária dos principais elementos da política, da indústria e do alto comércio da terra do café, existe, em seu imenso salão, entre inúmeras peças modernas, única, rebarbativa e avoenga, uma mesa comprida, dessas que já não se usam, cuja presença nos conduz a uma emotiva ronda do pensamento às reminiscências das velhas «repúblicas», aos velhos tempos que não voltam mais. É a «Mesa da Pensão». A direção do restaurante, entretanto, que mantém aquele anacronismo por tração, nem de longe percebe o subjetivo benefício que está prestando à causa da nossa evolução política, uma vez que a velha mesa, como a seguir demonstraremos, é um exemplo vivo da alta educação, da tolerância e da compreensibilidade democráticas que ornaram a personalidade dos dirigentes paulistas.

Do ponto de vista prático e funcional, a «Mesa da Pensão» não passa de uma gratiníssima modalidade desses restaurantes populares tão espalhados por aí, onde a gente chega, senta, come, paga e vai embora sem outros senões. Do ponto de vista pragmático, porém, a coisa é outra: só tomam assento na mesa os «iniciados». Nem convites são tolerados. O almoço diário da «Mesa da Pensão» se constitui, pelos característicos, numa verdadeira «Câmara de Debates». Os mais ferrenhos adversários políticos nela se avistam, mas, contidos pela educação democrática e por esse extraordinário sentimento que é a amizade pessoal, polemizam, enquanto almoçam, encetam discussões as mais exaltadas, se envolvem em atritos, que, a final, se desfazem, como as espumas na areia, ao se despedirem num alegre e bem humorado «até amanhã».

Da célebre «Mesa da Pensão» já saíram dois governadores, três senadores, oito deputados e inúmeros secretários de Estado, sendo que um deles, o único, foi eliminado da irmandade e proibido terminantemente de lá voltar, em virtude de ter deixado de almoçar com a turma, quando sentiu-se em segurança... nas altas esferas governamentais. Na «Mesa»,



UM DETALHE DA «MESA DA PENSÃO».

Garcez já foi prêso, escalpelado e fuzilado pelos ademaristas; Ademar metido na cadeia com todos os seus Chevrolets; Jânio já foi taxado de taumaturgo político, ante o impotente protesto do enraivecido Bilé; e o Carlos Lacerda taxado de traidor e golpista, pois, segundo a lógica de ferro dos ademaristas nem o roubo de toda a produção da General Motors justificaria a atividade dos que pretendem roubar a liberdade democrática do país. Dizem que a «Mesa» dá sorte e favorece a carreira política dos que a freqüentam. Isso não é verdade, pois o Jânio nunca lá esteve, enquanto que o Antônio Calandriello não sai de lá...

A PALAVRA DO GOVERNADOR

Nessa última entrevista coletiva do sr. Jânio Quadros, às 19 horas do dia 5 do corrente, no Palácio dos Campos Elíseos, conheceu a imprensa credenciada no seu Gabinete, com surpresa, uma das mais agradáveis facetas da extraordinária personalidade do governador. De nossa parte, confessamos, nunca vimos s. excia. com tão boa aparência e disposição. Amável, risonho e sem os óculos que lhe emprestam aquele característico aspecto inquisitorial, que tira o sono dos faltosos, dos malandros e dos ladrões, apresentou-se o Chefe do Executivo, rosto corado e tão irrepreensivelmente escanhado que, se não fôra a inconveniência e a licenciosidade de tal, ter-lhe-íamos perguntado se não usara a «Sharpie», a tal lâmina que anda abafando por aí.

Na entrevista, extremamente proveitosa, aludiu s. excia., de início, à questão das reservas florestais do Estado na Zona do Pontal do Paranapanema, dizendo aprovar, o Executivo, as idéias contidas no projeto Camarinha, frizando que a responsabilidade da decisão passava, agora, ao Legislativo estadual. Falou sobre as já autorizadas construções de rodovias pavimentadas ligando o planalto ao litoral. Historiando o orçamento, revelou que espera, com as medidas de economia e dinamização do trabalho, equilibrá-lo no próximo exercício. Discorreu só-

bre o problema da água e relacionou a distribuição que mandou fazer de mais de duzentas «caixas-depósitos» nos bairros periféricos da capital.

Anunciou, por fim, suas viagens à Bahia, no dia 8, e ao Espírito Santo, no dia 12, aduzindo, ainda, que se julgar indispensável, licenciá-la, novamente, para emprestar maior apoio à campanha do gal. Juarez.

Sempre muito bem humorado, respondeu a uma pergunta irreverente, dizendo que os ratos e baratas roeram as calças de seu traje de rigor. — Todavia, acrescentou, tomei as necessárias providências e, na parada do dia 7, que será das mais brilhantes, comparecerei de fraque. E foi.

NOTICIÁRIO

★ RENATO DA COSTA LIMA, um dos mais famosos «business-man» brasileiros, homem que nem sabe ao certo quanto dinheiro tem, representante do Nelson Rockefeller no Brasil, e que, segundo as más línguas, só compra terras e planta milho híbrido onde o petróleo está roncando lá em baixo, contou-me outro dia, enquanto voávamos para o Paraná, o seguinte episódio acerca de semelhança entre pessoas:

— «Numa das minhas viagens aos Estados Unidos, ainda como Secretário da Agricultura de Garcez, ao desembarcarmos, eu e o Homem de Mello, no aeroporto de Bôca Raton, fui cercado por uma pequena multidão, que aos poucos foi aumentando, cujos componentes, de caderninho em punho, pediam-me autógrafos. Estranhei o negócio, mas fui assinando. De repente, desapontados, começaram a se dispersar, ao verificarem que a assinatura de Renato da Costa Lima era bem diferente da de Orson Welles...»

★ A REVISTA DA SEMANA, graças ao beneplácito do sr. Jorge Joffre da Silva Mello, chefe do Cerimonial do Palácio dos Campos Elíseos, publicará, num dos próximos números, fotografias inéditas e estudos comparativos sobre a ocidentalização do Japão, colhidos, «in loco», por aquele membro da Casa Civil do Governo paulista, quando de sua recente viagem ao Japão, acompanhando a missão brasileira chefiada pelo Ministro do Trabalho.

★ O SR. SOUZA DANTAS FORBES, prefeito de São Vicente, que, graças a uma administração

brilhante e plena de realizações, devolveu o esplendor de outrora à cidade «celula-mater» do Brasil, prepara-se para deixar a Prefeitura. Num dos nossos próximos números, focalizaremos, em reportagem, algumas de suas realizações, para que subsistam como roteiro e exemplo aos que vierem depois.

★ GRAU 10. Causou a mais excelente das impressões nos altos círculos políticos, financeiros e agrícolas de São Paulo, a brilhante exposição do sr. Bento Munhoz da Rocha, Ministro da Agricultura, ao atender o recente chamamento da Câmara Federal. O ilustre filho do Paraná, largamente apartado por deputados das várias correntes com assento no Legislativo Federal, fez das suas explicações uma verdadeira conferência, abordando, com precisos conhecimentos, os mais variados problemas de sua pasta, tais como a construção da rede de silos e frigoríficos, industrialização do gado na zona pastoril, a questão do patriarcado agrícola, do latifúndio e da pequena propriedade rural, bem assim como desenvolveu e explanou outros assuntos do interesse do homem do campo, tudo isso com raro acerto e precisão, que estão a confirmar a sua capacidade como administrador.

COMBATE AO CANCER.

Num atestado de quão vivaz subsiste o sentimento de solidariedade humana, ergue-se imponente, na rua José Getúlio 91, rebrilhando ao sol da Paulicéia, o «Hospital Antônio Prudente», o maior nosocômio para o tratamento especializado do câncer na América do Sul.

Hospital construído com donativos, sonho dourado de D. Carmem Prudente que a generosidade do povo em realidade transformou. Necessita o hospital, de um contínuo afluxo monetário para obom desempenho de suas finalidades. Vamos, pois, amigos, continuar a luta, enviando para lá, endereçado à «Campanha de Combate ao Câncer», qualquer importância, que, por modesta que seja, será bem recebida e abençoada pelo seu caridoso propósito de minorar a dor.



ENTREVISTA DO GOVERNADOR

**EU
SEI
TUDO
OUTUBRO**



**SUPERIORIDADE
DA MULHER
SÔBRE O HOMEM**

**NOVO CLIMA
PARA O PÓLO**

**OS RUSSOS JÁ
FORAM À LUA?**

Puxe pelo cérebro

(NOSSA COLUNA DE TESTES)

- 1) «Má paole d'honneu, c'est incroyable», frase preferida dos:
 - Huguenotes?
 - Incroyables?
 - Gibelinos?
- 2) «O Banqueiro e sua Mulher» — célebre tela de:
 - Quentyn Metsijs?
 - Petrus Cristus?
 - Albert Outwater?
- 3) O Acre passou a pertencer ao Brasil em:
 - 1901?
 - 1909?
 - 1903?
- 4) O verdadeiro nome de Erasmo de Rotterdam era:
 - Geertgen Tot Sint Jan?
 - Geert Groot?
 - Geert Geertzoon?
- 5) «Cisne de Tuonela» é um poema sinfônico de:
 - Sibelius?
 - Delius?
 - Stravinsky?
- 6) «Se o meu verso não deu certo, foi seu ouvido que entortou», verso de autoria de:
 - Drummond de Andrade?
 - Oswald de Andrade?
 - Mário de Andrade?
- 7) «Prefiro Van Gogh a meu pai», teria dito:
 - Derain?
 - Matisse?
 - Vlaminck?
- 8) Sir Baden Powell criou a organização dos:
 - Kamikazes?
 - Escoteiros?
 - Alpinistas?
- 9) Que herói grego passa por ter fundado Lisboa?
 - Jasão?
 - Milo?
 - Ulisses?
- 10) Escreveu o tratado «De Monarchia»:
 - Dante Alighieri?
 - Petrarca?
 - Ariosto?
- 11) Bode foi um célebre:
 - astrólogo?
 - astrônomo?
 - geógrafo?
- 12) Os Árias habitavam:
 - Curdistão?
 - Pérsia?
 - Índia?
- 13) A Exposição Universal de Paris teve lugar em:
 - 1850?
 - 1925?
 - 1900?
- 14) Phtah-Hotep corresponde, na religião egípcia, à divindade grega:
 - Hermes?
 - Esculápio?
 - Júpiter?
- 15) Os avós milenares da atual ciência geográfica chamavam-se:
 - hagiógrafos?
 - logógrafos?
 - pantógrafos?

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginásial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; todas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: 1) Incroyables; 2) Metsijs; 3) 1903; 4) Geert Geertzoon; 5) Sibelius; 6) Drummond de Andrade; 7) Vlaminck; 8) Escoteiros; 9) Ulisses; 10) Dante; 11) Astrônomo; 12) Pérsia; 13) 1900; 14) Esculápio; 15) logógrafos.



"COCKTAIL" AOS EMBAIXADORES DA ITÁLIA — "COMANDOS DO AR"

O sr. e sra. Frânzio Sales estão contentes com o nascimento de uma menina. O sr. e sra. Vicente Galliez, os avós, estão orgulhosíssimos.

★

O sr. e sra. Álvaro Catão já não moram no Flamengo. Mudaram-se para a Urca, onde residem próximos do casal Alberto Proença de Faria.

★

O sr. e sra. Antônio Larragoiti estiveram visitando o Ceará, ocasião em que a escritora Rosalina Coelho Lisboa Larragoiti proferiu conferência sobre Dom Quixote.

★

Brevemente, em benefício das obras da Igreja de Copacabana, teremos a apresentação no Astória (em «vista-vision») da película «Comandos do Ar». O acontecimento está sendo patrocinado pelas sras. Café Filho, Alim Pedro, Flávio Goulart de Andrade, Ari de Castro, Antônio Aciolly Neto, Renato Eugênio Muller e sra. Maria do Vale Barreto Viana. James Stewart e June Allyson.

★

Na semana que passou, casaram-se a srta. Nilza Ferreira da Silva com o sr. Irineu Coli, na Igreja de São Judas Tadeu, filhos do sr. e sra. Reinaldo Lourenço da Silva e do sr. e sra. Domingos Coli. A cerimônia religiosa foi das mais bonitas.

★

A srta. Diva Dolabella afinal resolveu ir para São Paulo. Foi madrinha de uma cerimônia, saiu muito à noite, fez sucesso, enfim, e já está novamente se queimando nas areias do Arpoador.

★

Estêve realmente excelente o «cocktail» que o sr. Carlo Enrico (Harry) Daglioli ofereceu ao Embaixador da Itália e sra. Lanza D'Ajeta. Estiveram presentes o sr. e sra. John Gardner Williams, sr. e sra. Bob Winnans, sr. e sra. Fernando Delamare, S.A.I., Príncipe Dom João de Orleães e Bragança, sr. e sra. Herculano Tomaz

Lopes, sr. e sra. Jorge Eduardo Guinle, sr. e sra. Robert Singery, sr. e sra. Álvaro Catão, sr. e sra. Ari Moura Castro, sr. e sra. Alberto Proença de Faria, sr. e sra. Carlos Guinle, sr. e sra. Ângelo Sertório, sr. e sra. Waldemir Salem, sr. e sra. Adolfo Cláudio Graça Couto, sras. Ivone Monteiro e Lucita Crespi e srs. Fernando Ferreira, Murilo Moreira e Barão Stuckart.

★

O Fluminense Futebol Clube apresentou o seu Teatro Experimental Acadêmico, com a peça de Wilson dos Santos, «Meu Gênio de Aluguel», que contou com o elenco dos alunos da Faculdade de Direito da Universidade do Distrito Federal.

★

O sr. e sra. Eduardo Duvivier deram um jantar elegante e de poucas pessoas que contou com a presença da Princesa Fátima e do Príncipe Dom João de Orleães e Bragança, sra. Ivone Monteiro, sr. e sra. Vítor Lage, Embaixador Antônio Maria e o sr. Harry Stone.

★

A srta. Elizabeth Rizzo aniversariou e recebeu seus amigos na sua bonita casa da Gávea. Estiveram presentes diversos embaixadores e o sr. Jacques Klein dividiu com a aniversariante as atenções da noite.

★

A cronista Dyla Josetti promoveu uma «Hora de Arte» no auditório da Associação Brasileira de Imprensa com suas alunas. Parabéns, colega.

★

O sr. Albino Avelar, diretor do Lagoinha, está organizando uma corrida de automóveis que saíndo do Automóvel Clube, passe pelo Itanhangá e vá terminar no clube de que é diretor.

★

Provocando a maior enchente que já se verificou na Hípica, cantou a Velha Guarda que foi apresentada por Bené Nunes e cumprimentada por Heron Domingues, num rápido e comovido «boa noite».

A sra. Naná Winans reuniu os cronistas para explicar como será a festa que ela, a sra. Helena Nobre e os srs. Raimundo de Castro Maia e Wlademir Alves de Souza pretendem realizar no Largo do Boticário. Para a primeira quinzena de outubro, teremos perto de quinhentas mesas, senhoras desfilando com vestimentas inspiradas em Debret, fundo musical de Paulinho Soledade e um «menu» cem por cento brasileiro. Ah! o que é mais importante, a grande categoria da sra. Naná Winans, considerada, muito justamente, a melhor «hostess» do Rio.

★

Um grupo de jornalistas reuniu-se no Country Club, a convite do sr. João Alberto Leite Barbosa num jantar que teve a presidência do sr. Vicente Galliez e serviu para discutir as bases do lançamento da Fundação do Teatro de Arte. Estiveram presentes a cronista Lessa, escritora Diná Silveira de Queiroz, sr. e sra. Aciolly Neto, escritora Lúcia Benedetti, Raimundo Magalhães Júnior, Wlademir Alves de Souza, Alfredo Tomé e os cronistas Jacinto de Thorntes, Ibrahim Sued e Roberto Vasconcelos. Resolveu-se que dia vinte será o lançamento oficial.

★

O fato é que a viajante já está de volta. O sr. Tony Mayrink Veiga teve um «pega» com o sr. Ricardinho Fazanelo, por causa da bonita srta. Carmem Terezinha Solbiati e parece que teve a vantagem (moral) do caso, pois, no dia que a jovem paulista chegou de sua terra, eles foram vistos jantando juntos. Na noite seguinte, «Sacha's».

Mas, repetimos, o fato é que a viajante está de volta. Já está chegando...

Vai haver o diabo.

★

Infelizmente, o sr. Mário de Azevedo Ribeiro não aceitará a indicação de seu nome para reeleição à presidência do Jockey Club. Trata-se de um excelente administrador.

E já que estamos noticiando sobre o Jockey, vamos falar da viagem que o sr. Francisco Eduardo de Paula Machado, um dos mais elegantes solteiros do Rio, está fazendo pela Europa. Demora-se um mês.



● Da sua última estada no Brasil, é a foto que fixa Walter Pidgeon, sras. Horácio Klabin, Stucken e o sr. e sra. Hugo Pinheiro Guimarães. (Foto «Rio-Magazine»).



● Conversando anidamanente, durante um «cocktail», vemos o senhor e senhora Paulo Sampaio, senhora Brigadeiro Assis Melo e sr. John Gillett. (Foto «Rio-Magazine»).



Cleyde Jaconis e Walmor Chagas valorizam seus personagens.



Walmor Chagas (Môscã) e Ziembinski (Volpone) dividem os louros.

UMA NOITE COM VOLPONE

DE BEN JONSON A STEFAN ZWEIG ★ DAS TRADUÇÕES E SEUS HERÓIS ★ SUCESSO DUPLO DE ZIEMBINSKI: COMO DIRETOR E A TOR ★ FIGURINOS DE VEBER E MAQUILAGENS DE TYMOSCZENKO, EXCELENTES ★ QUANDO

UMA EQUIPE E UM TEXTO SE IGUALAM EM VALOR ★ O T.B.C. CONTINUA A FAZER O MELHOR TEATRO ★ COMÉDIA DE GENTE SEM CORAÇÃO ★ LOCAL: VENEZA ★ ÉPOCA: RENASCENÇA TEMPO: ALEGRO VIVACE

Texto de VAN JAFFA

O Teatro Brasileiro de Comédia, na sua sede à rua Major Diogo, em São Paulo, continua em seu propósito de fazer a melhor qualidade de teatro. Com «Volpone» — seu presente cartaz — dá-nos mais um atestado de seu lema e de seu propósito, os quais têm mantido até aos dias que correm a sua legenda brilhante: T.B.C.

● DE BEN JONSON A ZWEIG — Benjamin Jonson, na intimidade célebre Ben, poeta e dramaturgo inglês, foi contemporâneo e rival de Shakespeare. Foi muitas coisas antes de ser autor. Jaime I distinguiu-o, empregando Ben, na sua Corte, no «Departamento» de diversões palacianas. Em sua bagagem literária conta-se «Cada qual fora do seu caráter», «Poetastro», «Festas de Cintia», «Sejano», «O Pastor Melancólico»,

e «Volpone, ou a Rapôsa», que foi representada pela primeira vez em 1606. Ben Jonson terminou seus dias paralisado e na miséria. Ao que tudo indica, Ben Jonson inspirou-se, para a sua peça, numa lenda antiga. Obra característica do teatro elizabetano, «Volpone» mereceu uma adaptação livre de Jules Romains e Stefan Zweig. A adaptação do escritor francês é mais uma tradução da versão que Zweig fez, inspirado diretamente na peça de Jonson. De qualquer forma, a versão que o T.B.C. encena é a de Zweig, e foi traduzida diretamente do alemão por Mário da Silva e Brutus Pedreira.

● DAS TRADUÇÕES E SEUS HERÓIS — Traduzir sem trair é quase sempre pouco provável. Contudo, tanto Brutus Pedreira como Mário da Silva têm-se distinguido pela probidade de suas traduções. Indo dire-



Ziembski, um Volpone inesquecível. E um diretor competente. Colaborou grandemente para o êxito do espetáculo.

tamente às fontes, procurando não fazer tradução das traduções. É costume comparar-se as traduções às mulheres: quando fiéis, não são bonitas, e quando bonitas não são fiéis. «Se non è vero, è bene provato». Mas tal não acontece com a tradução de Da Silva e Pedreira, que é fiel ao texto e simultaneamente bonita, pois contorna inteligentemente todas as dificuldades do texto ingrato, repleto de expressões fortes. Esta mesma versão foi filmada pelo cinema francês com Harry Baur e Louis Jouvet.

● **VEBER E TYMOSZCZENKO** — Tanto os figurinos de Michel Veber são bem idealizados como as maquilagens de Leontij Tymoszczenko são expressivas e excelentes. É também digno de registro o trabalho cênico de Mauro Francini.

● **QUANDO UMA EQUIPE...** — Com «Volpone» verificamos quando uma equipe mede valor com o texto. Ziembski dirige com mestria o espe-

táculo, orientando todos os setores com uma riqueza imensa de detalhes. Adiciona a esse fato uma soberba performance pessoal. O moço Waldemar Chagas confirma prognósticos evidenciados em «Santa Marta Fabril S.A.». Cleyde Jaconis continua conquistando aplausos. Freddy Kleemann, num dos melhores instantes de sua carreira de ator característico. Waldemar Wey também extraordinário, num difícil papel de composição, e divertidíssimo. Elizabeth Henried convincente na jovem esposa de Luís Linhares, que compõe bem o inescrupuloso Corvino. Leonardo Vilar faz um juiz antológico, justificando seus prêmios. Comparecem ainda Jorge Chaia, Maria Célia Camargo, Guilherme Correia, Mário Gonçalves, Reinaldo Lopes, Atílio del Fiore, Zeluz Pinho, Rita Cléos, etc. «Volpone» é um espetáculo digno, que o T.B.C. da rua Major Diogo montou com muita classe. É considerada uma comédia de gente sem coração, passada em Veneza, durante a Renascença. Tudo em tempo alegre vivace.



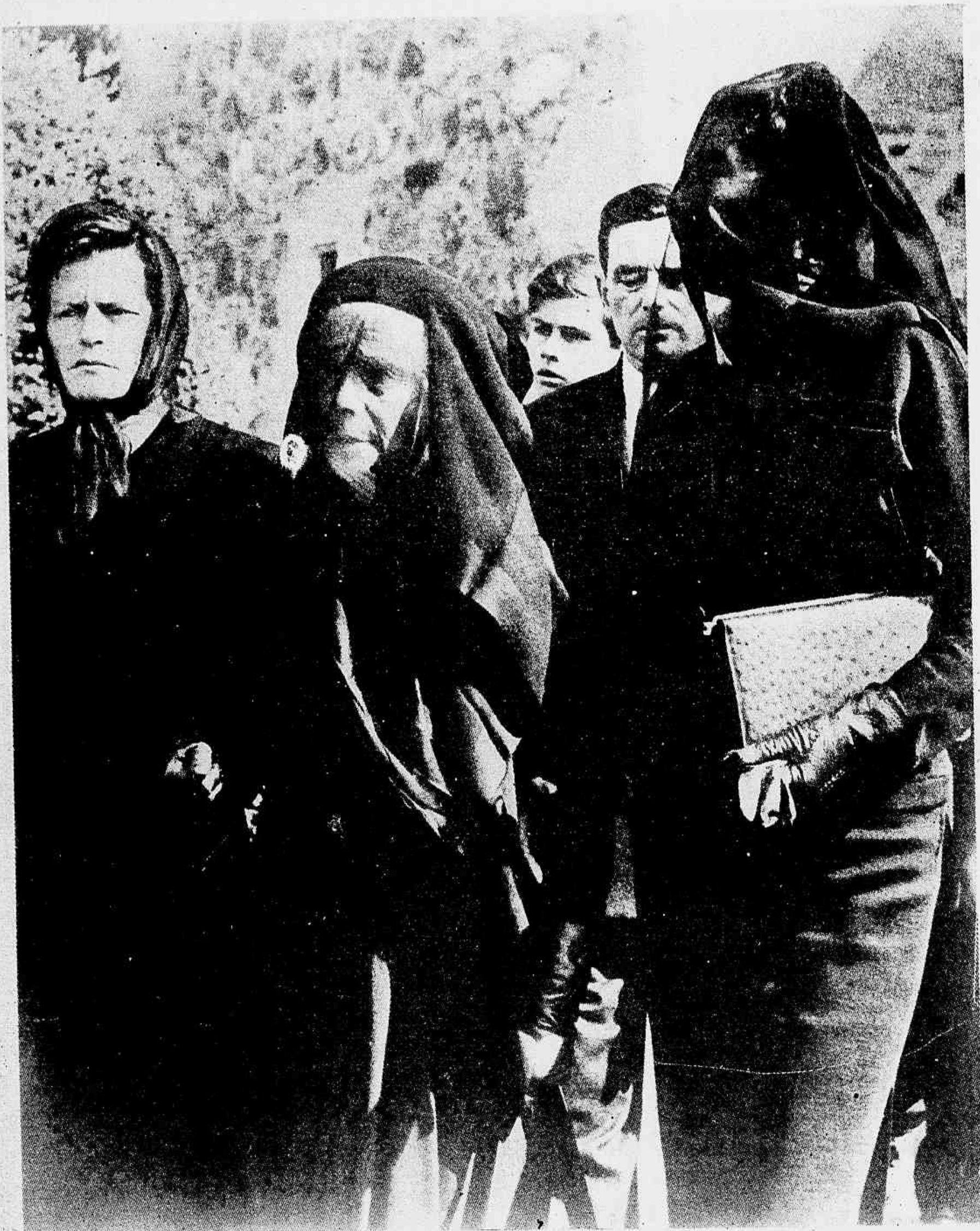
Freddy Kleemann num dos melhores instantes de sua carreira.



Elizabeth Henried e Luís Linhares dentro de seus papéis muito bem.



Waldemar Wey, irresistível de comicidade no interessante Corbaccio.



A MORTE EM ZURICH — Faleceu Thomas Mann, um dos maiores escritores de língua alemã de todos os tempos. Seu primeiro trabalho, «Os Buddenbrook», foi um êxito mundial. Após viriam todo o ciclo de José, a «Morte em Veneza», a «Montanha Mágica», etc. Já octogenário, ainda desenvolvia grande atividade literária, tendo deixado um romance inacabado. Mann era filho de brasileira, e sempre desejou conhecer o Brasil. Aqui vemos um detalhe do entêrro, e sua última foto.



POR ÊSSE MUNDO DE DEUS

EIS SOPHIA LOREN, tal como aparece em seu último filme, sobre a vida de Cleópatra, a famosa rainha do Egito que enfeitiçou Júlio César e Marco Antônio. Dizem que o nariz de Cleópatra não era absolutamente bonito. Mas a essa altura, quem é que olha para o seu nariz?



**UM SEGUNDO
ANTES DA MORTE**

PENA DE TALIÃO

COMO O CHILE ESTÁ RESOLVENDO O PROBLEMA DA CRIMINALIDADE

O CHILE É UMA FAIXA estreita de terra, situada a oeste da América do Sul. O solo é vulcânico, e os temperamentos também. Por isso, talvez, é que nos últimos tempos o país venha atravessando tantas crises e agitações. Greves se declaram inopinadamente, distúrbios políticos arrebatam, toda a república está em convulsões. Em tais climas, claro que a criminalidade terá de aumentar. E para combatê-la, só mesmo uma legislação severa, como a que o país agora possui. Um ladrão e assassino, como Ricardo Portales (cujos últimos instantes aqui reproduzimos), paga diante do pelotão de fuzilamento, com a própria vida que não soube respeitar. Há também, ultimamente, a câmara de gás, para casos mais graves. O Chile busca resolver seus problemas.



NA FOTO de cima, à esquerda, Portales é atado vigorosamente pelos «carabineros» a um poste; sobre seu coração, um alvo foi nitidamente desenhado, e uma venda tolda-lhe a visão. Na fotografia maior, o exato instante em que os fuzis se preparavam para disparar, tendo como objetivo o pequenino círculo escuro. Finalmente, à direita, no canto, um médico constata a morte de um criminoso. A pena de morte será a solução?





DE ALIANÇA NO DEDO, felizes da vida, eis aí
os noivos para a clássica foto no álbum. A vida
está cara, mas o amor desconhece economias.

VAI CASAR-SE A FILHA DE OSCARITO

O ROMANCE COM O LOCUTOR COMEÇOU NA TELEVISÃO ★ TODO MUNDO PENSAVA QUE O NOIVO FOSSE ADRIANO REIS ★ O CASAMENTO (QUE SERÁ NO ANO QUE VEM) NÃO INTERROMPERÁ AS ATIVIDADES ARTÍSTICAS DE MIRYAM THERESA ★ ORIOVALDO VARGAS, O NOIVO MAIS FELIZ DO MUNDO

Reportagem de FERNANDO CORRÊA

Fotos de SÉRGIO ANDRADE

A coisa aconteceu no tumultuoso mês de agosto que passou. Foi tudo acidental, como soem acontecer as coisas. Ele tinha acabado de apresentar o programa «Fantasias» e dirigiu-se a outro estúdio da televisão, no qual ela apresentaria a audição do Edu da gaita. Cumprimentaram-se (talvez pela primeira vez, quem sabe) e iniciaram uma palestra. A conversa foi escorrendo gostosamente até que ambos foram interrompidos sem-cerimoniosamente pela contra-regra: «Tá na hora de entrar o Edu, minha gente!» Ela foi. Ele ficou, já sentindo saudades do seu riso garoto e da sua voz musical. Agora não prestava mais atenção ao Edu que fazia prodígios com a gaita. Só tinha olhos para ela. Só observava a figurinha graciosa que era acessório do programa e que para ele, instantaneamente, se transformou em estrela da audição. O fim do programa, com o reinício da conversa que haviam iniciado momentos antes, marcou verdadeiramente o começo do romance que os empolgaria dali por diante e que seria selado um ano depois com a promessa de casamento.

x x x

Ele é Oriovaldo Vargas, paulista de Sorocaba, com 25 anos de idade. Figura conhecida no mundo esportivo, por suas atuações na Rádio Tamoio, é também elemento dos mais populares da televisão onde já atua há bastante tempo, tendo, inclusive, feito algumas pontinhas como tele-ator. Ingressou no rádio em 1950, através da Tupi, em circunstâncias curiosas. Estando Onéssimo Gomes (naquela ocasião assistente da direção artística da G-3) procurando um substituto para o locutor Fernando José, que sofrera um ataque de sinusite em pleno microfone e estava impossibilitado de falar, foi jogado ao microfone sem qualquer treino. Saiu-se a contento e no dia seguinte firmou o seu primeiro contrato radiofônico. Desde então, tem empregado suas atividades no rádio. Agora, além da televisão, empresta sua colaboração à empresa As Propaganda, onde chefia a seção de rádio e TV.

x x x

Ela é Miryam Theresa Dias, carioca de 20 anos. Filha de Oscarito e de Margô Louro, figuras queridíssimas dos nossos palcos, teria fatalmen-

te de seguir a carreira dos pais. Mas, para conseguir o seu objetivo teve de lutar muito. Motivo? Oscarito conhecia-lhe as qualidades artísticas, mas receava que ela não tivesse sorte, como tem acontecido com muita gente boa. No ano que passou, porém, Miryam conseguiu vencer a obstinação paterna, tendo estreado ao lado do papai e da mamãe na peça «Cupim», que foi um dos grandes êxitos na carreira do popular cômico. Depois, ainda ao lado de Margô e Oscarito, apareceu destacadamente na comédia «O Golpe», que rende mais de dois milhões de cruzeiros no Teatro Glória. Vale assinalar que, depois de sua estréia, circularam boatos de que ela teria iniciado um romance com o jovem ator Adriano Reis, que figurava no elenco encabeçado por Oscarito. Disposta a não dar publicidade ao seu namoro com Oriovaldo Vargas, Miryam não procurou desmentir



OS PRESENTES FORAM em grande número. O noiva parece estar pensando na vida futura, mas está é de queixo caído de felicidade.

a onda de boatos que envolvia o seu nome. Por isso, seu noivado com o locutor foi recebido nos meios artísticos com verdadeira surpresa.

x x x

Agora, no 4º andar do Edifício Rio-São Paulo, cercado pelos pais e por destacadas figuras do rádio, cinema, televisão e teatro (entre os quais estão Heloísa Helena, Paulo Magalhães, Rodol-

fo e Lourdes Mayer, José Carlos Manga, Inalda de Carvalho, Oduvaldo Viana e senhora, Cil Farney, Fada Santoro, Afonso Stuart, Adriano Reis, Henriqueta Briebe, Haydée Miranda e Fernando Garcia, além de outros convidados), os noivos palestram com o repórter após a cerimônia da colocação das alianças

— Quando será o casamento? — quer saber o repórter.

— Ano que vem — informa Oriovaldo.

Miryam, porém, esclarece:

— Mas ainda não escolhemos mês nem dia.

— Depois de casada você continuará no teatro, Miryam?

Ela fita carinhosamente o noivo e responde:

— Pretendo continuar, sim. Acredito que as atividades artísticas não prejudiquem a felicidade conjugal. Quando há compreensão, corre tudo às mil maravilhas. E o Oriovaldo é compreensivo...

Ele recebe o elogio com satisfação. Os dois riem. Depois ela sussurra qualquer coisa no ouvido dele. Oriovaldo, então, toma a palavra:

— Ah, é verdade. Planejamos trabalhar juntos na televisão, coisa que só fizemos uma vez, por ocasião da estréia de Caubi Peixoto no Canal 6. Nessa oportunidade, talvez propositadamente, fizemos o papel de um par de namorados...

Oscarito, que ouvia tudo silenciosamente e aprovava as declarações da filha e do futuro genro com um leve menear de cabeça, aproveitou o ensejo para dizer

— Bem, a Miryam nesse caso terá de dividir-se entre o palco e o vídeo, pois desejo que ela permaneça atuando no elenco da família. Estou falando como colega e não como pai...

Todos riram diante da observação do popular comediante. E, no meio das risadas, Margô Louro acentuou com muita jovialidade:

— Mesmo porque, nós consideramos a Miryam a nossa melhor contribuição para o teatro brasileiro.

Novas gargalhadas espoucaram no elegante apartamento da Avenida Atlântica e Oriovaldo, com os olhos brilhando de felicidade, fez questão de declarar:

— Eles são os melhores sogros do mundo!

NOTICIÁRIO ★ CONCURSOS ★ CARTAZES ★ RÁDIO ★ TEATRO ★ CARTAZES ★ HUMORISMO

RÁDIO RECORD

de São Paulo

que **VOCÊ** ouvirá

em qualquer

EXPERIMENTE!

ondas curtas — 19, 25, 31 e 49 metros

RÁDIO ★ TEATRO ★ MÚSICA ★ HUMORISMO ★ ESPORTES ★ NOTICIÁRIO ★ TEATRO

BOLIVAR COSTA

ERIK SATIE — UM GÊNIO ESQUECIDO

Individualista apaixonado — como éle próprio confessa — participa do frenético e diabólico carnaval que o século XIX agonizante inaugurou. E essa embriaguês intempestiva e visionária cruzou as linhas da loucura criadora da época: Baudelaire, Rimbaud, Lautréamont, Jarry, e ao lado deles Erik Satie.

Nascido em Honfleur no ano de 1866, Satie estudou piano e harmonia no Conservatório de Paris. Muito antes de completar 24 anos produziu obras de real valor, como as «Ogivas», «Sarah». Mais tarde encontra-se com Claude Debussy uma verdadeira revelação. É também nessa a santes composições «místicas»: «Le Fils des «Préludes».

A seguir vêm «Les Pièces», nas quais Satie apresenta uma arte mais livre e mais suave do que as composições hieráticas do período anterior. O ballet «Jack in the Box», a ópera miniatura «Geneviève de Brabant» e as «Chansons» representam o fim de uma etapa criadora. Satie sente uma profunda inquietação espiritual que culmina com o retorno aos estudos musicais (fato que ocorreu depois dos quarenta anos de idade). E em 1905 matricula-se na «Schola Cantorum», onde, durante três anos, estuda contraponto e se aprofunda em harmonia.

Nas vésperas da Primeira Grande Guerra entra em contacto com Maurice Ravel, que se torna um de seus admiradores. Porém nada disso impressiona Satie, que desliza para o puro radicalismo estético, fundando uma autêntica escola em Arcueil.

A partir desse período processa-se um notável movimento ascendente na carreira do exaltado compositor: «Veritables Flâques Pour Um Chien», «Le Piège de Meduse», «Divertissements», etc.

Entretanto, é o ballet «Parade» que provoca sensação no mundo musical. Com coreografia de Diaghilev e a preciosa colaboração de Cocteau e Picasso, êsse é considerado o primeiro ballet «moderno». E o escândalo atinge suas últimas consequências com um processo judicial movido pelo crítico musical Jean Poueigh contra o autor, que villipendia os seus antagonistas com extrema agressividade. Mas a jovem intelectualidade francesa toma partido ao lado de Satie, que sob o influxo dêsse estímulo, produz sua obra-prima: «Socrates». Drama sinfônico baseado nos Diálogos de Platão, essa obra admirável desorienta tôda a crítica, suscitando Auric, Francis Poulanc, Darius Milhaud, Arthur Honegger, Germaine Tailleferre, os mais contraditórios debates. E em 1919, os jovens compositores franceses Georges Louis Dury, agrupam-se em torno de Satie formando o chamado «grupo dos seis».

Como assíduo colaborador nas publicações dadaístas, Satie defende ardorosamente Arnold Schoenberg e exalta o valor da nova música. E, por outro lado, ataca violentamente Ravel e seus seguidores.

Um ano antes de sua morte apresenta o ballet «Relâche» com a colaboração de Picabia, de quem recebe poderosa influência. E encerra a sua carreira de compositor com a música do filme «Entre'acte», a primeira música cinematográfica da história.

No dia 1º de julho de 1925 morre num leito do hospital de Saint Joseph, deixando à nova e brilhante geração de compositores franceses a tarefa de propagar suas revolucionárias idéias.



Projet pour un buste de M.

Erik SATIE

(peint par lui-même),
avec une persée:
"Je suis venu au monde
très jeune dans un
temps très vieux."

DISCOGRAFIA

A discografia de Erik Satie é bastante reduzida. Uma de suas mais importantes obras para orquestra, o ballet «Parade», foi incluída por Igor Markévitch em seu programa «Hommage a Diaghilev» (Columbia FCX-357).

As três «Gymnopedies», primitivamente compostas para piano mas que foram orquestradas por Debussy, encontram-se gravadas num disco editado nos Estados Unidos, sob o título de «Modern French Music» (Capitol P-8244).

«Socrates», obra-prima lírica de Satie, foi gravada sob a direção de Leibowitz (Contrepoint MC-20006).

Existe ainda um disco intitulado «Musique d'Erik Satie» que compreende várias peças para piano a duas e a quatro mãos, interpretadas por Hélène Boch e Serge Nigg. Christiane Castelli gravou no mesmo disco três das mais célebres melodias do compositor: «La Statue de Bronze», «Le Chapelier» e «Daphne» (Chant du Monde LDA-4003).

NÃO É FÁCIL FAZER TELEVISÃO

● Distrair o público, é tarefa bastante árdua, sendo necessária muita imaginação para que as idéias não se repitam e acabem cansando ao espectador. Portanto não é fácil o trabalho dos produtores e artistas de TV que, diariamente, durante quase seis horas consecutivas, procuram dar aos seus sintonizadores momentos de entretenimento. Tudo nas apresentações de televisão tem que ser estudado minuciosamente, desde a programação até ao modo de vestir ou falar dos artistas. É preciso ter sempre em mente que o espectador está de olhos e ouvidos atentos e portanto nota, sem dificuldade, quando um mesmo vestido do guarda-roupa da estação é usado por vários artistas, em uma ficando folgado, e, quando se trata de traje de rigor, a pobre tem que ter o máximo cuidado ao andar, para não tropeçar na fazenda que sobra aos pés. Quando a moça é mais alta e forte, a saia bate-lhe pelos tornozelos e o corpo fica bastante justo, criando graves problemas para que as cantoras ou locutores possam movimentar-se livremente.

● A principal preocupação dos cantores que aparecem em programas variados, dois ou três por semana, deve se atualizar ao máximo o repertório para não acontecer o que se passa frequentemente, intérpretes que não são dos mais simpáticos e a quem o telespectador é obrigado a ver interpretando sempre os mesmos números. Os programas que se prolongam por vários meses e até anos, acabam cansando ao espectador que assiste sempre à mesma história e ao produtor que, sem idéia, apresenta os temas mais bobos e desinteressantes, como acontece com as apresentações de «Alô Doçura». Mesmo os fãs de Aidée Miranda e Paulo Maurício já lamentam que os artistas interpretem sempre o papel dos namorados que brigam muito, mas no fim fazem as pazes e Maurício encerra o programa com a clássica frase «Alô Doçura», dirigida a Aidée. Deve-se ressaltar o esforço das emissoras que, atravessando um grande número de dificuldades, permanecem firmes na sua decisão de entreter aos espectadores, mas, justamente porque o esforço é grande, deve ser aproveitado ao máximo, em programas cada vez melhores e mais cuidados.

Novidades

As sextas-feiras e domingos toca na TV-Tupi o clarinetista Zacarias com o seu conjunto. Trata-se de mais um interessante programa para os apreciadores da música popular, apresentada por um dos seus melhores intérpretes.

No dia 4 voltou à TV-Tupi Leny Eversong, depois de uma excursão pelo Uruguai. A artista de quem os espectadores já estavam saudosos, agora canta aos domingos, apresentada por Heloísa Helena, que, como novidade, na noite de estréia, com ela interpretou um número, agradando bastante.

O programa da TV-Tupi «Tele Semana Garçon», tem agora uma nova seção, apresentada por Jair Martins, com o título de «Cidade Maravilhosa». Quando o locutor apareceu ante as

câmaras contando aos espectadores de que iria tratar, a primeira impressão foi ótima. Pensamos que finalmente alguém iria falar das belezas da nossa cidade pois, queiram ou não, ela continua sendo Maravilhosa. Mas não: infelizmente não é esse o propósito desse moço que, com ironia, apresentou alguns dos já tão comentados problemas da cidade e que aliás existem em todas as grandes metrópoles.

Se ao menos fizesse uma campanha procurando apresentar soluções para resolver os impasses, louvaríamos a sua atitude mas, o que o infeliz autor da idéia deseja é que os ouvintes mandem recortes e contem algumas das misérias dos seus bairros para que ele as ridicularize ante as câmaras.

Penar que um programa interessante, em que são apresentadas entrevistas sérias com pessoas de destaque de todos os meios sociais, sejam desperdiçados preciosos minutos com uma seção dessa espécie.

GRAU DEZ:

★ Para as exibições de Antônio Prieto que, por cerca de um mês, foi contratado da TV-Tupi. O cantor, com boa figura, agradou muito interpretando boleros e canções românticas. Os cenários e as apresentações do artista feitas pela sempre simpática Lídia Matos, valorizam em muito os números do cantor de voz suave.

★ Para o programa interpretado pela Banda do Corpo de Bombeiros, na TV-Rio. Essa emissora tem apresentado algumas das nossas corporações como a Polícia Militar e o Corpo de Bombeiros em facetas completamente desconhecidas para o público, tornando-as ainda mais simpáticas aos seus olhos.

★ Para «Adivinhe o que ele faz», que em uma de suas exibições teve como participantes da comissão, encarregada de descobrir as profissões dos candidatos, Elsie Lessa, Al Neto e Max Nunes. Como os leitores vêem, o grupo era ótimo, mas as profissões eram mesmo originais e não foi fácil descobri-las. Heloísa Helena, a animadora, nas últimas apresentações do programa o tem feito de maneira bem mais simples e simpática.

★ Para «Encontro com o Ari», ainda na TV-Tupi. É sempre agradável ao espectador ver e ouvir o nosso grande compositor interpretando números novos e recordando os antigos, bem como falando da gente do tempo de Carmem Miranda, Sinhô e muitos outros.

VAMOS MELHORAR?

Aidée Miranda, com sua beleza e extraordinária simpatia, é uma das melhores locutoras e animadoras da TV-Tupi. A moça tem mesmo grande número de admiradores que correm para junto dos receptores, quando ela aparece no vídeo. Talvez por ser de temperamento naturalmente alegre, Aidée apresenta-se ante as câmaras sempre rindo, e às vezes por demais. Que tal moderar-se um pouco?

Semanas atrás nos referimos à estréia de uma cantora e rumbeira cubana (será mesmo?) que tem dançado em programas da TV-Tupi.

A moça agora aparece com destaque aos domingos, no «Tele Semana», e é pena que em nada tenha melhorado. Continua dançando mambos e rumbas com movimentos bruscos, sem nenhuma graça; vestindo-se com alguma falta de gosto e cantando com o seu fiozinho de voz que os microfones pouco conseguem ampliar.



Antônio Prieto interpretando um dos seus bonitos números. Como se nota, os cenários mudados a cada novo número, estavam bem de acordo com o estilo das canções interpretadas pelo criador de «Violetas Imperiais». À direita: Ante à câmara da TV-Tupi, Nancy Montez, dançando e cantando.

Madeleine Rosay cria:



O ballet produz verdadeiros milagres quando praticado de forma comedida e bem orientada. O corpo adquire maior elasticidade, e os movimentos tornam-se mais belos e feminis.

NOVA GERAÇÃO PARA O BALLET

● Quando por indicação médica os pais de Madeleine Rosay entregaram sua filha aos benefícios do bailado clássico, rítmico e bem orientado, os outros parentes cerraram-lhe as portas.

No palco, em pouco tempo, estaria perdida!

E' a prática do ballet, hoje em dia, entretanto, como o foram o estudo de línguas, as noções de bordado e as aulas de piano, outrora, mister da educação da jovem de nossa melhor sociedade. Vencen-

do os preconceitos de várias gerações, veio a dança clássica sobrepujar aos escrúpulos do pai zeloso pela reputação da filha, propenso em não deixar, fôsse quem fôsse, apreciar as evoluções artísticas de sua garôta frente a uma platéia. O palco... Fantasma lodoso e de maus instintos para um chefe de família honrado. E os braços de Terpsicore não recebiam mais o aconchego das meninas de boa família. Música sempre fôra uma divindade, a dança, porém, era ato indecoroso e digno de ser banido custasse o que custasse.

Texto de SÉRGIO SILVEIRA

Fotos de ALBERTO FERREIRA



As jovens da Academia Madeleine Rosay orgulham-se em poder apresentar o aspecto saudável daqueles que têm por lema o cultivo do espírito paralelo ao do corpo. E, sorrindo, bem o demonstram na fotografia.

BALLET



Madeleine chama a isso passo de «grande-lêre». Separem na elegância e no estilo das garôtas. Sincronização perfeita de movimentos, intercalados

Os tempos passaram. A mentalidade evoluiu e já neste século, o ballet foi perdendo as suas características periticas. Os parentes de Madeleine, enganaram-se. Em pouco tempo ela surpreendia seus mestres, ganhava prêmios, técnica e aos poucos, fama. Começou a ganhar de glórias. Dançou com gente de bom e mau caráter. E analisou... e venceu. Seu nome ganhou evidência. Sua exuberância no dançar, sua simpatia no agradecer, a graça de seus movimentos, fizeram da menina requinta a quem o médico recitou o ballet, a aplaudida bailarina brasileira.

E Madeleine Sosa, quem, no momento, por intermédio de sua Academia procura mostrar dando-se como exemplo, a graça e a elegância para o perfeito desenvolvimento físico da mulher.

O salão espelhado da Academia Madeleine Sosa estava em dia de aula. Eram garôtas, bonitas e graciosas, que recebiam os ensinamentos da mestre famosa. Empunhando o bastão de marcar a cadência, gesticulando, de calças compridas, radiante, Madeleine é a mesma de quando no palco.

A professora sorri à nossa entrada, e a aula continua. É a turma de traje azul (a mais adiantada) a que se exhibe. Fim dos exercícios, uma das assistentes arma os grupos para o fotografar, enquanto Madeleine quer saber a nossa impressão.

— Enão gostaram? Virem bem como estão «cabeças» as minhas meninas.

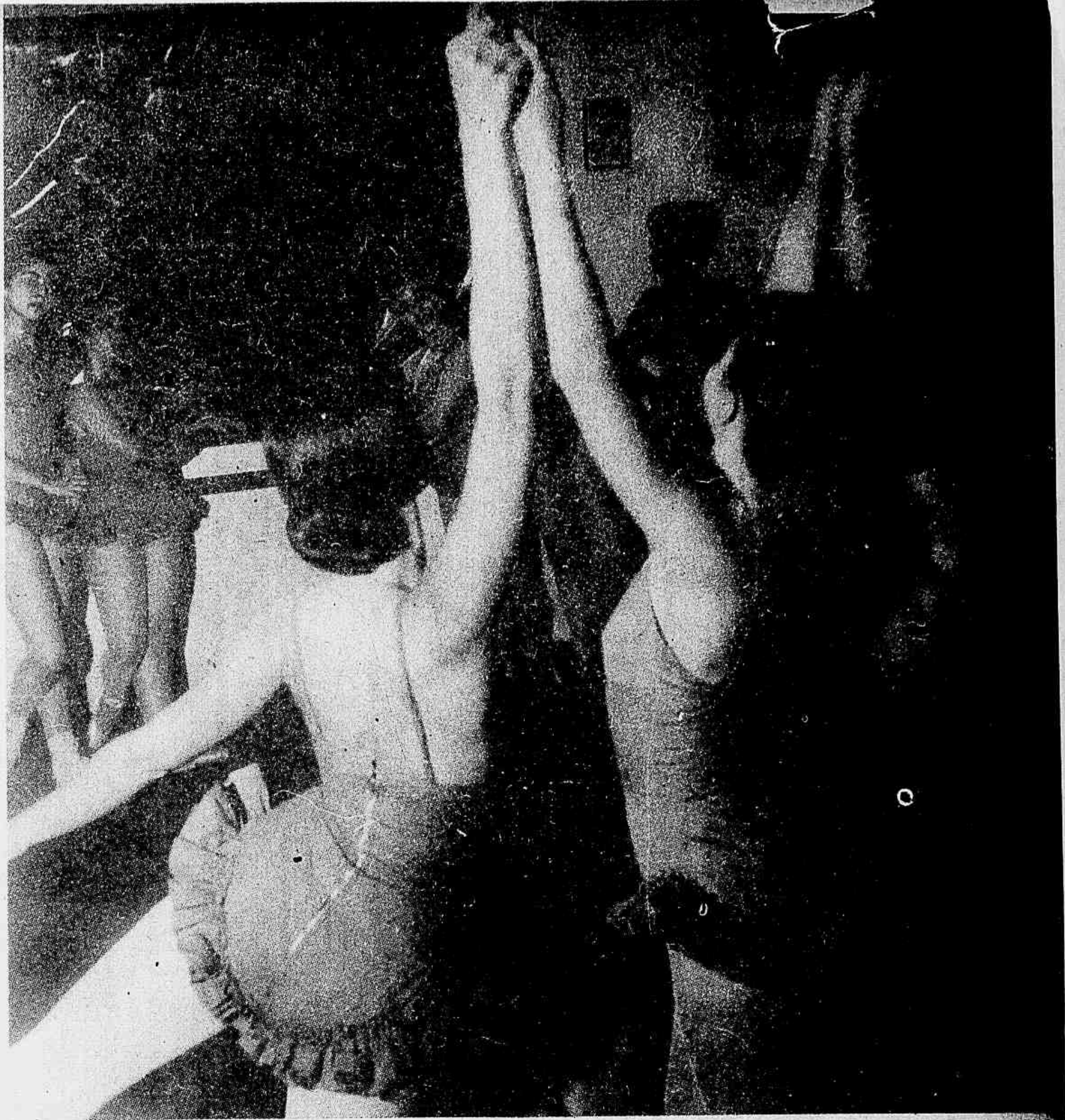
E respiramos a fundo.

— Não é a moçoquinha vel, os estôrgos de minhas pupilas bem sucedidos?

— Sem dúvida... Uma perfeição!

— Perfeição, sim senhor! Perfeição harmônica de ritmo, movimentos e plástica. E tudo graças ao ballet. Você não imagina o meu contentamento em concretizar um velho sonho: ter a minha Academia, onde eu possa transmitir tudo aquilo que a dança clássica me proporcionou de bom, de saudável e de elegante. Criada nos modernos moldes de organização, em cinco anos, pretendo preparar uma nova geração de bailarinas para o Brasil.

Casos verdadeiramente milagrosos de cura de asma já se têm verificado sob a minha orientação em minhas próprias aulas. E não é só para futuros profissionais que o meu curso foi criado, mas para aqueles que tenham vontade de possuir boa postura, exuberância plástica ou coleção de certos virtuosos êxtases. O ballet, sob certos aspectos, produz milagres.



A bailarina clássica de nossos tempos não mais possui pernas musculosas e o corpo caracterizado por membros curtos. Ao contrário, o tipo predominante na garôta do ballet é o esguio, esbelto, sendo o desenvolvimento dos músculos praticados no sentido longitudinal, bem diferente das bailarinas russas de época passada.

fileira por fileira. E' deslumbrante tanta belêza...

A porta do salão foi empurrada, e, lá de fora, um borborinho crescente vem interromper o palestra. Eram as garotinhas de traje negro (as do curso de iniciação). Entraram em alarido e foram trocar de roupa.

Madeleine levou as mãos a cabeça:

— Agora é que você vai ver o que é trabalho...

E saiu apressada para atender ao grupo das faladeiras e dengosas alunas. Quando voltou, sempre apressada, foi logo dizendo:

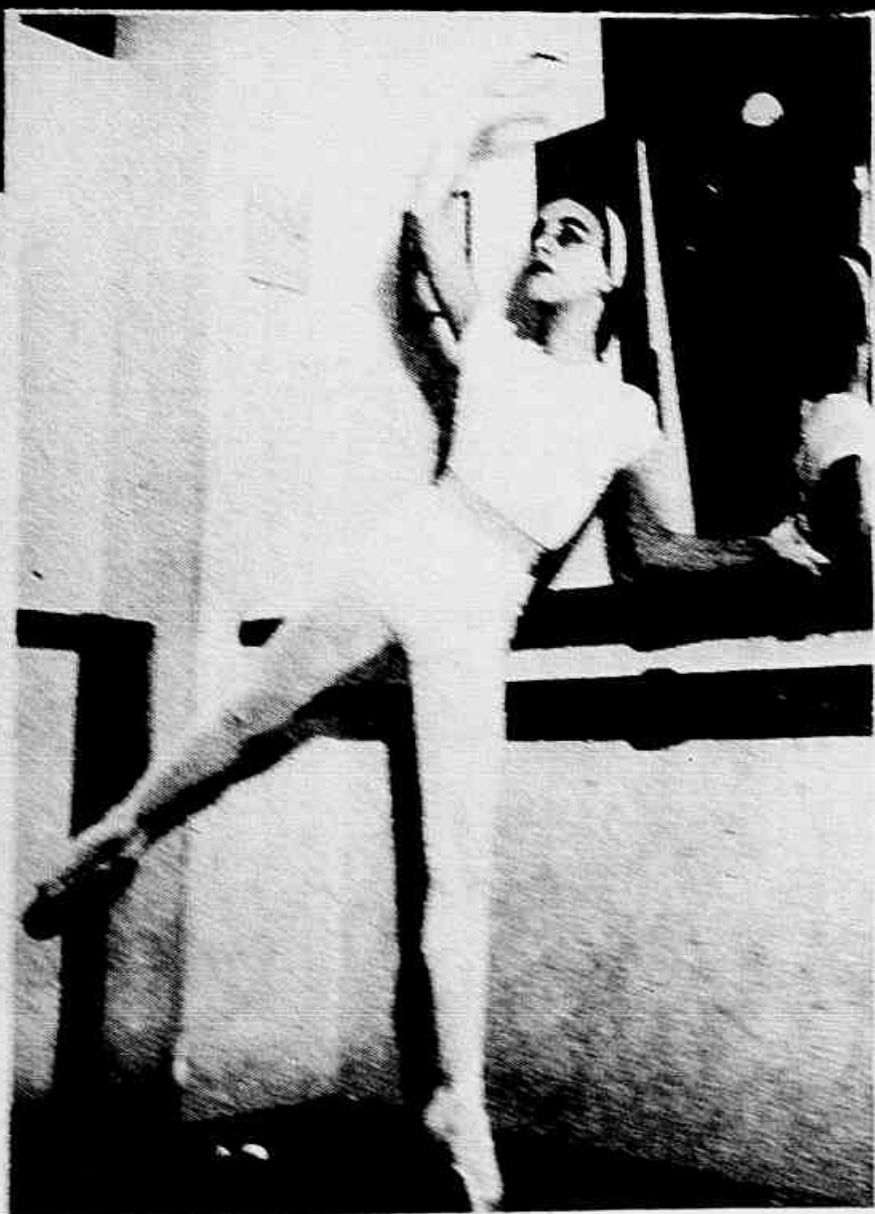
— As crianças foram sempre o meu fraco. Aliás, foi por causa delas que entrei para a TV e a elas dedico dois de meus programas: «Teatrinho Peteleco» e «Nossos Filhos». O próprio «Advinhe o que ele faz» tem, também, muito dos jogos infantis. Nova turma de garôtas pene-



BALLET



Divididas em turmas de três, segundo o grau de adiantamento, as alunas de Madeleine Rosay possuem exercícios diferentes. Essas, pertencem ao grupo rosa.



trou no salão. As de cor de rosa, turma intermediária entre a iniciação e o aperfeiçoamento.

Gardas, gardas, só gardas. Estranhamos a falta do elemento masculino na Academia. Madeleine explica:

Esse é um problema que pretendo resolver. Inclusive, ainda a prática do ballet é exer-

cida quase que unicamente por moças. Existe um preconceito de parte dos rapazes em estudar dança clássica, até certo ponto aceitável. Dizer que o ballet feminiliza o homem, é falso. No entanto, para que tal não aconteça, faz-se necessária a orientação do aluno por mestres de qualidades artísticas inegáveis, mas, acima de tudo, que o professor seja, por sua vez, um bai-

Os exercícios de dança tomam grande parte das aulas. O piano, de longe, acompanha o movimento das meninas. Madeleine faz as correções e marca a cadência.



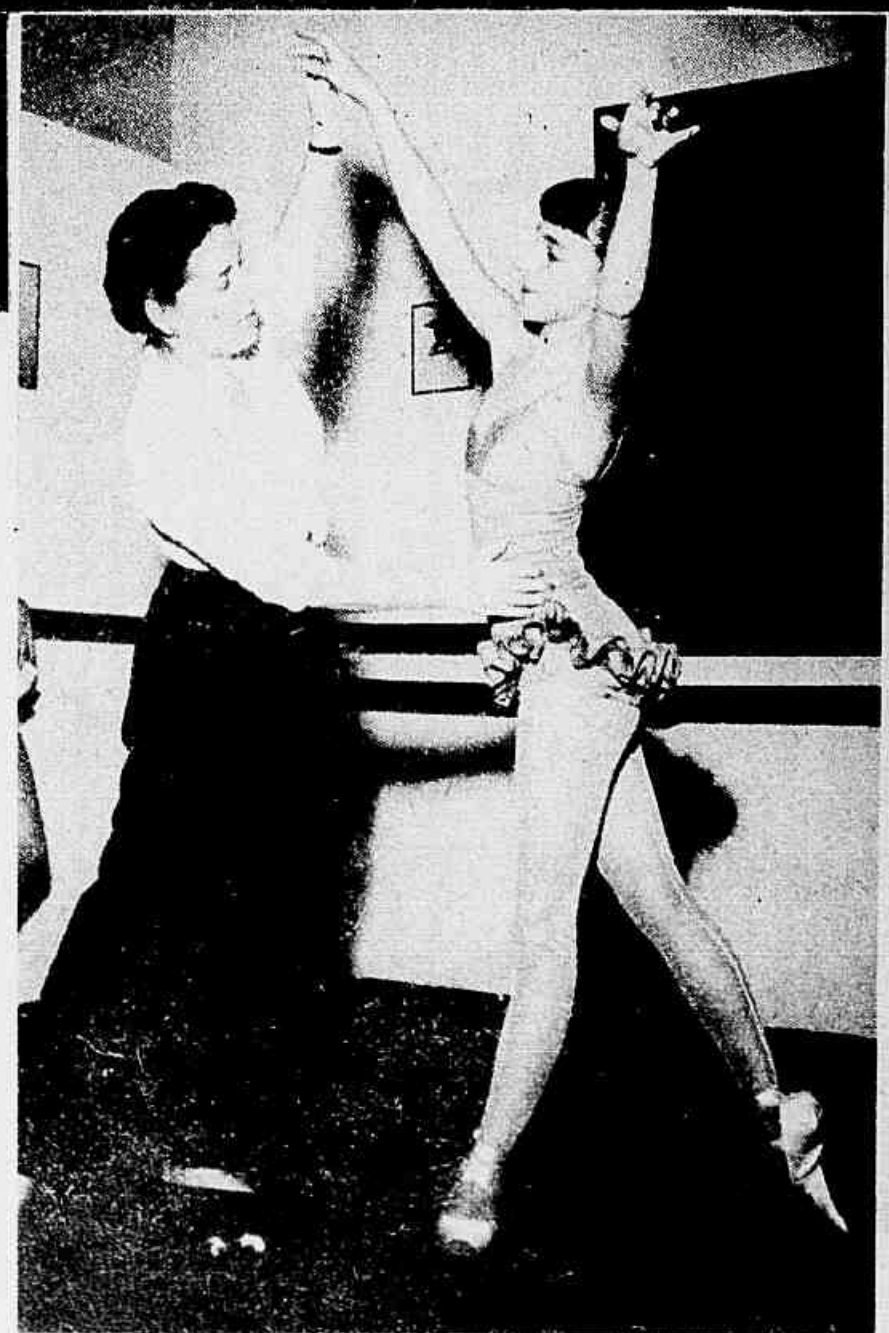
Aí estão as mais novas adeptas da bailarina que trocou o palco pela pedagogia. Fazem parte da fase de iniciação, e são o «chodó» da professora.

larino sumamente másculo. Um homem pode ser dotado de gestos bonitos sem que perca suas características viris. O preconceito de que só homossexuais estudam ballet deve ser pôsto de lado. Se tal não acontecer, o Brasil continuará procurando no exterior os grandes bailarinos para as suas temporadas oficiais, que geralmente chegam ao Rio casados e com res-

peitável prole. Questão delicada, mas digna de registro.

A conversa foi novamente interrompida. A turma rosa ia começar os exercícios e precisava da presença da mestra. Madeleine despediu-se. Convidou-nos a voltar. Aceitamos o convite. Sentimo-nos bem no ambiente em que predomina o espírito do «mens sana in corpore sano».

Mestra e pupila deixam-se fotografar em meio do trabalho de aperfeiçoamento coreográfico. Das mais adiantadas, a aluna sabe bem como executá-lo.



ALDEMIR, CANGACEIRO DAS ARTES

A INFÂNCIA DO MENINO CEARENSE QUE É HOJE UM DOS BONS DESENHISTAS (E GRAVADORES) DO BRASIL ★ CRIOU-SE «EMBALADO PELO TANGER DAS VIOLAS»

★ NOJO À MÁ PINTURA ★ ACHA QUE AS ARTES PLÁSTICAS ATRAVESSAM, NO BRASIL, UM PERÍODO DE ESTAGNAÇÃO ★ FUTEBOL, UMA COISA MUITO SÉRIA

Entrevista de JOSÉ ROBERTO

Fotos de ALBERTO FERREIRA



Ping — Onde nasceu?

Pong — Em Ingazeiros, no Ceará, em novembro de 1922.

Ping — Algum fato a rememorar, mais especialmente, durante a infância?

Pong — A vida livre e vadia do menino nordestino, com seu gado de osso, seu carneiro branco e o jogo de «cangapé» dentro do rio.

Ping — Como descobriu a vocação?

Pong — Riscando no chão, e continuando até hoje.

Ping — E' religioso?

Pong — Tive uma infância religiosa, hoje não sei, mas continuo místico.

Ping — Se tivesse de escolher, entre os diversos artistas nacionais, vivos e mortos, um nome que fôsse símbolo de probidade e dignidade artística, a qual escolheria?

Pong — Chagas, o «Cabra» da Bahia.

Ping — Acredita no «Golpe»? Ou já tem candidato?

Pong — O golpe todo mundo quer dar. Meu candidato será o que der melhor chance ao artista plástico.

Ping — Aonde já expôs?

Pong — Numa porção de lugares: Japão, México, Chile, Venezuela, Cuba, Inglaterra, Suíça, França, Tchecoslováquia, Alemanha e Itália, junto com gravadores, desenhistas e pintores brasileiros, sem contar salões e exposições individuais no Brasil, que vão desde cidades pequenas, como Atibaia, até às capitais, como Salvador, Rio, São Paulo, etc.

Ping — Tem medo de andar de avião?

Pong — Nenhum.

Ping — E da morte, em qualquer lugar?

Pong — Ainda não pensei.

Ping — Além de sua arte, aprecia também a literatura e a música? Que espécie de obras?

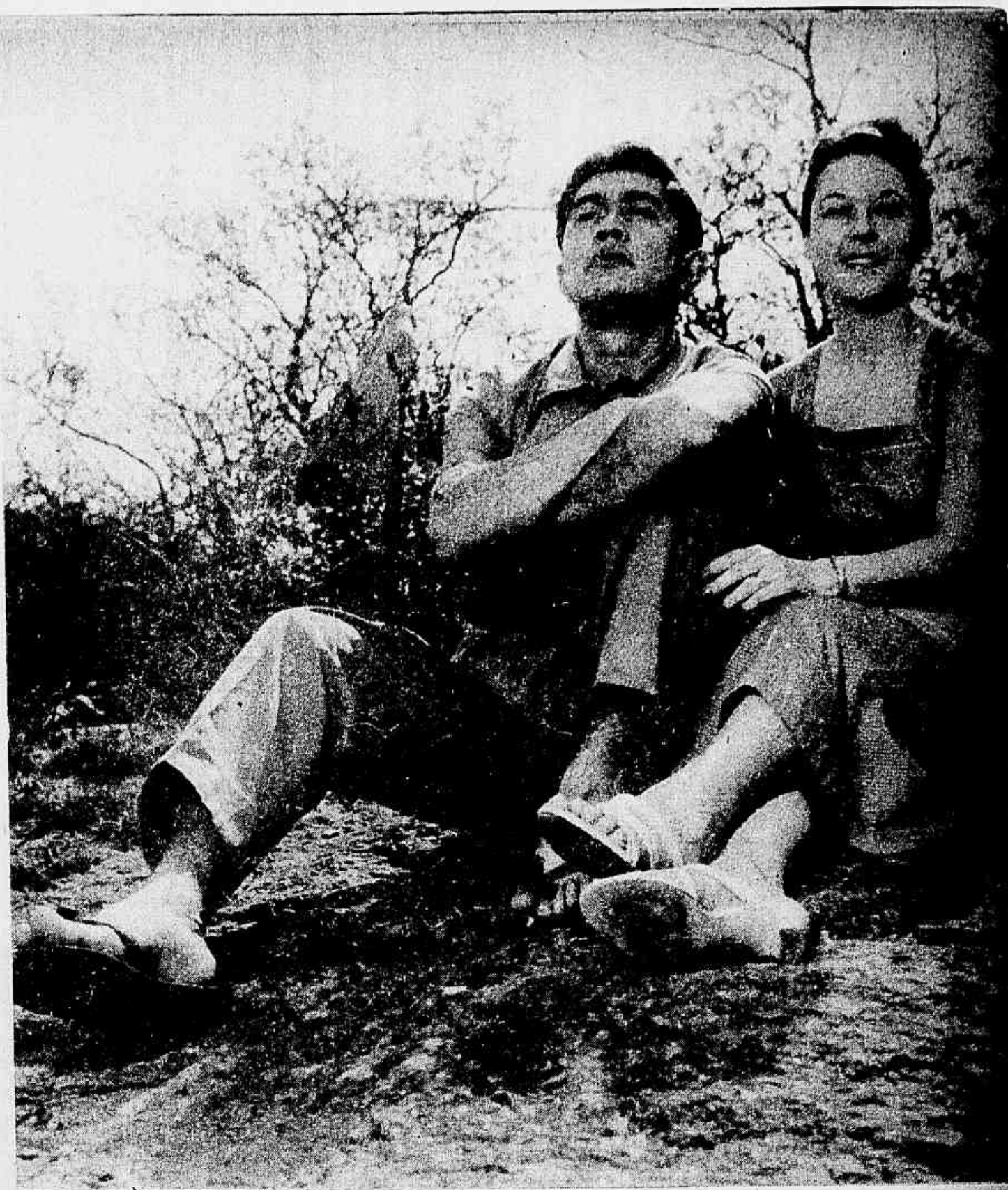
Pong — Muito. Em literatura, gosto de «Vidas Secas», «Caetés», «Os Sertões», e de inúmeras outras, que seria maçante enumerar; em música vou desde o samba até Bela Bartok, não esquecendo a dos cantadores de feira do nordeste, é claro.

Ping — Qual a pessoa de quem você gostaria mais de ser vizinho?

Pong — Meu pai.

Ping — Que acha do abstracionismo?

Pong — «Abstraio-me» de pensar, isto é: «concretamente», não sei.



ALDEIR MARTINS, cearense, 30 e poucos anos, exposições em diversos países, com sua esposa — público, crítica, colaboradora, secretária e amiga.

Ping — De modo geral, acha que São Paulo está acima, ou abaixo do Rio, quanto ao movimento artístico?

Pong — A gente mora onde pode viver melhor. Como moro em São Paulo...

Ping — Que livros já ilustrou?

Pong — Inúmeros: «Navio da Noite», de Eduardo Campos, «Poemas Narrativos», de Wilson Figueiredo, «Lourenço», de Franklin Távora, «Lampeão», de Ranulfo Prata, «Contos Reais», de Marcos Gasparian, e muitos mais, que me faltam no momento.

Ping — Que nomes a destacar, atualmente, no campo das Artes Plásticas? Nota alguma evolução?

Pong — Não há progresso, há estagnação. Não tenho nomes a destacar.

Ping — Qual sua opinião sobre Jânio Quadros?

Pong — Infelizmente não gosta de artistas.

Ping — Que mais o impressiona, ou atrai, na mulher?

Pong — A dedicação.

Ping — Qual seu prato predileto?

Pong — Aprecio todos os que minha mulher faz. Ela é quem escolhe.

Ping — E os planos para o futuro, quais são?

Pong — São inúmeros.

Ping — Contra o futebol?

Pong — Pelo contrário. O futebol é a terceira coisa séria do Brasil.

Ping — Porque denota, em seus trabalhos, predileção pelo tema do Cangaco?

Pong — Porque, sendo filho do Nordeste, criei-me embalado pelo tanger das violas cantando feitos dos «Cabras da peste», dos homens até debaixo d'água, das camisas amarradas para ver quem sobrava, «mate mas 'ta matando um homem», e de «Lampião, é de paz, 'ta só amando se divertindo e gosando», da mulher que larga tudo para acompanhar o seu homem, feitos entremeados de fugas, facadas, tiros, a rede branca se balançando com um corpo de mulher.

Ping — Terá acaso sofrido, em sua formação artística, influências marcantes de alguém?

Pong — Não.

Ping — O que é amizade?

Pong — É aceitar os amigos com seus defeitos e virtudes.

Ping — Qual é o tipo mais inútil do Brasil?

Pong — O mau político.

Ping — Cite o nome de um mau pintor.

Pong — Tenho nojo à má pintura, e nunca olho a assinatura.

Ping — Contra a pena de morte?

Pong — A favor.

Ping — Como desejaria morrer?

Pong — Como Deus fôr servido.

Ping — Julga-se isento de inimigos?

Pong — Não, para isso necessitaria ser desprovido de inteligência ou talento.

Ping — Fêz «gazeta», em criança?

Pong — Continuo fazendo.

Ping — Que acha dos cronistas sociais? Qual o mais conhecido de São Paulo?

Pong — Nada sei a respeito, apesar de ter alguns amigos em São Paulo que tenham essa função, sendo que dentre eles o mais inteligente é Caio Furtado.

Ping — Acredita em uma nova guerra?

Pong — Acredito em guerra, nova ou velha.

Ping — Até logo?

Pong — Até logo.

● **ALDEIR MARTINS** guarda ainda nas retinas as regiões ressequidas de sua terra natal, o Ceará, e em seus tímpanos até hoje ressoam os mugidos lamentosos do gado morrendo à mingua, à beira das estradas poeirentas. De seu traço lúcido e dolorosamente exato, vão ressurgindo, pelo milagre do sentimento, os cangaceiros que povoaram sua infância livre e vadia de aventuras maravilhosas. Animam-se os irracionais, mais sofredores do que nunca, sob o signo do sol nítido e geométrico, erguido como um punhal de ouro sobre um céu sem nuvens, enquanto a vegetação entanguida é perpassada misteriosamente por leve brisa, vinda não se sabe de onde. Súbitamente, pássaros e peixes de cores violentamente belas explodem sobre o papel. O artista parece desconhecer receitas e fórmulas, que falsas e insípidas, não o seduzem. Sua arte, por isso mesmo, é como aqueles vegetais de sua terra, que em plena seca, só Deus sabe como, conservam límpida e fresca a seiva com que des-sedentar os sedentos.



CORRESPONDÊNCIA DE CAPISTRANO DE ABREU

● O Instituto Nacional do Livro, que tantas obras de real merecimento tem publicado, vem de editar em dois alentados volumes, que ultrapassam de mil páginas, — preciosas páginas — as cartas de Capistrano de Abreu, nosso maior historiador incontestavelmente, onde se encontra um filão de maravilhoso saber, que o leitor obtém deliciado, ante uma filosofia que encanta o espírito mais exigente e mais esclarecido. É um passeio semelhante ao de «Alice no país das maravilhas» o que faz o leitor através dessas páginas tão bem coligidas nessa edição organizada e prefaciada por José Honório Rodrigues, historiador autorizado e reconhecido como dos de maior mérito nos tempos que correm.

E é um desfilar de belezas, de ordem intelectual, que se observa na correspondência de Capistrano, assinalada no interregno de tempo que vai do ano de 1880 ao ano de 1927, escrevendo ele a Ramos Paz, Domingos Jaguaribe, Assis Brasil, ao Barão do Rio Branco, a Guilherme Studart, a José Veríssimo, Mário de Alencar, Domicio da Gama, Paulo Brandão, Afonso Taunay, Pandiá Calógeras, Arrojado Lisboa, a João Lúcio de Azevedo, Paulo Prado e Rodolfo Garcia.

«A correspondência de Capistrano de Abreu é um acervo precioso, não só para a sua biografia, pois nela se vêem métodos de trabalho e suas pesquisas, como também para a Historiografia brasileira. Nela opina sobre cronistas, historiadores e escritores antigos e contemporâneos, estrangeiros e nacionais», informa seu prefaciador: «A heterodoxia e a originalidade, especialmente sobre Rui Barbosa, hão de causar um certo espanto a determinados grupos acostumados ao louvor sem restrições ao grande brasileiro. Não foi visando escândalo, que se pensou em imprimir estas cartas, mas porque elas esclarecem muito a literatura e a política do Brasil de 1880 a 1927. O encanto familiar e a falta de pose, a paixão, a simplicidade tornam esta correspondência uma fonte inestimável para a história da nossa época, especialmente indispensável à Historiografia literária e social».

Fixando alguns traços de Capistrano de Abreu, diz ainda o ilustre prefaciador: «Em 1882 era Capistrano um rapaz forte, de estatura meã, grosso de tronco, de cabeça um tanto cúbica, de pescoço atlético, olhos pequenos, piscos, míopes, trajando escuro, com filosófico descuido, segundo a descrição de Vicente Múndelo na «Gazetinha» de 19 de abril de 1882. Possuía já o hábito da Rosa, graça que não fôra agradecer à Sua Majestade, e apesar da leitura dos cronistas, era um espírito leve, arejado, aberto ao «calembourg» e à «anedota picante». Segundo Domicio da Gama, «é indolente, acorda tarde, fuma como um turco, anda como um beduíno. Tem a voz doce, discreta, carinhosa, quando se dirige aos que ama, aflautada quando pilheria, asmática e vagarosa, quando trata de ciência».

E esclarece ainda o organizador da obra: «De conferências e de sociedades literárias não queria saber. Não fazia nem ouvia conferências. Em geral não assistia a estas coisas, porque ficando longe, apenas apanho pedacos, ficando perto arrisco-me a um acesso de tosse que pode perturbar a assembléia. Não quis fazer parte da Academia Brasileira e é avesso a qualquer sociedade, por já achar demais a humana. Por exceção única pertence ao Instituto, do qual pretende demitir-se em tempo, se não morrer repentinamente». «Fui inscrito na Academia Humana independente de consulta e já acho excessivo. Os fundadores da Academia de Letras daqui eram quase todos meus amigos, instaram comigo para que lhes fizesse companhia. Resisti e cada vez estou mais convencido de que andei com juízo». Interessantes os conceitos em torno do suicídio de Raul Pompéia, em carta a Mário de Alencar, bem como os juízos expendidos sobre Edmundo Bittencourt.

Depois destes «aperitivos» será possível resistir à tentação de querer conhecer as cartas da Mestre?

CALEIDOSCÓPIO

★ «SINFONIA CREPUSCULAR», de Arnaldo Nunes, é o livro com que o poeta diz encerrar sua carreira literária, após uma longa vida toda dedicada à inspiração de um lirismo verdadeiramente digno de nota. A obra, de grande formato, se divide em três partes: «Asas e abismos», «Livro exótico» e «Cantos da terra natal», compondo-se de poemas, sonetos e trovas nos mais diversos metros. Seu ritmo é cantante e embalador. E os motivos, sempre elevados e nobres, mantêm sempre coerente dignidade. Muitas homenagens lhe foram prestadas, por ocasião do aparecimento do

volume, sendo de registrar a que lhe ofereceu a Academia Fluminense de Letras, a que pertence.

★ «HORIZONTE 22», é o nome de bem feito jornal de letras, elaborado por jovens poetas campistas, já no seu terceiro número. Neste, que recebemos, encontramos selecionada colaboração de Bruno Gargiulo, Marly Santos Oliveira, Yone Rodrigues Prata Tavares, Manoel Joaquim da Silva Pinto, Genaro de Vasconcelos, Mário Newton Filho, Lourdes Borges Júdice, Joadelvírio Codeço, Adolfo Schweitzer e A. Barcellos Sobral.

★ «LUIS GAMA E SUAS POESIAS SATIRICAS», é o bem apresentado livro de J. Romão da Silva, edição da Casa do Estudante do Brasil, prefácio de Otto Maria Carpeaux. A musa epigramática do poeta negro, abolicionista de primeira linha, está ressaltada na obra, com grande relêvo, num retrato documentado e feliz, do ensaísta que se dedicou a estudá-la de maneira a prestar um excelente trabalho de divulgação do sarcástico polemista, que foi um dos maiores advogados e oradores do seu tempo. «Felizmente, como o sol não se tapa com a peneira, a fama do versejador da «Bodarrada» não pôde ser de todo obscurecida» como bem salienta o autor em sua explicação, na abertura do livro. Excelente serviço presta às letras nacionais

POESIA

O EX LIBRIS DA CASTELÃ

A gentilíssima senhora dona
Dos meus castelos e dos meus amôres,
Nascida, longe, em bosques de Verona,
Descende de um braço de imperadores.

Espírito sutil, terna Madona,
Em horas de lazer, cuida de flores,
De faísas e de rendas... Coleciona
Velhas peças de velhos gravadores.

Lê versos de Petrarca... E, desenhista,
Para provar-me, certo, o seu amor,
Hoje marca seus livros, mãos de artista

Não com seu nome azul, que é régio enfeite,
Mas com um elmo discreto, evocador,
Que o meu nome afinal, é um capacete!

ELMO ELTON.

GLÓRIA — «Todos os caminhos levam à morte, apenas um à Glória». Bulwer Lytton.

GÊNIO — «O gênio é o talento do homem que já morreu». Edmond de Goncourt.

GOSTO — «Para ter gosto é preciso ter alma». Vauvenargues.

MÚSICA «A música é a voz do infinito». Campoamor.

ENTREVISTA RELÂMPAGO



(Com Mário Cordeiro, autor de diversos livros de literatura infantil, cronista da imprensa diária.)

1ª pergunta: — Dos nossos escritores, qual lhe parece o mais importante?

Resposta: — Escritores importantes? Existem muitos entre nós. Todavia, não me sinto capaz de identificá-los. Seria uma intromissão na seara do Ibrahim. Gente importante e champanhota...

2ª: — Quais os poetas nacionais de sua preferência?

R.: — Dos modernos: Jorge Medauar e Manuel Bandeira. Dos antigos: Castro Alves, Gonçalves Dias e Bilac.

3ª: — Quais as suas leituras preferidas?

R.: — Romances, ensaios e crônicas.

4ª: — Qual dos nossos escritores gostaria fôsse da Academia?

R.: — Um único escritor, Agrippino Grieco, desejaria ver na Academia. Ele, porém, não quer nada com ela.

5ª: — Atualmente, onde desejaria morar?

R.: — Na lua. Julgo que somente lá encontraria um apartamento ao alcance de meus modestos recursos... literários.

6ª: — Como gostaria de morrer?

R.: — Lutando. Empunhando a minha durandana de anarquista aposentado.

7ª: — Qual a sua maior ambição literária?

R.: — Escrever um livro que tocasse profundamente o coração sensível das crianças.

8ª: — Crê que o esporte seja uma atividade útil?

R.: — Naturalmente. Espero, entretanto, que os nossos patricios façam também alguns gols com a cabeça...

J. Romão da Silva, (que já nos promete para breve importante estudo sobre Teodoro Sampaio), com a publicação deste volume de mais de duzentas páginas de agradabilíssima leitura.

★ «MEU ROSARIO DE TROVAS», é o novo livro desse gênero, que a Editora Acaia, de Belo Horizonte, publica, apresentando o nome de Peri Ogibe Rocha, que já vinha aparecendo nos jornais e revistas, assinando essas bem feitas redondilhas, mostrando qualidades próprias e aumentando o número dos que exploram bem o apreciado tipo de poesia da preferência de tantos poetas como Newton Rossi, Djaima Andrade, Soares da Cunha e outros que se notabilizaram como cultivadores do gênero.

O QUE ÊLES DIZEM

NEURASTENIA — «É o estado anormal das pessoas com saúde que perguntam a si mesmos por que não estão doentes». Dr. Henri de Rothschild.

PERNAS — Há pernas femininas que nos sobem à cabeça como um alcool forte!... R. Gomez de la Serna.

FOGO — «Quem sentiu ao menos uma vez o fogo do amor, não pode mais dizer que nasceu e viveu infeliz». Giusti.

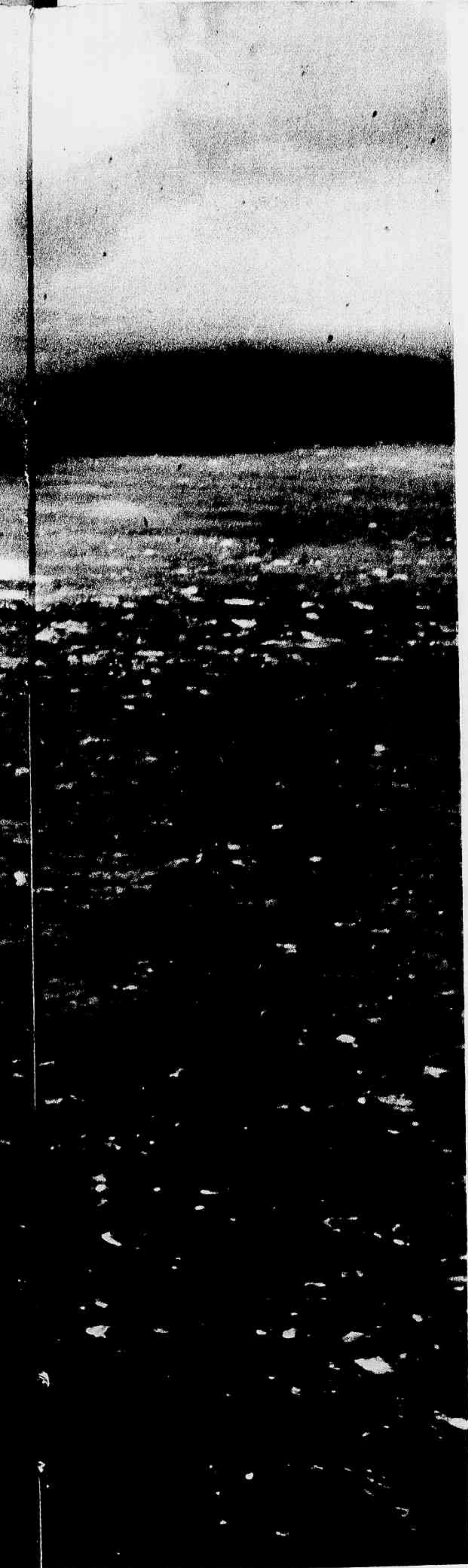


Manhã no campo

● Estudo fotográfico obtido numa região do norte português, ao entrar do Outono: «Aspecto familiar de um Casal de Pegões», é o título que lhe deu o autor, mas o nome do mesmo não foi mencionado. Esse, um aspecto trivial da pequena família de província: o marido e a mulher, desde cedo entregues à sua faina, ele no campo, ela nos deveres domésticos. No berço improvisado pelo pai, bem agasalhado, o caçula olha para tudo, com olhos que não vêem, ainda sem a exata noção das coisas. Ao lado, a irmã vela por ele, enquanto de olhar vigilante, estendido aos pés da dona, o cão perdigueiro completa o arranjo da moldura. Ao fundo, o campônio prepara a carrêta para levá-la ao vilarejo onde vai vender do que dispõe e comprar do que carece. Tudo repousante, bucólico e tranqüilo. Um ambiente sadio de trabalho e dignidade impera nesse recanto, que tão bem reflete milhares de flagrantes iguais, da tradicional família lusitana.

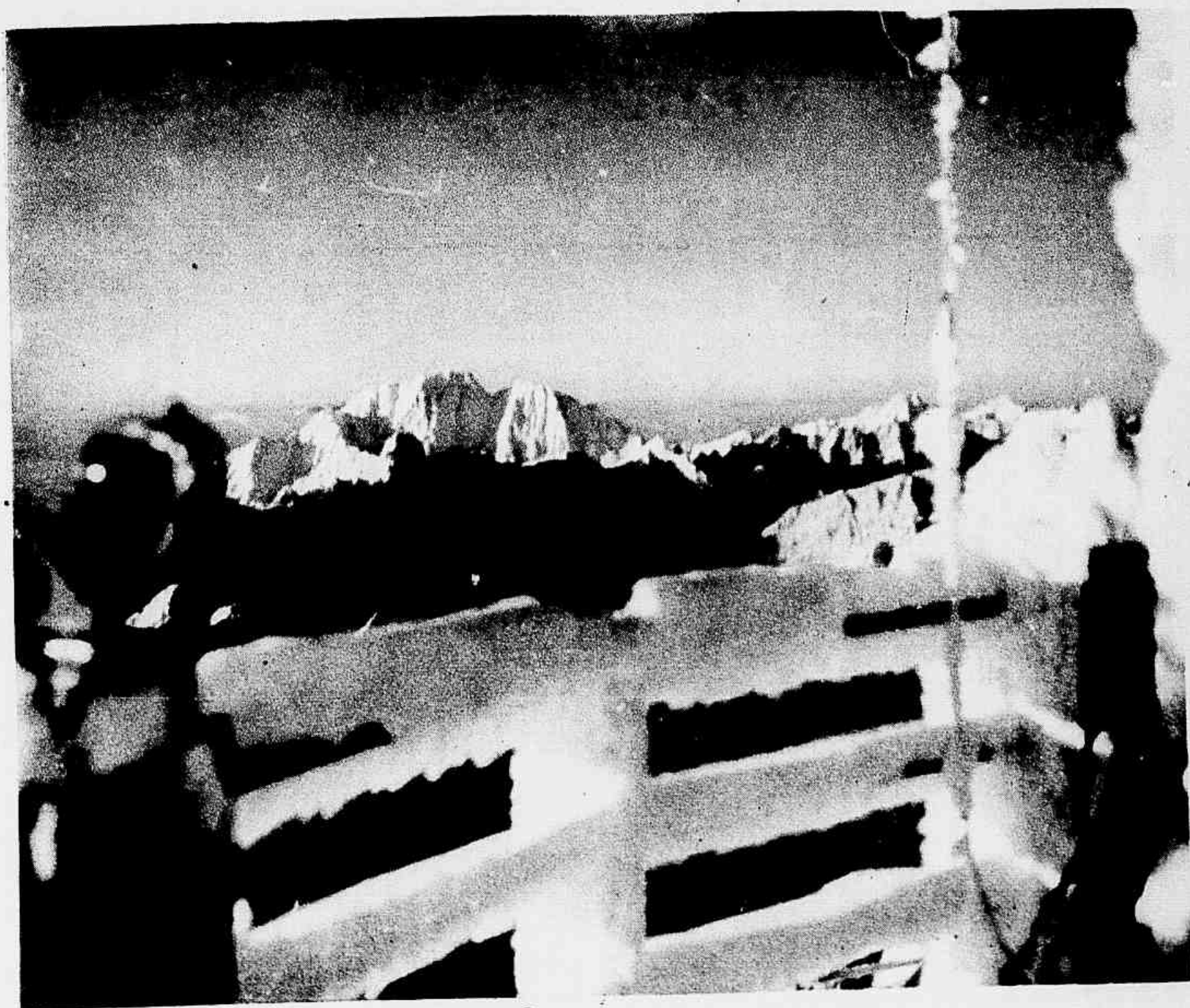


NASCE UM VULCÃO EM PLENO OCEANO PACÍFICO, ATROANDO OS ARES COM SEU CHÔRO DE LAVAS E DE CINZAS, E ESPADANANDO ÁGUA PARA TODOS OS LADOS — ENQUANTO ISSO, LÁ PARA AS BANDAS DA ESCANDINÁVIA...



EXTREMOS QUE SE TOCAM

● Se é verdade que os extremos se tocam — como parece já não haver qualquer dúvida —, essas duas fotografias, separadas no tempo e no espaço, e representando, embora sob rigorosa camuflagem, dois inimigos tradicionais e irreconciliáveis — a água e o fogo —, não são tão contraditórias como parecem. Há alguns meses, as águas revoltas do Pacífico ainda mais se convulsionaram, para dar nascimento ao mais jovem vulcão do mundo, um perigoso bebê ainda sem nome, mas cuja cratera, de 200 pés de diâmetro, ergue-se ameaçadora a cerca de 250 pés de altura, ao norte da costa de Luson, no arquipélago das Filipinas. Matéria incandescente, cinza e lava vulcânica, que acompanham geralmente tais nascimentos, chegaram a atingir a distância de 33 milhas. Rolos enormes de fumaça podiam ser vistos de uma grande distância, de vez que foram a centenas e centenas de pés de altura. A água, ao redor do cone vulcânico, imediatamente adquiriu uma coloração esverdeada, e parecia ferver, como um líquido em ebulição dentro de uma panela. Os navios, que navegavam mais ou menos perto, ouviram, sem compreender, o estrondo medonho, ao mesmo tempo em que uma grande vaga os fazia vibrar de pôpa a proa. Enquanto isso, a muitas centenas de quilômetros de distância, na Escandinávia, a neve caía abundantemente, embranquecendo os campos e as planícies, indiferente aos cataclismos do outro lado do mundo. É assim a natureza: cheia de contrastes, variada e movimentada como um caleidoscópio nas mãos de uma criança, sempre ineditada e invariável.





SUGESTÃO PARA O LAR

● Os móveis modernos caracterizam-se pela simplicidade de linhas e pelos adornos que são reduzidos ao mínimo. Temos um belo exemplo neste sofá, com armação metálica laqueada, completado por estofamento em espuma de borracha. A tonalidade lisa das almofadas contrasta com o desenho miúdo do tapete que recobre inteiramente o assoalho. Muito original é a mesinha baixa, formada por uma pedra em mármore verde, raiado de branco e negro, sobre armação em jacarandá bem negro.

Tão cansada!...

HÁ DIAS em que nos sentimos invadidas por um torpor que nos envolve o cérebro e as pernas. Uma nuvem nos afasta da realidade como num conto de fadas. É o cansaço. Desejaríamos não fazer nada, não pensar em nada, descansar, descansar, descansar...

A vida, porém, continua; é preciso dominar-se. Não se pode sair dizendo a todo mundo: «Estou muito cansada!» porque ninguém aceitará essa desculpa. Os seus chefes, no trabalho, seus parentes, em casa, seus amigos, ninguém se compadece de seu desejo de não fazer nada e de dormir. A solução é fingir que se está leve como um passarinho e agüentar até a hora em que se possa ir repousar. O caso se torna muito mais grave quando se tem algum compromisso social. A não ser entre amigos muito íntimos não se pode dar como desculpa o cansaço para fugir às obrigações. Aquêles que nos convidaram já contam conosco e não temos o direito de decepcioná-los, deixando de comparecer à festa ou ao passeio planejado. Para compensar, acontece frequentemente que toda sensação de cansaço desaparece quando nos encontramos num ambiente que nos agrada, em companhia de pessoas que nos distraem. Muitas vezes se sai de casa

num supremo esforço para se manter de pé e volta-se sem o menor desejo de descansar.

Seja como for, de momento que reagimos, devemos procurar não pensar mais com nostalgia nos colchões macios onde poderíamos repousar, nem devemos explicar aos nossos amigos o cansaço que nos domina. Pareceria querer dizer: — «Vim só por obrigação, e gostaria de sair o mais cedo possível porque vocês não conseguirão fazer com que eu esqueça o meu cansaço!»

Outra falta que se comete quando se está cansada é a de não ter vontade de ir embora de uma reunião. Todos conhecemos esse peso nas pernas que nos impede de levantarmos-nos de onde estamos sentadas para voltar à casa. Ainda que nos seja difícil, é de boa educação sair no momento justo.

Naturalmente, o melhor sistema para não se sentir a fadiga é descansar o suficiente. Porém, nem sempre podemos fazer o que desejamos... As exigências de trabalho ou sociais às vezes se somam e se prolongam e nós não somos mais donos de nossas horas de sono. Isso é muito pior que o trabalho excessivo. Porém, não é uma doença, e por isso, quando é preciso, a educação nos manda não ceder às tentações do cansaço.



NOTINHAS ÚTEIS

SE AS suas tesouras estão cegas... existe um meio rápido, e fácil de afiá-las outra vez: Corte com elas uma lixa fina (número 00) três ou quatro vezes. É o bastante para o corte voltar.

* * *

OS VESTIDOS e as combinações de rayon ficam feios depois de lavados porque perdem o preparado que conserva o tecido ligeiramente armado quando novo. Para que voltem a ficar armados, depois de lavar as peças dêsse tecido, mergulhe-as numa solução de 5 litros de água morna para duas colheres de gelatina em pó, incolor. Passe a ferro, ainda meio úmidas.

* * *

PINTE AS velhas escadas envernizadas de branco ou num tom marfim claro. Ficarão muito mais bonitas, mais mo-

dernas, e, além disso, menos perigosas porque ficam mais claras.

* * *

QUANDO SE deixar fotografar não olhe diretamente para a câmara. Fique um pouco de lado e olhe obliquamente para a máquina fotográfica. O retrato sairá muito melhor, pois todos somos mais fotogênicos de "três quartos".

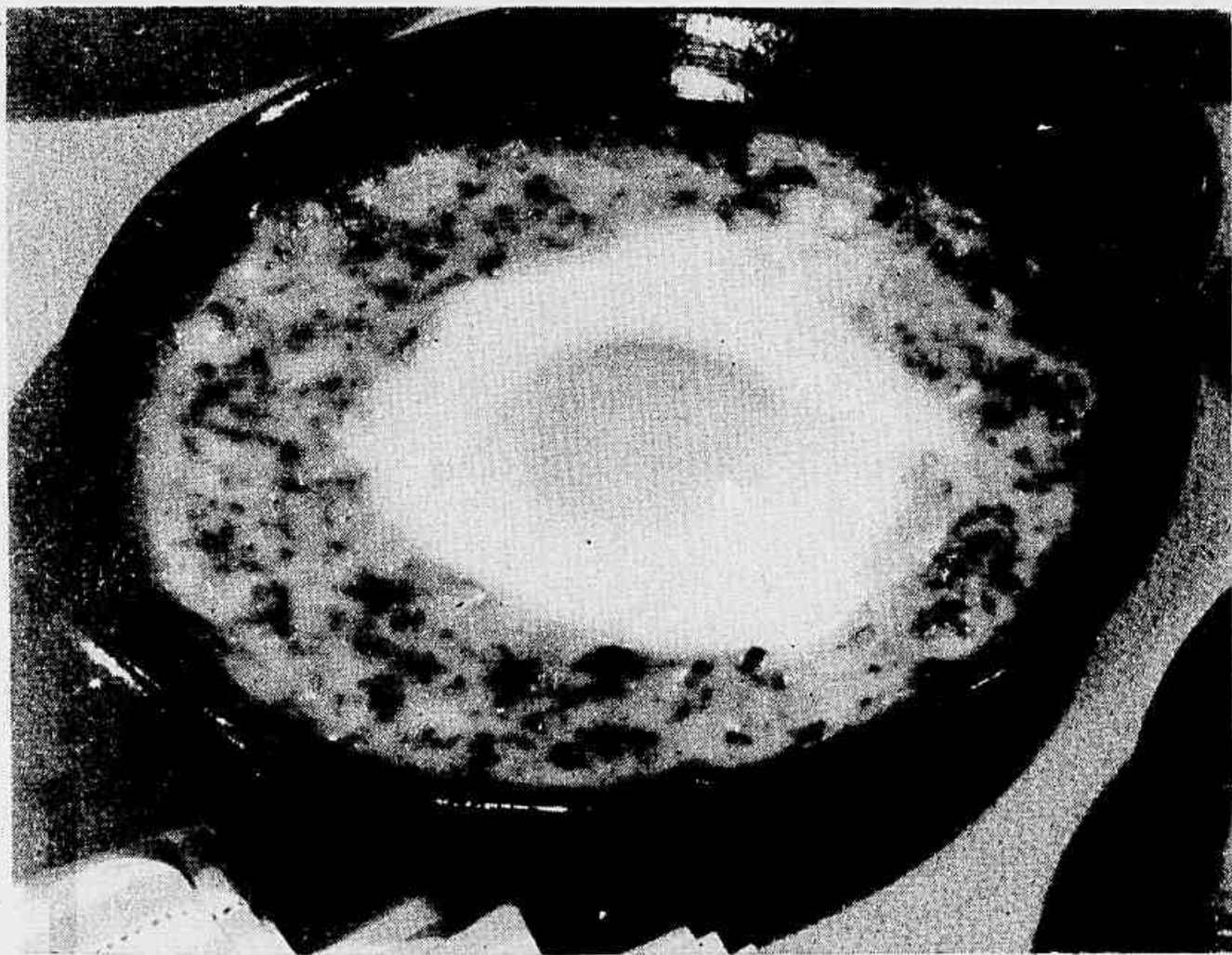
* * *

UM PRENDEDOR para as flores do jarro? Improvise-o, fazendo buracos numa batata e espetando nelas as flores. Será mais fácil dar-lhes uma bonita arrumação.

* * *

PARA PASSAR óleo nos móveis... nada melhor que um par de velhas meias de algodão. Enfie as meias nas mãos (nas duas) e use-as para esfregar os móveis.

UM POUCO DE BELEZA



WEEK-END NA COZINHA

● A dona de casa previdente não se aperta quando tem de improvisar uma refeição para algum hóspede fora de hora. Para essas ocasiões é bom ter sempre um prato que se prepare com rapidez e que por si só constitua toda uma refeição. Por exemplo, êsses «ovos à Florentina».

1 — Cozinhe uma boa quantidade de espinafre em água e sal. Escorra o caldo, porém, sem pôr fora o líquido. 2 — Derreta um pouco de manteiga numa panelinha, refogue aí um pouco de cebola picadinha, deixando que toste, em fogo brando por um minuto. Ponha, então, 2 colheres das de sopa de farinha de trigo, e quando estiver bem ligada à manteiga acrescente metade do líquido em que foi cozido o espinafre. Continue a cozinhar em fogo brando até que o molho engrosse. Ponha o restante do líquido e, sempre em fogo baixo deixe o molho engrossar outra vez. Tempere com sal e umas gotinhas de Angostura ou outro «bitter». 3 — Ponha o creme de espinafres em uma fôrma de cerâmica refratária (ou vidro, que possa ir ao forno). Quebre um ovo por cima. Asse no forno moderado, cerca de um quarto de hora.

A PELE E... A IDADE

● O tratamento que você dispensa à sua pele não pode ser eternamente o mesmo. Os cuidados que lhe bastam na adolescência não satisfazem aos 40 anos, e os cremes da mamãe não devem ser usados pela filha de 15. Isso porque a cutis sofre uma evolução de acordo com o passar do tempo. Vai se tornando mais seca e, portanto, exigindo preparados que o tornem mais gordurosa, para evitar que surjam as indesejáveis rugas.

● Menina e moça — Nessa época da vida a pele exige poucos cuidados especiais. Seu tratamento está mais na higiene do que na aplicação de cremes corretivos. Lave o rosto com bastante água e sabão, pela manhã, durante o dia, e à noite. Enxague com água morna e termine com uma aplicação de água fria, a fim de estimular a boa circulação dos capilares. Um creme medicinal (à base de enxôfre) para eliminar as impurezas ou combater os cravos e o excesso de oleosidade pode ser usado à noite.

● Depois dos 20 — É preciso aumentar os escrúpulos quanto à limpeza da pele. Um creme de limpeza aplicado por dez minutos, seguido de uma lavagem com água e sabonete neutro é o melhor para remover toda a maquiagem e desobstruir completamente os poros. Muita atenção ao regime alimentar. Coma saladas, frutas e evite doces, fritos e comidas muito temperadas.

● Dos 30 aos 40 — A pele vai se tornando ressecada. Use menos água com sabão para a limpeza e mais cremes. À noite aplique um óleo que a suavize (à base de lanolina) para que as rugas não evoluam tão depressa.

● Depois dos 40 — Aumente a quantidade de creme que aplica na pele para contrabalançar a perda do óleo natural. Use uma maquiagem apropriada à idade, evitando tons fortes ou as linhas exageradas. Limpe muito bem a pele antes de dormir.

Bernadete, confiante e tranqüila:



Bernadete ao repórter: «Além do poder humano, há o poder supremo: Deus. Sou católica e acho que as pessoas sem fé são infelizes. E é por isso que espero a minha cura porque Deus não desampara os que têm fé. Além disso, quem sabe se Ele deseja que eu sofra para evitar o sofrimento de outros?»

NÃO TENHO DÚVIDAS SOBRE O MILAGRE DA MINHA CURA

ANTES MESMO DA REVELAÇÃO DE QUE SEUS PRIMEIROS EXAMES ERAM NEGATIVOS, A PROFESSORA NORDESTINA JÁ ESPERAVA UM MILAGRE ★ «NÃO TENHO NENHUM ENCONTRO MARCADO COM A MORTE!»

★ ESTÁ, NO ENTANTO, PREPARADA PARA RECEBÊ-LA ★ BONITA E CHEIA DE ALEGRIA CONTAGIANTE, DEIXA OS MÉDICOS PERPLEXOS ★ UM APELO AS PROFESSORAS DE TODO O BRASIL ★ A OPINIÃO DOS MÉDICOS

Texto e fotos de VINICIUS LIMA

O repórter chegou ao hospital dos cancerosos, localizado à rua Magé, no bairro da Penha, e foi ter ao apartamento da linda Bernadete, a professora nordestina de 25 anos de idade que na opinião dos médicos tem apenas mais 40 dias de vida. O apartamento estava repleto de gente quando entramos cheios de cautela e com o espírito preparado para nem de leve agravar o estado da paciente, de quem fazíamos um juízo diferente. Mas, para que o leitor tenha uma idéia de como é Bernadete, aqui vai descrito o seu primeiro encontro com o repórter:

— Bernadete, como vai?
— Muito bem. Vou fazer uma intervenção cirúrgica e tudo indica que vencerei a moléstia.
— Você tem esperanças?
— Mas que pergunta! Uma pessoa sem esperança não é um ser humano. Claro que tenho esperanças, mais esperanças do que você aí com essa cara de quem está sentindo medo de me ferir. Pergunte e fotografe o que quiser. Preciso da imprensa para que ela diga a todos que nós necessitamos combater o câncer. E que é dever de cada um dar sua ajuda para que tenhamos no Nordeste um hospital para atender aos milhares de infelizes que poderão ser curados, mas que não contam com os recursos necessários.
— Perfeitamente, Bernadete, então façamos nossa primeira fotografia.
— Como?
— Gostaria que você afastasse o próprio busto... assim como quem... se interrogasse... Pode até falar para sair melhor.

Bernadete riu e disse fazendo o gesto: — «Eu, hein? Estão pensando que eu vou morrer? Pois não vou não!»

Tais palavras pronunciadas naquele ambiente, provocaram gargalhadas dos circunstantes. E Bernadete prosseguiu: — Há um outro poder que é o divino, minha gente, e não será uma doença, mesmo que seja o câncer, que me vai tirar a alegria e a esperança.

E foi assim que começou a reportagem. A doente encorajando o jornalista que ali fora

disposto a vê-la chorar, e que apenas a via sorrir. Sorrir e contagiar com o seu otimismo aqueles que a cercam — que assim é Bernadete Xavier Gomes, nascida na cidade de Currais Novos, no Estado do Rio Grande do Norte.

12 IRMÃOS E 35 ALUNOS

Prosseguindo a entrevista com a jovem Bernadete, ouvimos de seus lábios uma pitoresca descrição da família. Começou assim: — «Sou a mais velha da família — das mulheres, é claro. Tenho 25 anos de idade e sou filha de um agricultor que se chama Miguel. Minha mãe tem um nome bonito: Severina. E d. Severina também não acredita que vá ficar somente com 11 filhos. Esta aqui — apontou para a irmã ao lado — é a Pepita. Gordinha, pequenina e brilhante nos estudos. Pepita é minha velha amizade e sempre «passou» bem no vôlei, pois ela não serve pra «cortar», devido à altura».

— E seus alunos, Bernadete?
— Ficaram me esperando. São 35 crianças.
— Você acaso deixou um noivo... um namorado?...

— Não. Minha preocupação eram as crianças e o esporte. Sempre gostei de praticar esportes (tem o corpo delgado e bem proporcionado). Além disso, tudo vem a seu tempo. Como você está vendo, eu tinha um compromisso importante. Quem sabe se Deus, compadecido de tanta gente que sofre, não me deu esta oportunidade de fazer alguma coisa de muito útil pelos meus patricios do Nordeste?...

A HISTÓRIA FOI ASSIM

A história de Bernadete é idêntica a da atriz norte-americana Susan Ball, recentemente falecida. Mas, deixemos que seja contada pela própria Bernadete: — «Foi num dia de que não me lembro bem. Eu estava jogando vôlei, e, no auge da peleja, caí e fraturei o braço (tem uma cicatriz de cerca de 30 centímetros). Fui medicada e tudo parecia bem, até que, indo ao Recife, descobriram que havia um tumor maligno. Fui operada mas, nos exames posteriores, re-

cebi a notícia: o câncer já atingira os pulmões. Pensei, pensei e então tive a idéia de fazer esta campanha. Mas... como eu ia dizendo — recebi a notícia e porque como todos nós só temos uma vida, quase fico triste...»

— Você sente dores, Bernadete?

— Sim, uma dor aborrecida no braço onde começou a moléstia.

— E os seus médicos, que acha deles?

— Estou acompanhada do dr. Waldemir Lopes, que veio de Recife comigo. Tanto ele como os demais me tratam bem. Aqui no hospital também tenho sido muito bem tratada; a alimentação é excelente, e os exames chegam até a me irritar de tão constantes. Mas sei que são necessários e por isso, me conformo.

— E o que mais sente você?

— Esperança, grande esperança. Sou católica, muito católica, e creio mesmo que sem Deus nada é possível nesta vida. E sendo assim religiosa, acha você que devo esperar somente pela ciência?

E conclui:

— Não quero com isso menosprezá-la, porém, acima do poder dos homens — repito — há um poder supremo; é nele que confio. E se nada for possível fazer, se meus dias estão realmente contados, resta-me o consolo de ter sido útil aos meus semelhantes, com a campanha que estou encetando.

UM APELO AS PROFESSORAS

Bernadete continuou falando calmamente, quase sempre sorrindo: — «Desejo fazer um apelo àqueles que têm recursos, para que me ajudem nesta campanha. Mas, recorro em particular às minhas colegas professoras de Natal, onde me formei, e igualmente às companheiras de profissão do Rio, de São Paulo e de todo o Brasil. Queria que todas divulgassem as minhas intenções. Que todas essas companheiras dissessem ao povo que no Nordeste não existe um hospital especializado para combater o câncer, e que, assim sendo, algumas pessoas diagnosticadas a tempo, por falta de recursos,



«Esta flor não cheira durante o dia, mas somente à noite, só mais logo. Mais logo, quem sabe se não estarei curada? O exemplo das flores tem explicação? O câncer, também não.»



«Olhe, Pepita, os frutos começaram surgir, falo da propaganda dos jornais e revistas». Pepita é a irmã mais nova de Bernadete — menina-moça cheia de graça e de muita esperança.

NÃO TENHO DÚVIDAS SOBRE O MILAGRE DA MINHA CURA



«Vamos tirar uma fotografia junto à imagem de Sta. Eufêmia. E enquanto isso, tratarei de rezar um pouco. Preciso muito e muito... rezar».

esperam a morte lentamente. Se todos colaborarem, Recife, que é o centro principal daquela região — pois é a terceira cidade do Brasil — terá uma casa para combater o câncer, e muitas mortes serão evitadas.

A OUTRA REPORTAGEM

Bernadete tem um par de belos olhos verdes que não param. Olhos verdes e por mais absurdo que pareça, muito alegres. Gesticulando sempre e com aquele seu constante e gracioso sorriso, levanta ou desce a cabeça quando fala:

— Eu leio a «REVISTA DA SEMANA» há muito tempo. Fiquei alegre em receber um seu representante, da mesma maneira que me dá mais coragem a colaboração da imprensa, divulgando as minhas idéias para a construção de um hospital de cancerosos no Nordeste. Muita gente, e até os médicos, estão pensando que eu vou morrer. Vou morrer nada, gente! Nós todos sentimos, temos presságios, quando nos vai acontecer alguma coisa. E' o que está aconte-



Pepita também acredita na cura da irmã. No momento em que foi feita a foto, as duas conversavam confidencialmente. Falariam de amor?

cendo comigo, uma moça que ainda nada tem a contar. Mas pode ficar certo — isto eu já disse muita vez — pode ficar certo, «seu» repórter, que dentro em pouco, com a ajuda de todos, começará a surgir no Recife o resultado desta minha doença — o hospital que é o meu sonho.

— E sobre as suas emoções, Bernadete. Seu estado de espírito, suas esperanças. Acho que você fala muito pouco a seu respeito, preferindo insistir na sua obra. Os leitores estão ansiosos para saber algo da sua vida, de tudo enfim que se relacione com você e com os seus.

— Mas é claro que eu devo falar apenas dos meus objetivos. Falar de mim... Tenho uma vida como a de qualquer outra moça do Nordeste. Esportes, igreja e meus alunos. Falar dos meus, que poderei dizer? Que recebi uma carta dos meus pais perguntando quando volto e se minha campanha vai bem? Vai tudo bem, porque não perdi a fé, porque Deus está comigo. E voltarei logo que tudo isto se acabar. Depois,

então, vou telefonar para você. Isto não está muito longe. Fique certo, meu caro. Aguarde lá na redação que eu vou lhe telefonar, para que você faça a reportagem da minha saída do hospital. Está certo?

— Certo, Bernadete!

TERIA HAVIDO O MILAGRE?

Esta reportagem não estaria completa sem a opinião dos vários médicos que assistem a valente nordestina. Por isso, entramos em contato com alguns dos mais renomados cancerologistas do Rio, além do dr. Waldemir Lopes, médico assistente de Bernadete. E foi assim que tomamos conhecimento de um fato novo e surpreendente: **Não há certeza de se Bernadete continua cancerosa** — até o momento em que escrevemos esta reportagem (8 de setembro), os primeiros exames feitos, foram negativos.

Para os leigos, as declarações do dr. Alberto Coutinho, figura respeitável de médico cancerologista e filantropo, certamente representa a realização do milagre esperado por Bernadete. Mas, tal afirmação não quer dizer que a professora não tenha sido, nem seja agora, portadora de câncer, pelo motivo seguinte: Em Recife vivem homens de ciência de grande reputação, destacando-se a figura do dr. Barros Lima, que tratou de Bernadete. Tendo apresentado um tumor maligno no braço, foi a paciente operada com êxito pelo referido médico, vindo para o Rio para ser submetida a novos exames, porque os médicos nordestinos acreditavam que o mal lhe havia atingido os pulmões, sem no entanto poder diagnosticar, por falta de recursos técnicos. Feitos no Rio os exames preliminares que não podiam ser feitos no Recife, ficou constatado que Bernadete **tem apenas uma sombra num dos pulmões**, o que não quer dizer que o câncer já tenha progredido até ali, pois poderá tratar-se de uma simples predisposição à tuberculose. Novos exames foram feitos, e continuaram sendo negativos. Acontece no entanto que está provado por exames feitos no Recife, que Bernadete era vítima de um processo canceroso em evolução. O que teria afinal acontecido. Estaria curada a jovem nordestina?

Seria um caso ímpar, contudo, é demasiado cedo para se fazer tal afirmação. Mas, uma coisa é certa: as esperanças de cura já não são apenas de Bernadete. Talvez o seu milagre **impossível** aconteça. Se assim fôr, até a reportagem combinada, Bernadete!



É difícil surpreender Bernadete sem um sorriso nos lábios. E esta foto foi possível porque houve um momento em que a moça sentiu dores mais fortes. Deitou-se e esperou que a crise passasse. Isto sem um gemido. Depois, levantou-se e disse sorrindo: «Vamos prosseguir a reportagem, mocor».

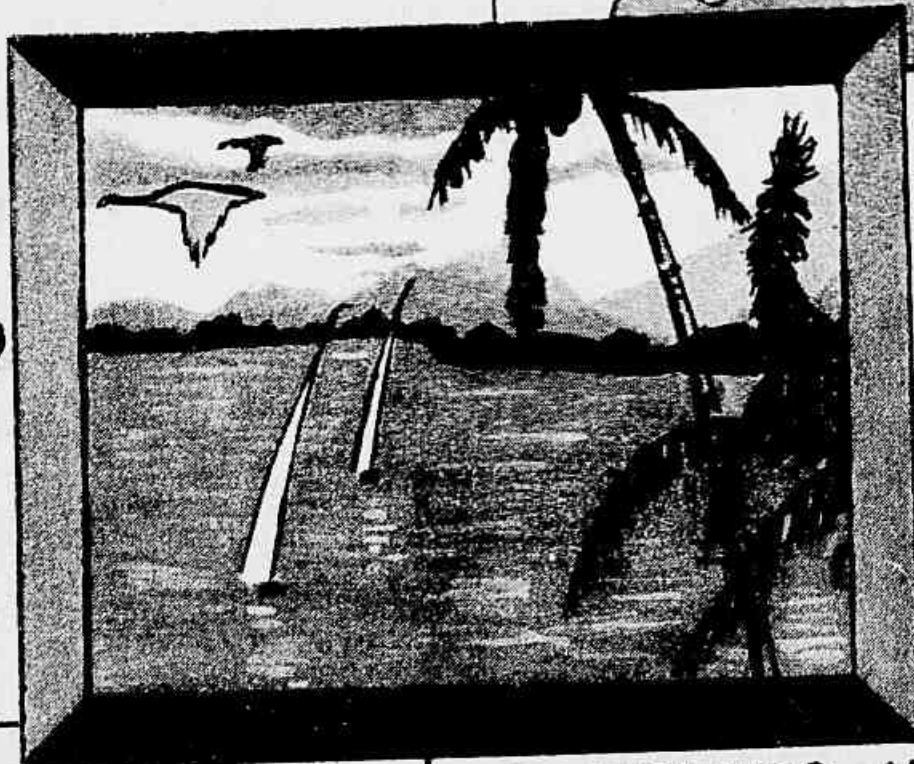


Bernadete Xavier Gomes, ao microfone de uma emissora carioca. Veja-se os olhos verdes e belos, o nariz atrevido e os dentes alvos. Sempre despenteada, e é assim mesmo muito bonita.

LOTEAMENTO CIDADE BEIRA-MAR BARRA DE SÃO JOÃO

NA MAIS
LINDA PRAIA
NO MELHOR
PONTO TURISTICO
DO EST. DO RIO

CONTINUAÇÃO DA PRAIA DE
CABO FRIO



VENDAS E INFORMAÇÕES

CONCESSIONÁRIA

C.-B.-M.

COMPANHIA BRASILEIRA DE MELHORAMENTOS

RUA ARAÚJO PORTO ALEGRE, 56 — Sobreloja 2
Esq. Av. Graça Aranha (Esplanada do Castelo)
TELEFONE: 32-9933

Horário: 9 às 18 horas (inclusive sábados)
Domingos: das 9 às 12 horas.



PRESTAÇÕES A PARTIR DE

CR\$

70,00
MENSAL

MATAS • PRAIA

CAÇA • PESCA

O MELHOR NEGÓCIO DO MOMENTO
COM ESTAS VANTAGENS EXCEPCIONAIS:

- ★ Pagamento em 100 meses
- ★ Sem entrada e sem juros
- ★ Condução farta: diversas linhas de ônibus partindo de Niterói
- ★ Valorização positiva — Decreto n.º 58
- ★ Construção livre — Posse imediata.
- ★ Caça e pesca abundante.
- ★ Uma paisagem maravilhosa à beira do Atlântico.

ACEITAM-SE CORRETORES PARA SENSACIONAL PLANO DE VENDAS.

SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO EN-
TRE OS DIAS 24 E 30 DE SETEMBRO
DE 1955 (HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ **CARNEIRO** (21/9 — 20/10) — Os melhores dias da semana serão 25, 27, 29 e 30. Os restantes também serão favoráveis às suas atividades sociais e profissionais, embora de forma mais atenuada. As especulações darão ótimo resultado.

★ **TOURO** (21/10 — 20/11) — O começo da semana não dará grande coisa, sendo desfavorável, mesmo, às inovações. No final do período o leitor conseguirá algo, notadamente nos dias 29 e 30. Convirá insistir nos pedidos feitos anteriormente.

★ **GÊMEOS** (21/11 — 22/12) — Seja tão discreto quanto possível, no curso da semana em pauta. Evite discussões, principalmente as de natureza política e não especule fora dos domínios da sua profissão. O ambiente não lhe favorecerá as atividades.

★ **CÂNCER** (23/12 — 20/1) — Seus projetos poderão ter realidade durante a semana, pois o clima astral será muito favorável às suas iniciativas, sejam quais forem. Na vida doméstica e nas relações sociais terá o leitor grande satisfação.

★ **LEÃO** (21/1 — 20/2) — Relações muito proveitosas para o futuro, poderão ter início agora. A semana lhe dará margem a negócios de pronta solução e a especulações extra-profissionais, as mais lucrativas.

★ **VIRGEM** (21/2 — 22/3) — A semana passará de modo suave para o leitor. Não haverá no decurso da mesma, acontecimentos de relevo, favoráveis ou não. O melhor, no caso, será uma atuação moderada nos negócios, pois os esforços nada produzirão.

★ **LIBRA** (23/3 — 20/4) — A semana o ajudará na realização dos justos propósitos de que estiver animado. O leitor encontrará facilidade na aquisição do que necessitar e um campo de ação muito mais propício às suas atividades.

★ **ESCORPIÃO** (21/4 — 20/5) — A semana, sob o ponto de vista astrológico, será «fechada» para o leitor. Seus apelos não serão escutados, o mesmo acontecendo com as propostas a que se animar. Os piores dias serão 26, 28 e 30.

★ **SAGITÁRIO** (21/5 — 23/6) — O novo período será muito bom para toda espécie de propaganda, a eleitoral inclusive. Os negócios se desenvolverão satisfatoriamente, havendo lucros compensadores. A profissão e as atividades paralelas estarão bem astralizadas.

★ **CAPRICÓRNIO** (24/6 — 22/7) — Há fortes ameaças de bruscos episódios na vida sentimental do leitor. Nesse particular, tudo poderá acontecer: desgosto, rompimento e até mesmo separação. Previna-se e não provoque a cólera dos deuses.

★ **AQUÁRIO** (23/7 — 21/8) — Com exceção dos dias 27 e 28, o leitor terá uma semana pródiga, um período propício sob todos os aspectos. Sua posição

econômica e financeira receberá um grande alento por força das favorabilidades reinantes.

★ **PEIXES** (22/8 — 20/9) — A posição do seu astro dominante não se modificará no curso da semana entrante e isto dará margem à contribuição do mesmo estado preconizado na semana anterior. O ambiente astral se anuncia modesto, mas favorável.

OS NOMES DA SEMANA

Setembro, 24	—	Julão	—	Alba.
" 25	—	Davino	—	Ester.
" 26	—	Fábio	—	Elvira.
" 27	—	Salústio	—	Delmira.
" 28	—	Paulo	—	Sebastiana.
" 29	—	Dionísio	—	Márcia.
" 30	—	Etelvino	—	Natércia.

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Setembro, 24	00° 39' 55"	(Signo da Libra)
" 25	1° 38' 42"	(" " ")
" 26	2° 37' 31"	(" " ")
" 27	3° 36' 21"	(" " ")
" 28	4° 35' 13"	(" " ")
" 29	5° 34' 7"	(" " ")
" 30	6° 36' 2"	(" " ")



À esquerda: A mesa que presidiu à solenidade de inauguração da nova sede do Conselho Superior, assim constituída: da esquerda para a direita: dr. João Henrique, Presidente, Cardeal D. Augusto Álvaro da Silva, Primaz do Brasil, dr. Carlos Luz, Presidente da Câmara dos Deputados e o Comte J.M. Amaral, representante do Presidente da República. — À direita: Parte da assistência, destacando-se, na primeira fila, da esquerda para a direita: dr. Haroldo Ascoli, Marechal Eurico Dutra, dr. Paulo Sarazate, Governador do Ceará e Senadores Gilberto Marinho e Benedito Valadares. Na segunda fila, também da esquerda para a direita: ex-Senador Alfredo Simch, dr. C.A. Dunshee de Abranches, o cronista social José Mauro, o professor Manuel de Oliveira Franco e o dr. Henrique Portela.



À esquerda: Em primeiro plano o Gal. Castelino Borges Fontes, Presidente da Caixa Econômica Federal de São Paulo, no momento em que pronunciava a sua oração, circundado pelo deputado Sigefredo Pacheco, o dr. Haroldo Ascoli, representante do Ministro da Fazenda, e parte da assistência. — À direita: Da esquerda para a direita: Marechal Eurico Gaspar Dutra, ex-Senador Alfredo Simch, dr. Henrique Dodsworth, Presidente Carlos Luz, Cardeal D. Augusto Álvaro da Silva e dr. João Henrique.

INAUGUROU-SE O CONSELHO SUPERIOR DAS CAIXAS ECONÔMICAS FEDERAIS

● Inaugurou-se no dia 1º de agosto último a nova sede do Conselho Superior das Caixas Econômicas Federais, planejada e executada na administração do seu atual Presidente, doutor João Henrique Sampaio Vieira da Silva. As no-

vas instalações desse alto órgão que orienta e fiscaliza as Caixas Econômicas Federais, obedeceram a um rigoroso estilo moderno, visando a imprimir aos serviços um sentido funcional e de racionalização do trabalho. É obra pioneira em tema de instalações de repartições públicas.

A solenidade de inauguração constituiu acontecimento de grande repercussão pública, social e política. Presidiu-a o ilustre dr. Carlos Luz, Presidente da Câmara dos Deputados e Vice-Presidente da República. A bênção foi oficiada pelo Cardeal Primaz do Brasil, dom Augusto Álvaro da Silva. O Presidente da República se fez representar pelo Comandante, J. M. Amaral. E o Ministro da Fazenda, dr. José Maria Whitaker foi representado pelo seu Chefe do Gabinete, dr. Haroldo Ascoli.

O discurso oficial foi proferido pelo Presidente do Conselho Superior, dr. João Henrique e falou, em nome das Caixas Econômicas Federais, o ilustre General Castelino Borges Fontes, Presidente da Instituição paulista. Estiveram presentes à inauguração o ex-presidente da República, Marechal Eurico Gaspar Dutra, o dr. Paulo Sarazate, Governador do Ceará, o Ministro Henrique Coutinho, Presidente do Tribunal de Contas, os Senadores Benedito Valadares Ribeiro, Gilberto Marinho e Cunha Melo, os deputados Flores da Cunha, Sigefredo Pacheco, os desembargadores Ari Franco e Mem Reis, o Embaixador Negrão de Lima, os drs. Dario Crespo, Veiga Faria e Olinto Fonseca Filho, o Embaixador Batista Luzardo, os atuais diretores do Conselho Superior, drs. Henrique Dodsworth, Solano da Cunha, Lineu Prestes, Salviano Leite,

vice-presidente, e Euclides Vieira e os ex-diretores desse alto órgão, drs. Edmundo Miranda Jordão, C. A. Dunshee de Abranches, Ricardo Xavier da Silveira, Ariosto Pinto e Justo de Moraes.



Flagrante do discurso proferido pelo dr. João Henrique, Presidente do Conselho Superior das Caixas Econômicas Federais.



Ofício de bênção: da esq. para a dir.: diretor Euclides Vieira, Mons. Oliveira, dr. João Henrique e Cardeal D. Augusto Álvaro da Silva.

Loira ou morena...



Não importa a cor...
Tôdas podem ser **belas e atraentes**
submetendo-se ao método de
beleza do crême ANTISARDINA.
Existem três fórmulas distintas,
cada qual oferecendo os
melhores resultados. Procure
saber qual delas se adapta
melhor à sua pele.

Antisardina



NARCISA

(Cont. da pág. 59)

— Que tu tem, Nicácio?

— Te quero. Tu sabe? Tu tem que saber.

A mulata não atinou com a resposta. O peão acercou-se. Era como se viesse para abraçá-la e o primeiro pensamento de Narcisa foi fugir para as casas. Depois riu de si mesma. «Não era êle o que ela queria que fôsse?» Encostou-se ao aramado.

— Narcisa, tu me quer bem?

Ela pensou: — E agora? Se eu digo que não, êle se vai. — Resolveu ficar quieta, oferecendo-se tôda

ao seu olhar pesado e acariciante.

— Narcisa, eu te juro por tudo, que te quero pro resto da vida.

— Eu sei.

— E tu, não me quer nem um pouquinho?

— Pois... quero, Nicácio.

— Deveras? — O peão estava surpreso e sorridente. Agarrou Narcisa pelos ombros. — Me dá um beijo, negrinha da gente.

Narcisa empurrou-o. Não era bem assim que ela queria. Apertou os olhos e, encostando-se mais ao moirão do aramado, jogou a ca-

beça para trás, rindo perdidamente.

— Tu é gozado, Nicácio.

— Me dá, Narcisa. Não me judia. Tu ainda me deixa louco.

— Não dou. Te sossega.

— Qualquer dia eu vou embora e nunca mais tu me enxerga. Me sumo por aí e pronto. Depois tu chora.

Narcisa riu mais. Sabia que era só ameaça. E respondeu, birrenta, com um desafio nos olhos.

— Não dou.

— Dá... Narcisa. Dá um só.

— Não dou. Não amola. Enche

a jarra duma vez, que eu tenho de ir. Se soubesse que tu lava aqui não tinha vindo.

Nicácio embraveceu. Como para tentá-lo, Narcisa tinha os lábios úmidos e um sorriso que lhe fazia tremer os cantos da boca.

— Tu é bandida. Olha que faz tempo que eu te rondo. Tu me provoca, depois fuge. Credo. E tu ainda diz que me quer. Duvido.

A mulata fazia-se surda.

— Tá bem. Vai embora. — A voz do peão tornava-se abafada e impaciente. — Anda. Que é que espera? Vai procurar outro que se preste pros teus gostos.

Narcisa perdeu o sorriso. Depois retomou-o, um pouco incerto. Estava aturdida. Não contava com a brabeza de Nicácio.

— Peste. Por que veio prá cá? Bem podia ter ficado lá no rancho, com tuas ruindades. Negra bandida. — Êle falava quase na cara da mulata, de mãos erguidas como se quisesse esmagá-la. E, como se houvesse chegado demasiado perto de um abismo e caísse nêle, agarrou-a nos braços e, ainda praguejando, apertou-a dentro dêles e lhe beijou a boca. Depois, como quem pede desculpas, afastou-a um pouco e murmurou:

— Puxa, negra. Arre, que tu tira a gente da paciência. — E, meio assustado, separando-se dela: — Acho que Sia Josefa enxergou.

Narcisa teve um sobressalto. Olhou para os lados com olhos inquietos, cheios de susto, e voltou-se para Nicácio. Fazendo-se pequena em seus braços, sorriu-lhe apressada e lhe disse:

— Apura, Nicácio. Tenho de ir. Me dá mais um, bem depressa.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirá-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil:
Sociedade Farmacêutica Quintino
Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembolso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº.

NOME.....
RUA..... Nº.....
CIDADE.....
ESTADO.....

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 75,00



SACO AZUL-CINTA ENCARNADA

AINDA A PRIMEIRA EXPOSIÇÃO DE INDÚSTRIA, ARTE E HISTÓRIA

- Na fotografia acima o sr. Fábio Lírio, Diretor da Cia. Usinas Nacionais, no momento em que cumprimentava S. Exa., o Governador do Estado do Rio de Janeiro, Sr. Miguel Couto Filho, por ocasião da mostra industrial realizada em Quitandinha.

"GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA"

PELO DR. NILO CAIRO

Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias

Acaba de aparecer a 16ª edição deste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Todas as famílias o devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, é o substituirá. Quem possuir um exemplar deste livro tem sempre ao seu dispor médico e farmácia.

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e solidamente encadernado Cr\$ 130,00

PEDIDOS A
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Libero Badaró, 491 — Caixa Postal 258
São Paulo

Remetemos para todo o Brasil pelo reembolso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

SÃO PAULO — End. Telegr. "PRINCIPEHOTEL"

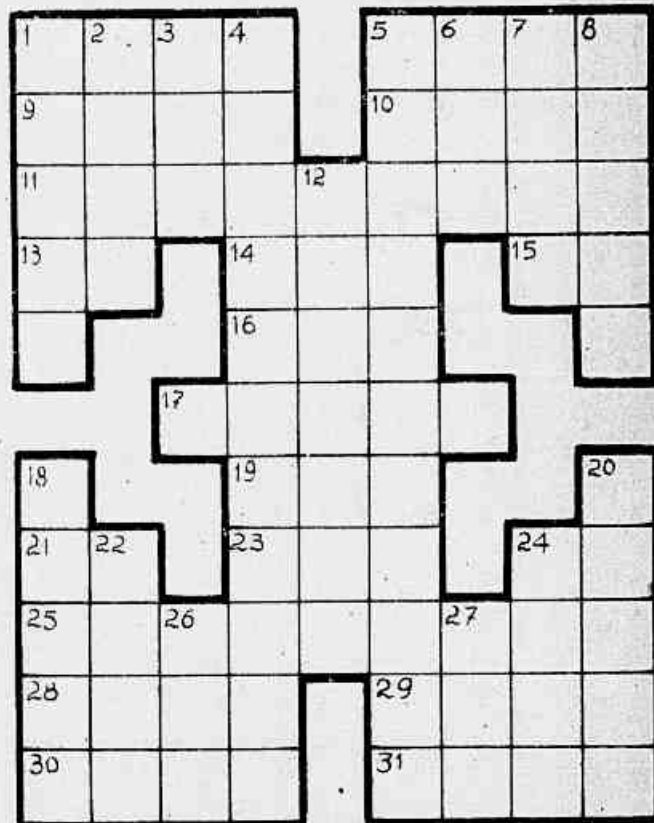


Palavras Cruzadas

PROBLEMA Nº 85

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — 1. Serpente do Brasil — 5. Povo das margens do Brahmaputra — 9. Divindade egípcia, mãe de Horus — 10. Camisa — 11. Instrução extensa e variada — 13. Papagaio da Amazônia — 14. Grande oásis do Saara — 15. Interjeição em resposta ao apêlo ao nome — 16. Vila do Egito na península de Sinai — 17. Mordaz — 19. Numerosos — 21. Um dos quatro elementos dos antigos — 23. Circunscrição civil de Moçambique — 24. Príncipe — 25. Sentir profundamente — 28. Estorvam — 29. Substância em pequenos fragmentos usada em duplas pesagens — 30. Campo — 31. Planta da família das Leguminosas — Papilionáceas (pl.).

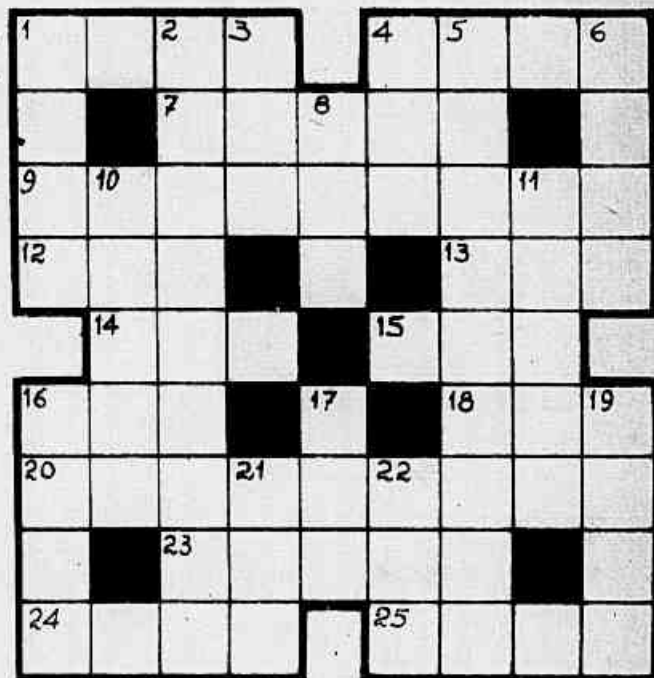


Oliver - Rio

VERTICAIS: — 1. Espécie de boião da Bahia (pl.) — 2. Gênero de insetos coleópteros teredilos — 3. Cidade dos Estados Unidos — 4. Palavra de origem asiática — 5. Sovinice — 6. Moeda de Sião — 7. Antipatia — 8. Arraiais — 12. Tumor muscular — 18. Cortar medranças e plantas — 20. Enérgicas — 22. Imparcial — 24. Desumano — 26. Essência de terebentina — 27. Pandeiro muçulmano.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Ponto para onde se dirige o tiro — 4. Leito — 7. Irisar — 9. Meteram em goma e passaram o ferro quente — 12. Nome de homem — 13. Rebordo de chapéu — 14. Verme que aparece em feridas de animais — 15. Faz uso — 16. Argola — 18. Fileira — 20. Que navega junto à costa (pl.) — 23. Principal artéria do aparelho circulatório — 24. Imposto de transmissão — 25. Queres bem.



Oliver - Rio

VERTICAIS: — 1. Pequena argola que se enfeitam os dedos — 2. Que tem vigor (fem. pl.) — 3. Rezo — 4. Designação genérica dos vegetais — 5. Nivelaram, tornaram raso — 6. Instrumento de ataque ou de defesa — 8. Íntimo — 10. O mesmo que «nervo» — 11. Tremor (de terra) — 16. Mau cheiro (pl.) — 17. Possuir — 19. Membros de ave — 21. Sirga, reboque — 22. Pedra.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 84

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: afim — caro — lam — bar — tipo — daia — amartaler — reata — are — Udina — acréscimo — uras — arar — iei — ais — assa — urso.

VERTICAIS: altas — faim — impar — abala — raia — orara — oréades — detença — taris — sauiá — Urais — airar — corso — crês — mais.

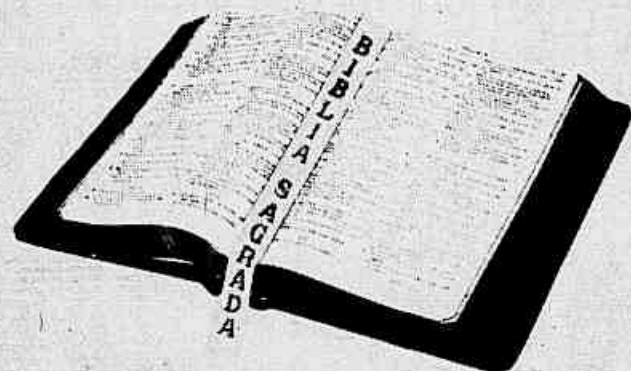
PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: cala — amar — motejar — lá — ano — ré — ara — mas — erários — êle — ras — rã — Ada — dó — departamento — mora — iara.

VERTICAIS: amarelado — lo — ata — ajo — má — arrasador — entrada — la — és — are — mor — Er — só — Apa — Ari — er — ta.

FONTE DO PROTESTANTISMO

O LIVRO da ESPERANÇA



SOCIEDADE BIBLICA do BRASIL

CARTAZES semelhantes vêm sendo espalhados abundantemente por todo o interior do Brasil, numa campanha enorme e bem orientada, no sentido de que a Bíblia seja mais conhecida.

O PROTESTANTISMO, no seu sentido histórico e específico, surgiu no dia 31 de outubro de 1517, quando o monge agostiniano Martinho Lutero afixou na porta da Igreja de Wittenberg, na Saxônia, as suas célebres 95 teses ou proposições contra as indulgências. Embora Lutero tenha sido o maior dos Reformadores, e na Alemanha tenha soado o mais estrondoso brado de revolta, não se pode dizer que o Protestantismo seja de origem exclusivamente germânica. O desejo de reforma da Igreja era geral no comêço do século XVI, e não se limitava à Alemanha, Inglaterra, Suíça e França. Como afirma Gaston Mercier no seu livro "L'esprit Protestant", a Reforma "foi

nacional em cada país". Importa ainda notar que o luteranismo apenas teve influência na Alemanha e nos países do Norte da Europa. A Reforma suíça, com Zwinglio e Calvino, especialmente este último, é que deu ao Protestantismo os seus característicos distintivos em quase todo o mundo, inclusive na Alemanha. A Reforma proclamou que a Bíblia é a única e exclusiva autoridade em matéria de fé, e subordina a Igreja e a Tradição às Escrituras Sagradas. A Reforma, por outro lado, foi uma consequência lógica da leitura da Bíblia, pela Igreja vedada (por muitos e muitos anos) aos fiéis, para evitar que estes percebessem a divergência existente entre os seus ensinamentos e os das Escrituras.

● ÚNICA REGRA DE FÉ

Para os Evangélicos (ou Protestantes, como são denominados), a Bíblia é a única regra de fé e prática. Toda a verdade, que é necessário crer e praticar para a salvação, é explicitamente declarada nas Escrituras ou delas se pode inferir por clara dedução. Este conceito foi

A BÍBLIA FEZ A REFORMA DO SÉCULO XVI ★ REGRA DE FÉ E PRÁTICA DOS EVANGÉLICOS ★ UM LIVRO POPULAR OBSCURO... MAS NÃO TANTO ★ CONTRADIÇÕES BÁSICAS ★ O LIVRO DA VIDA COMO PENA DE MORTE

Reportagem de HYNENNY GOMES FERREIRA

(1ª de uma série de três)

sustentado por todos os Reformadores. Já Wyclif dissera: "As Sagradas Escrituras contêm toda a verdade, toda a filosofia, toda a lógica, todo o ensino ético, e os que as não tratam como a suprema autoridade, são inovadores, modernistas, pervertedores, sofistas, discípulos do anticristo". Para o evangélico a Bíblia é um livro popular. Segundo Schaff, grande historiador e teólogo, a Bíblia é um livro tanto para o lar como para o santuário, tanto para a choupana como para o gabinete do erudito. Traduzida para a linguagem do leitor, ela será tão livre como o ar e a luz do sol. É o livro da vida — a mensagem do Evangelho. Como é franca a mensagem para todos os que a aceitem, assim o volume que contém a mensagem deve ser aberto a todos os que queiram ler. Quem sonharia em reservar a Constituição brasileira a uma classe privilegiada, isto é, aos membros do Congresso e a nossos juizes!

● A BÍBLIA E A TRADIÇÃO

Os evangélicos aceitam, como os católicos, a tradição. Neste particular, entre-



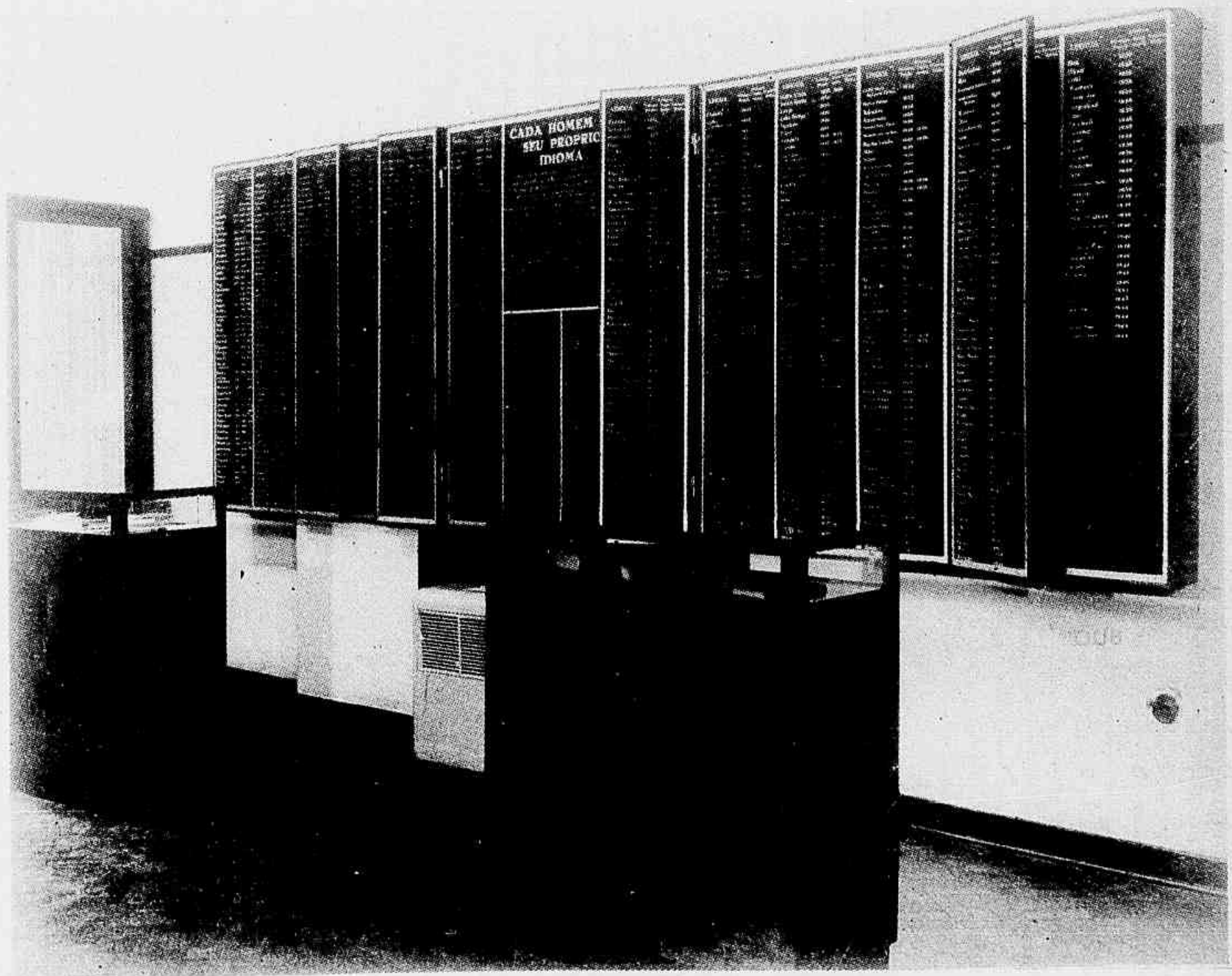
tanto, há uma diferença de posição: os evangélicos colocam em primeiro lugar a Bíblia e, em segundo, a tradição; eles crêem na tradição, porém somente naquilo em que ela não contradiga as Escrituras Sagradas. Os católicos aceitam a Bíblia, porém, naquilo em que ela confirma a tradição.

● AS OBSCURIDADES DA BÍBLIA

O evangélicos reconhecem que há certas obscuridades nas Escrituras Sagradas, porém sabem que os textos claros são em muito maior número. Sabem que o argumento da obscuridade de alguns trechos da Bíblia não procede, porque a própria Igreja Católica Romana não poderia pregar os dogmas se se baseasse apenas no que fôsse claro, porque a própria Igreja Católica Romana crê e ensina que os dogmas são obscuros e devem ser aceitos pela fé, não são matéria de raciocínio. Na vida diária usamos muitas vezes argumentos e conceitos que no fundo

(Segue)

A BÍBLIA SAGRADA, que até antes da Reforma do século XVI só estava ao alcance de uns poucos eruditos, amantes do grego e do hebraico, nos dias de hoje é lida por milhões de seres humanos, no seu próprio idioma. Sua publicação se faz, atualmente, em 1.108 línguas e dialetos.



«EXAMINAI AS ESCRITURAS, porque são elas que de Mim testificam», disse Jesus à multidão que o acompanhava, e «nelas encontrareis a Verdade, Verdade que vos tornará libertos». Século e meio depois as autoridades eclesiásticas diriam que não era decente colocar as Escrituras nas mãos do povo inculto e simples...

27 de setembro de 1905

POR AQUI E POR ALLI

● É actualmente na Europa motivo para as mais desencontradas opiniões a recente visita da esquadra franceza ao porto inglez de Cowes. O character francamente sympathico e amistoso com que foi recebida a marinhagem franceza pelas autoridades e pelo povo britannicos deu ensejo a que os politicos que se interessam pelo movimento internacional emitissem a respeito algumas opiniões, outrós os seus temores e receios, e finalmente outros a sua alegria pelos resultados benéficos que á causa geral poderá trazer a amizade da mais poderosa das potencias. Na França e na Inglaterra ha, contudo uma classe de scepticos que não vê nada com bons olhos, nem cousa alguma, para elles, de bom é duradouro ou pode prosperar, e assim enquanto os optimistas externam francamente as suas crenças de que a França tem com esta demonstração de amizade, um grande elemento de futuro progresso e de duradoura época de estabilidade nas suas relações internacionais, os primeiros esforçam-se em fazer público os seus cantos de cysne. Na sua maioria, os francezes pretendem fazer crer que esta visita não representa mais que um simples ato de cortezia internacional, assim como também o affirmam os inglezes; o facto, porém, que ultimamente se têm desenrolado na politica internacional europea vêm desmentir essas affirmações. E tanto assim o comprehende a Allemanha que tem feito grandes esforços para desvalorizar a recente amizade dos dous paizes e captar para si também a garantia de um pacto amistoso com a Inglaterra. Eduardo VII, porém, tem sabido evitar, diplomaticamente, um encontro com Guilherme II, o que tem concorrido para que este ultimo soberano esteja mais vigilante. O que é facto, no entanto, é que, esta visita da esquadra franceza representa alguma cousa mais do que uma simples cortezia. Para quem tenha acompanhado a questão levantada pelo irrequieto Imperador da Allemanha sobre a situação de Marrocos verá claramente na posição da França uma medida de garantia contra alguma descabida pretensão do Imperador germanico. Demais, a proximidade da data da conferencia sobre este assumpto e o estremecimento das relações diplomaticas entre as duas potencias França e Allemanha, demonstram o fito especial desta visita. Será ou não duradoura esta nova amizade? Sobre esta interrogativa é que se pronunciam os scepticos externando as suas duvidas. O que, porém, não padecer duvida é que convem em extremo á França e á Inglaterra andarem de mãos juntas nos negócios da África. Qualquer descuido naquellas regiões é a maior das esperanças para o Kaiser, pois assim poderá francamente lançar o seu predomínio naquelle continente. Ora, isto justamente não desejam as duas novas amigas, e, portanto, não vemos razão alguma de ordem politica para que arrefeça a nascente amizade que as pode guiar a grande progresso e provento. Que fará a Allemanha se isto fór de facto transformado na realidade de um tratado de alliança?

F. M. Junio

THEATROS

A companhia, que ora explora o Theatro Lyrico, deu-nos incontestavelmente o clou theatral da semana, que hoje expira, interpretando a bella e encantadora partitura de Hector Berlioz, um dos

espíritos mais artísticos, de erudição musical pouco commum, que vivera no século das luzes. «*Damnation de Fausto*», trabalhada com esmero e proficiência indiscutíveis, revela de um modo patente o genio artistico do critico intrasigente do século XIX, que annos passou no estudo aprofundado de todos os segredos da musica. A sua obra, a despeito da situação antipathica que creara naquelle tempo, a sua critica tão exigente quão imparcial, logo que appareceu, impoz-se brilhantemente á admiração publica. Isto, nas circunstancias em que se encontrava o autor, era a prova evidente do valor meritorio do seu trabalho. «*Damnation de Fausto*» não constituia uma novidade para a nossa platea, que a vira representada por outras companhias, que aqui, pelo menos, não demonstraram haver comprehendido devidamente esta bella pagina de musica, cheia de bellezas e contrastes surprehenderes. O publico fino e selecto que enche a vasta platéa do Lyrico, na quarta-feira, assistiu silencioso á longa interpretação da partitura e, julgando do valor da sua execução, applaudiu-a numa sublime demonstração de jubilo. A orchestra fez maravilhas, dando todo o realce possível a marcha hungara, que foi bisada, taes as ovações do publico em geral. O tenor Giraud cantou com correção e energia, encarnando muito bem o velho desiludido e indifferente, sobresahindo-se todavia no monologo de Fausto, que disse com um sentimento admiravel. O sr. Magini-Colletti fez um admiravel Mephistopheles, cantando satisfactoriamente a fuga do Amen. A dansa dos Sylphos alcançou também um triumpho colossal. No segundo acto, a sra. De Lerma deu um bom desempenho ao seu papel, cantando com correção incontestavel o monologo e a balata e o sr. Magini-Colletti com muito espirito e graça se houve na serenata, que por insistencia do publico teve de bisar. A artista, a que nos referimos no periodo precedente, cantou admiravelmente com o sr. Giraud o bello monologo de Margarida e Fausto. De resto, a interpretação da obra prima de Berlioz foi digna de todos os encomios. (Nota: Monologo de Margarida e Fausto... Tolice de cinquenta annos.)

A BATALHA DAS FLORES

● A natureza, na sua exuberante pompa, concorreu domingo com um dia lindissimo para o elegante prelio floral, que se effectuou no vasto parque da Acclamação. Foi a terceira batalha de flores que se travou entre nós, mas ainda assim um tanto circunscrita, não com o esplendor e magnificencia das que são levadas a effeito, em Cannes, Nice e Menton. Festa distinta e "chic", onde tiveram as primicias — a mulher e a flor. Essa, com seus tons maravilhosos, inebriantes, desde o mais forte, que nos fere a vista, ao mais suave, que nós delicia. A outra, aureolada dos attractivos inatos á belleza e á graça, arrebetando-nos. No delirio do perfumoso combate, mãos nervosas comprimiam delicadas rosas, jasmims, cravos, mimosas, violetas, projectis que partiam, levando quiza um beijo acariciado, um voto sincero e expressivo! As nossas formosas patricias imperavam no encantador torneio de galanteria e do luxo, da graça e da belleza, enchendo com seus perfis encantadores, recamados de finos vestuarios, as alamedas do vasto horlo, as archibancadas, ostentando-se nos carros, dando á festa o maior e mais valioso concurso.

ESCRITURAS SAGRADAS

são obscuros. O rádio, que usamos diàriamente, não conhecemos tóda a verdade a seu respeito; a matéria com que tratamos diàriamente, e, em parte, da qual somos feitos também não é completamente ou claramente definível. A matéria é ainda um ponto obscuro para a mente humana. Tanto a Igreja Católica Romana como a Evangélica (ou Protestante), ensinam a doutrina da Trindade, no entanto, nem os teólogos protestantes, nem os católicos poderiam dizer que a doutrina da Trindade é claramente comprehensível. Segundo Schaff, já citado, pode-se dizer que pelo princípio protestante, decretos de Concílios, escritos de Padres e pronunciamentos de pontífices só têm valor no estabelecer o que devem crer os cristãos, quando concordem com as Escrituras Sagradas e não acrescentam a elas nenhum elemento estranho.

● DIVULGAÇÃO PROIBIDA

Entre 1466 e 1521, ano em que Lutero preparou o seu Novo Testamento, 18 diferentes impressões de uma versão ou de versões alemãs, foram divulgadas. Esta fôra a tradução em qualquer língua, durante os sessenta annos que se seguiram à invenção da imprensa. O prefácio da edição publicada em Colônia no anno de 1480, concitava todo o cristão à leitura da Bíblia — conselho este repellido por autoridades altamente colocadas. Em 1485, o mais elevado dos prelados alemães, Bertholdt, Arcebispo de Mogúncia, annunciou que a língua alemã não era veículo através do qual as sublimes verdades das Escrituras Sagradas pudessem ser expressas com fidelidade, acrescentando, que não era decente colocar as Escrituras nas mãos do povo inculto e simples, especialmente nas mãos das mulheres, visto serem incapazes de retirar delas seu verdadeiro ensino. Sob pena de multa de cem florins-ouro, o



OS MENINOS começam desde cedo a conhecer as Escrituras. Há pouco, o décimo milionésimo volume da Bíblia foi publicado pela Sociedade Biblica do Brasil.

arcebispo proibiu a impressão e venda de qualquer versão alemã que não tivesse sido examinada pelos sábios doutores de Mogúncia e Erfurt. Esse decreto foi tão eficiente que durante os 40 anos que se seguiram à sua publicação, somente quatro impressões, sobre dezoito, foram permitidas. Os Reformadores Protestantes se apegaram firmemente às Escrituras, e, tanto quanto foram capazes, tornaram suas páginas acessíveis a todos os homens, suprimindo o que Knox e Latimer chamaram a "fome da Palavra de Deus". Em oposição àquela atividade, as autoridades eclesiásticas não só legislaram contra o uso da Bíblia, como puniram seu uso com pena de morte. Sob as acusações de favorecer as versões populares e de ter negado a transubstanciação, Patrick Hamilton, da Escócia, foi queimado em Santo André, em 1528. Em 1533, os Bispos escoceses baixaram um decreto contra a leitura do Novo Testamento em vernáculo. Quando Tomaz Forret estava sendo queimado em Glasgow, em 1540, tirou um Novo Testamento que se achava oculto no bolso e exclamou: "Este é o livro que faz todo este barulho e divergência em nossa igreja". Um dos juizes agradeceu a Deus por nunca ter sabido o que eram o Velho e o Novo Testamento.

● A BÍBLIA NO BRASIL

Em menos de sete anos de existência, a Sociedade Bíblica do Brasil já distribuiu 774.068 Bíblias, 562.321 Novos Testamentos, 8.651.601 Porções bíblicas, perfazendo um total de 10.000.000 de volumes de Escrituras Sagradas. A circulação atual de Escrituras em nossa Pátria coloca-a em posição de destaque na circulação bíblica mundial. Cerca de 10.700 volumes são distribuídos diariamente pelo Brasil afora. A publicação da Bíblia se faz, mundialmente, em 1.108 línguas e dialetos. Organizada em 10 de junho de 1948, a Sociedade Bíblica do Brasil distribuiu o seu décimo milionésimo volume das Escrituras Sagradas no dia 7 de fevereiro de 1955.

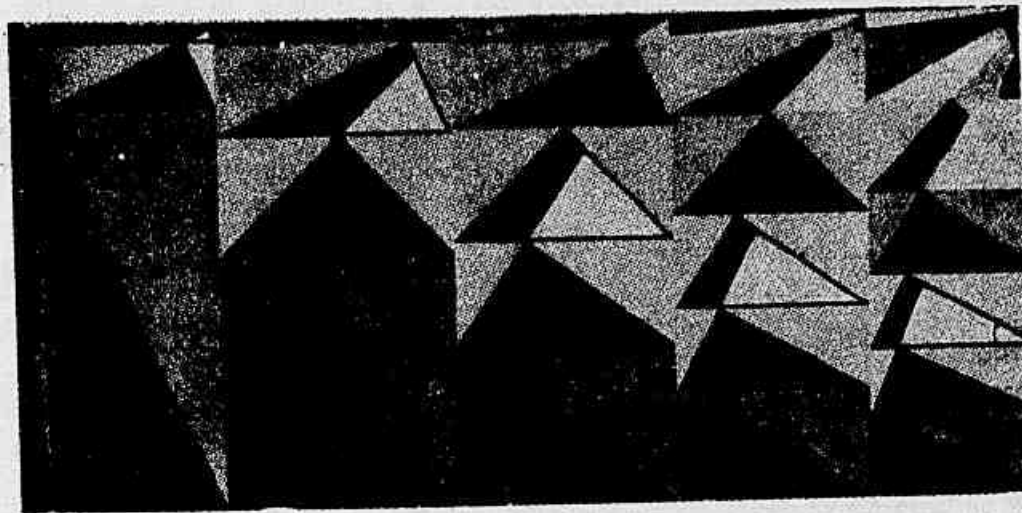


TAMBÉM AS MENINAS logo aprendem a manusear a Sagrada Escritura. Não há limite de idade nem diferença entre sexos para se conhecer a palavra de Deus.

ARTES

JOSE ROBERTO

FLEXOR E O ABSTRACIONISMO



Flexor — «Crescimentos Compensados e Derivados»

● Foi em 1910, após atravessar como um raio todos os «ismos» de que então se compunha a pintura européia, que Wassily Kandinsky, sob o influxo da Música, pela primeira vez executou uma obra desligada totalmente do mundo real, sem com ele guardar qualquer afinidade: uma aquarela, a que denominaria significativamente «Composição». Tal trabalho, e sobretudo a publicação, daquele mesmo ano, de seu tratado «Du Spirituel Dans L'Art» (espécie de Bíblia do Abstracionismo), garantem-lhe o lugar de chefe supremo do movimento abstrato, embora Tchurlianis, um pintor lituano, tenha sido seu verdadeiro precursor.

Nascido em berço eslavo, eslavos desde bem cedo foram também seus guardiões e principais propagandistas: parece haver, no eslavo, certa tendência para a auto-destruição, tendência mais notável na Literatura, mas que, no caso particular da Pintura, forçosamente levaria à abolição da figura, ao «suicídio» do mundo real. Daí aparecerem, nos tempos heróicos da escola abstrata, os Tatlin e os Larionov, os Rodchenko e os Malevitch. Contudo, também a França, através do Orfismo de Delaunay, e mesmo a pudica Holanda, com o Não-Plasticismo de Piet Mondrian, cedo tomaram contacto com o Abstracionismo.

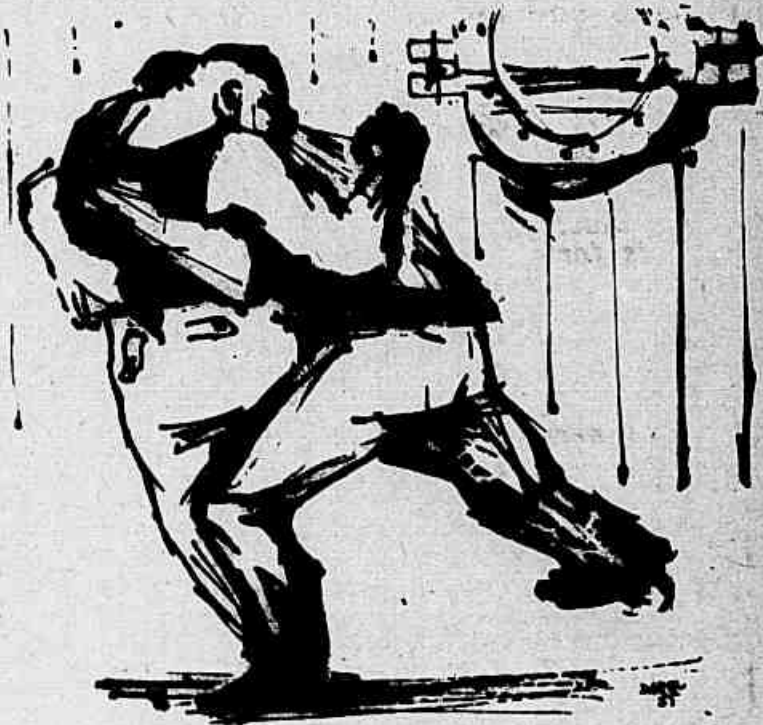
Que dizer, afinal, do abstracionismo? Repetir as velhas fórmulas de defesa e ataque que soem ser utilizadas em tais circunstâncias seria inútil. Contudo, não nos furtaremos a algumas opiniões. Há, no abstracionismo, e sempre houve em todas as épocas e escolas, aqueles que criam impelidos por uma necessidade íntima, e os que imitam, os que arremedam, uma maneira, sem qualquer necessidade de comunicação de seu âmago com o exterior. É porém impossível negar que mais que em qualquer outra tendência da arte moderna, grande é nessa o número daqueles que apenas reproduzem, fria e matematicamente, certa quantidade de régras e de receitas. Mais que em qualquer outro movimento, o formalismo está presente no abstracionismo, traduzido em uma multidão de fórmulas, que são a negação mesma da emoção artística. Nenhuma outra arte contemporânea corre, por sua vez, como a abstrata, o risco de descambar para o puro decorativo.

Tôdas essas reflexões nos vêm ao cérebro a propósito da Exposição Flexor, realizada no Museu de Arte Moderna. Longo e cansativo foi o caminho palmilhado pelo pintor (nascido rumeno, naturalizado francês, residente em São Paulo), desde que traçou numa tela a primeira figura até suas últimas experiências no domínio da arte abstrata, que incluem, aliás, a fundação do Atelier Abstração, em São Paulo, em 1948. Abandonando as antigas procursas, que vinham desde o dia em que, com outros jovens artistas, fundara em Paris o «Grupo dos Surindépendantes», quer, com outros jovens artistas, fundara em Paris o «Grupo dos Surindépendantes», quer, com outros jovens artistas, fundara em Paris o «Grupo dos Surindépendantes», quer, com outros jovens artistas, fundara em Paris o «Grupo dos Surindépendantes», quer, com outros jovens artistas, fundara em Paris o «Grupo dos Surindépendantes».

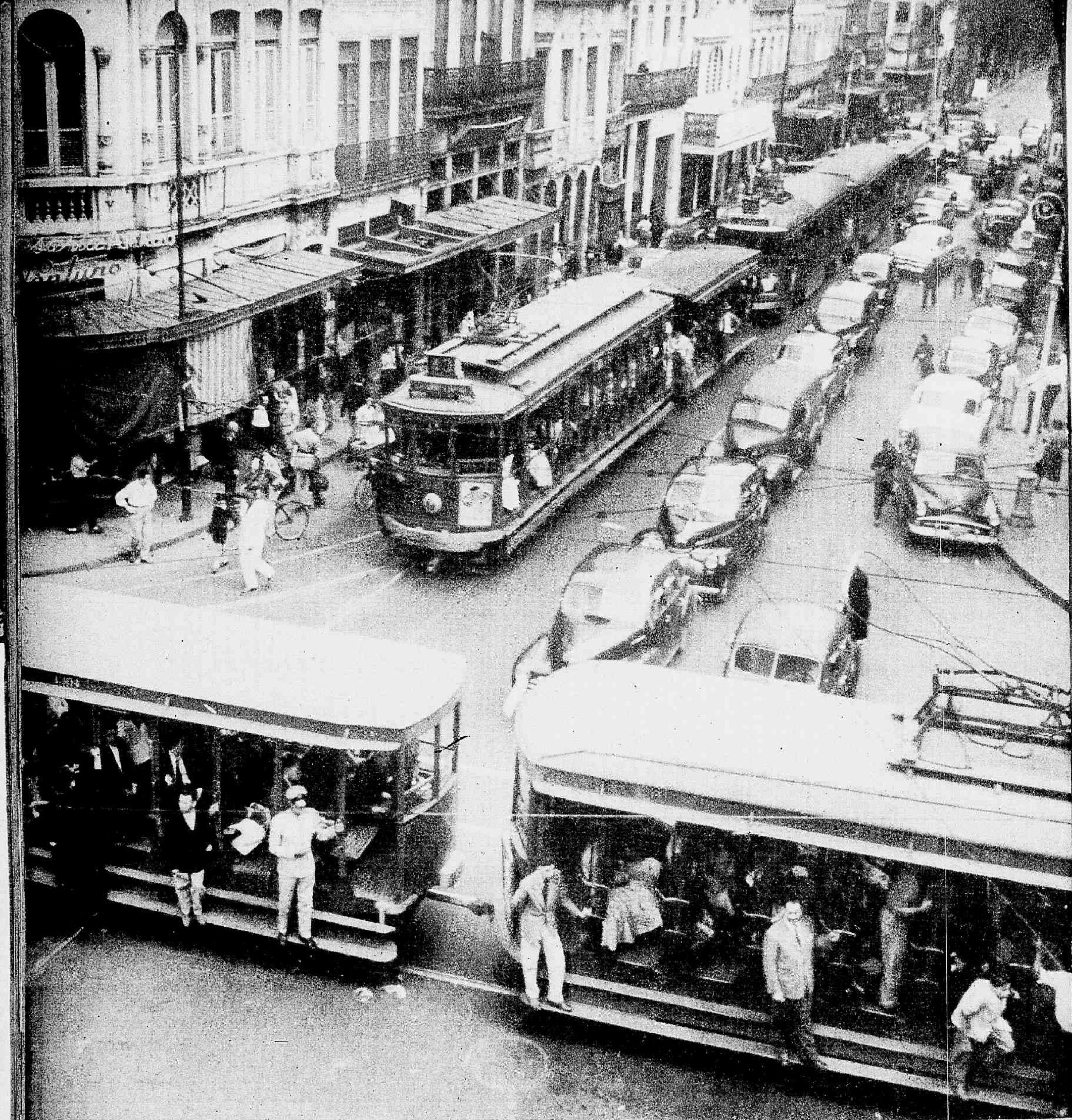
Não vemos com bons olhos as naturalizações, sejam elas jurídicas ou estéticas. Cremos que um arrependimento tardio, como foi o de Flexor, dificilmente pode ser sincero. Contudo, seu caso nos surge com uma atenuante. Imagine-se um europeu, saturado de uma tradição que em qualquer parte onde se encontre parece querer sufocá-lo, travando contacto com a natureza e o clima hodierno de uma cidade como São Paulo, em que as antiguidades não vão além de umas poucas centenas de anos, e onde só o presente e o futuro contam. Mister se faz que a arte acompanhe esse ambiente de atualidade. Esqueça-se a tradição. Sobre suas ruínas, que se ergam as bases de uma nova pintura, sem qualquer relação com o mundo de imagens, irremediavelmente ultrapassado e já exausto. Os quadros sobre o tema da Paixão, os últimos dos quais foram ainda terminados em São Paulo, são a despedida do artista do reino do anedótico — dessa perigosa anedótica que tantas vezes leva um pintor (e quase sempre o público) a considerar artístico aquilo que é somente pitoresco. De então por diante, Flexor tentará ignorar o mundo que o rodeia, para trabalhar apenas com a cor e a forma. Cor e forma quantitativa e qualitativamente desadadas, que buscam, pro si mesmas, existir.

Mas caímos novamente na célebre e angustiante interrogação de Kandinsky: é o abstracionismo (no caso o de Flexor) uma necessidade interior do artista, ou não passa de um seu capricho? Quer nos parecer que Sanson Flexor não é um bom abstrato. Há muito tempo, em verdade, não vimos trabalhos tão desprovidos de emoção como os desse rumeno-francês, tão cheio de teorias, mas tão frio na prática. E não apreciamos igualmente a fase figurativa do artista, a nosso ver destituída de valor plástico. Muito menos nos seduz sua fase abstrata. Se sinceridade há, está mal expressa. Todos os seus quadros se desenvolvem numa atmosfera de absoluta invariabilidade, segundo fórmulas fixas e aborrecidas. As cores são inexpressivas e muitas vezes descuidadas. Que coisa mais sem graça que os «Crescimentos Compensados e Derivados», em que a geometria tomou conta de tudo, expulsando o cálculo todo e qualquer resquício de emoção?

O que vemos, em suma, na Exposição de Sanson Flexor, é a repetição, mais ou menos monotona, de alguns temas banais. E isso, da maneira mais inexpressiva. Não se diga que somos contra o abstracionismo: somos contra certos abstratos, entre os quais, de hoje por diante, inserimos o nome do senhor Sanson Flexor. Nada pior do que encontrar um homem calculador e frio, ali onde se esperava distinguir um artista.



EDIÇÃO PARA BIBLIÓFILOS — Deverá sair em outubro, em tiragem limitada a 200 exemplares, a novela de Gasparino Damata «Caminhos da Danção», com 28 ilustrações de Darel. Os boletins de subscrição podem ser encontrados com os autores.



BONDES: causa do congestionamento do trânsito no Distrito Federal.

O BONDE ÊSSE DESCONHECIDO



● O condutor:

— Olha a Light. Faz favor...

O malandro, fingindo ler um jornal:

— Não amola, «portuga», quer receber duas vêxas?



● O condutor, aproximando-se de uma sexagenária:

— Faz calor, faz...

A velhota, irritada com o deboche:

— Moleque. Não se respeita mais ninguém nesta terra.



● No bonde que faz a viagem «Centro-Copacabana»:

Uma senhora diz para outra:

— Pois é, menina, não sei onde é que vamos parar com isso...

A outra, finalizando:

— Desatorado, vinha quase trepado nas minhas pernas e não queria que eu reclamasse. Pois sim.

Reportagem de LUIS MORENO

Foi há 63 anos passados, isto é, em 1892, que surgiu o primeiro bonde elétrico na cidade do Rio de Janeiro. No dia desse memorável acontecimento o povo saiu às ruas para ver o colossal besouro movimentando-se sobre os trilhos. «Verdadeiro milagre!» é possível que tenham dito.

Desde então, tornou-se o bonde o transporte coletivo por excelência. Condutores gentilíssimos, geralmente portugueses de bigodões retorcidos, desandavam-se em delicadezas para com os passageiros, de quem cobravam modestas passagens. Nos bondes da Light havia, de fato, conforto.

● O DRAMA DA CIDADE

Mas a Cidade Maravilhosa cresceu, suas casas coloniais deram lugar aos majestosos arranha-céus, suas ruas encheram-se de ônibus, lotações,

caminhões de carga, automóveis, e a população foi aumentando vertiginosamente. O pobre bonde ficou espremido nesse congestionamento que não mais lhe dava passagem e não mais lhe permitia a viagem de 20 minutos contados a relógio até Copacabana. O que antes se fazia com prazer, rapidez e regularidade, passou a constituir um tormento, uma longa e penosa viagem de horário incerto.

Esse pequeno episódio teve também seus reflexos na situação desse barnabé do tráfego que é o bonde, cujo trabalho aumentou na aventura de desbravar o tráfego e cujo salário se reduziu na mesma proporção.

● O DRAMA DO BONDE

Mas por que se reduziu de maneira considerável o salário do barnabé chamado «bonde»? O contrato de trabalho desse barnabé foi fixado em

Note-se a quantidade de pingentes que arriscam diariamente as suas vidas, viajando em bondes como o que vemos na fotografia.



O BONDE ESSE DESCONHECIDO



A ilustração dá-nos uma idéia do tráfego na Cidade Maravilhosa.

fins do século passado e começo deste. Naqueles bons tempos em que a forte moeda brasileira exibia sua importância entre as congêneres estrangeiras, e o dólar — o terrível dólar inatingível e escasso de hoje não ia além de 2 a 3 cruzeiros. O bonde mantinha a sua dignidade de transporte de bons costumes, ordeiro, regular, limpo, cortês, com o seu tostãozinho bem ganho.

Passaram-se os tempos, e seu contrato, com raras e insignificantes alterações, continuou sendo o mesmo, enquanto ao seu redor tudo se tumultuava na agitação dos preços, na desvalorização da moeda, na inflação, na balbúrdia do tráfego. Seu salário ficou agitado e ele mal podia comprar roupa nova, contentando-se com serzir os buracos do velho terno. Não quiseram ajustar módicamente seus salários de mais alguns tostões para que ele continuasse mantendo um pouco da sua experiência e eficiência e se fôssem modernizando, mas levaram a população a pagar 4 e 5 cruzeiros pela passagem de ônibus e lotação.

Iniciou-se, então, a «via crucis» do bonde, não só pelo desbravamento de um tráfego caótico onde assonava o seu principal inimigo — o lotação, o «gangster» do tráfego — como pelos prejuízos que começava a sofrer e que foram crescendo em proporções assustadoras com o passar dos anos, na voragem dos custos, nunca compensados, dos materiais e equipamentos.

● ACENTUA-SE A CRISE

A situação começou a tornar-se apoplética. De onde poderiam os bondes tirar os recursos para cobrir seus pesados «deficits»? Segundo verificamos em memorial recentemente publicado nos jornais pela concessionária, já no primeiro semestre do corrente ano o «deficit» dos serviços de bondes foi superior a 100 milhões de cruzeiros. Nos anos anteriores, ou seja, em 1953, o prejuízo dos mesmos serviços foi de ordem de 140 milhões e em 1954 subiu para quase 200 milhões. A situação do barnabé era de amargar.

A Prefeitura não lhe atendia os gritos, de socorro, negando-lhe o ajustamento tarifário. A socapa se alegava que o bonde deveria utilizar os recursos das companhias concessionárias de energia elétrica e de telefones — suas coirmãs — para que estas lhe dessem a necessária cobertura financeira.

Esta solução, porém, não levava a nenhuma saída: não só porque tais companhias se acham assoberbadas com os seus próprios compromissos, despindo-se um santo para vestir a outro, como também, e principalmente, porque a solução é ilegal, não permitindo nem o Governo Federal nem a Municipalidade que o prejuízo havido com a administração de bondes pese de alguma maneira nas tarifas de energia ou de telefone.

Onde, pois, a fórmula de salvação, o amparo? A Central do Brasil, por exemplo, ou qualquer empresa oficial de serviço público, quando se aperta recebe um jato de oxigênio do Tesouro — isto é, de todos nós, seus contribuintes, e tudo se normaliza. Mas e o bonde, para onde desapertar?

Assim, outra saída não há senão a desordem, a agonia do bonde, que já começou, aliás, com a supressão de algumas linhas. Venha o bonde a pagar as multas que lhe estão sendo impostas e mais se agravará a sua situação que está a reclamar não multas mas uma urgente solução há tanto tempo solicitada. Nenhum capítulo do drama do bonde é ignorado pela Prefeitura que, periodicamente, investiga a contabilidade das empresas e, no entanto, mantém em veneráveis arquivos os resultados dessas investigações.

● SERÁ ISTO O FIM?

Melancólica, a velhice dos bondes do Rio. Bem dizia na fila, outro dia, o pernambucano da feira: «Em Pernambuco, lá no Recife foi a mesma coisa: não quiseram acertar a situação dos bondes e eles se arrebutaram até acabar». Arrastando-se, velhos e cansados, pelos seus trilhos, atravancam e são atravancados pelo tráfego de uma cidade que não mais os comporta. O conforto, a tranqüilidade, o repouso, a segurança dos passageiros, até princípios da última guerra, deram lugar à irritação, ao cansaço, ao choque do passado, da tradição, contra as exigências de uma época que precisa ganhar tempo.

Barnabé do tráfego, velho, acumulando dívidas — e sem ter como pagá-las — o bonde já cumpriu a sua missão e não deseja senão ver o aparecimento, em seu lugar, de um sistema de transportes condizentes com as exigências da vida moderna e das condições do tráfego da cidade.



A super-lotação desse bonde quase o impossibilita de locomover-se.



Aspecto da rua dos Arcos, nesta cidade, onde o bonde, não podendo afastar-se dos trilhos, é um empecilho para os demais veículos.

NO RIO

O Crime Compensa

É O QUE SE DEDUZ PELO ENORME ÍNDICE DE CRIMINALIDADE ★ A MORTE DOS DOIS GUARDAS DA PENITENCIÁRIA CENTRAL E A TRAGI-COMÉDIA DA «GANG» QUE ASSALTOU UM TREM DA LEOPOLDINA, MATANDO UM OPERÁRIO QUE REGRESSAVA AO CONVÍVIO DOS FILHOS ★ MOVIMENTAM-SE AS AUTORIDADES NO SENTIDO DE ADOTARMOS A PENA DE MORTE NO BRASIL

Reportagem de ALVARENGA JÚNIOR

Fotos de "O GLOBO"

NOS primeiros dias do mês em curso, dois crimes hediondos foram praticados no Rio de Janeiro. Primeiramente sucumbiu o operário Júlio Novais, «sangrado» dentro de um trem da Leopoldina, quando regressava ao convívio dos seus. Dias mais tarde dois guardas da Penitenciária Central do Distrito Federal também perderam a vida em circunstâncias inéditas: dentro de um «tintureiro». Os crimes em si não constituem novidade, pois dezenas de trabalhadores já foram assaltados e mortos por malandros, da mesma forma que vários guardas da Penitenciária já foram sacrificados por detentos:

vai o crime se transformando em autêntica rotina nesta cidade cujo índice criminal é verdadeiramente aterrador, diante das estatísticas de outras mais populosas. Desta vez, no entanto, até juristas opinaram sobre o assunto, tangido: certamente pelo impacto das tragédias, percebendo as proporções do perigo que qualquer cidadão honesto corre ao tomar um trem ou mesmo andando pela Avenida Presidente Vargas. E' que dois dos assassinos, logo após o grave delito, exigiram em pleno distrito policial café de primeira qualidade, almoço e cigarros de sua marca favorita, e que, caso não



Manuel Soares, Djalma Piragibe e José Santos da Silva, os três comparsas de «Russo do Norte», numa fotografia feita logo após a prisão efetuada pelo delegado do 13º Distrito. Piragibe, o do centro, foi o homem que matou o operário, enquanto seus comparsas vigiavam as saídas do trem.





O crime numa reconstituição de nosso companheiro Ramon. De acôrdo com os depoimentos prestados, Piragibe sangrou o operário Júlio Novais de maneira covarde, estuqueando-o ainda durante a queda do corpo no ventre, obedecendo a esta ordem do bandido «Russo do Norte»: «Sangra o homem»

Russo do Norte

No Rio, o crime compensa



Os três criminosos acompanhados de um policial (de branco) seguem para o Distrito após serem presos como suspeitos. Colocados diante de suas vítimas, foram imediatamente reconhecidas.



Piragibe, o lombrosiano, frio assassino do operário, quando era conduzido prêso. Veja-se-lhe o semblante. Seus traços fisionômicos são de um criminoso biológico. Devia morrer também.

fôssem atendidos, contariam ao juiz que tinham sido maltratados, tão certo estavam da impunidade.

O outro caso que narraremos em seus mínimos detalhes, uma tragi-comédia autêntica, assombraria a um comparsa de Al Capone e e

«Russo do Norte», o frio chefe da «gang» que ordenou a morte do trabalhador porque êste reagiu. Não é êste o 1º crime dêsse perverso.

forçaria qualquer governo de outro país a tomar medidas drásticas. Mas, no Brasil, e particularmente no Rio de Janeiro, a crença generalizada é de que a pena de morte constitui «uma afronta aos nossos foros de povo civilizado», como se digno fôsse de povo civilizado matar friamente criaturas indefesas.

● O ASSALTO A UM TREM DA LEOPOLDINA

Alta madrugada do dia 2 de setembro. Sobre a chamada «Ponte dos Marinheiros», que fica bem perto da estação da central de trens da Leopoldina, malandros planejavam o grande «golpe» da quadrilha. Eram quatro os componentes da «gang». «Russo do Norte», homem afeito aos assaltos à mão armada, com várias entradas na polícia, chefiava o bando. Djalma Piragibe, nordestino esguio e cara de lombrosiano, era o mais atento ao «chefe» por ser novo na «profissão» e estar louco para provar que era dos bons; José dos Santos, negro feio como a própria alma, desejava saber se haveria sangue no meio da «coisa»; e, finalmente, Agenor Soares, metade menino metade homem, porém, mestre na «arte» do arrombamento.

Êles tinham ido ao cinema, supõe-se. E como nem tudo estava preparado para o grande assalto planejado, marcaram um encontro naquele local sombrio para consertar os detalhes do assalto.

carros antigos, com duas portas apenas. «Russo do Norte» colocou-se na porta da frente, deixando na outra o negro José dos Santos, e «Gordinho» do lado de fora, como «olheiro», para avisar a possível presença de «d. Justa».

Djalma Piragibe aproximou-se de um dos operários que dormitava. Aliás, os seis ou sete passageiros do trem estavam cochilando. Júlio Novais, o operário que vinha do trabalho, estava deitado num dos bancos e nem percebeu nada. «Russo do Norte» fez um sinal e as afiadíssimas facas eram encostadas aos peitos dos trabalhadores, que foram sendo «depenados».

— Quem achar ruim vai pro inferno!

E iam catucando suas vítimas com as facas, até fazê-las sangrar, sobretudo quando tinham pouco dinheiro.

Foi quando Júlio Novais acordou meio atordoado, e fez um gesto instintivo de defesa. Então, Piragibe enterrou-lhe uns 10 centímetros de «peixeira» num dos braços. Outro gesto de defesa e Piragibe golpeou sua vítima no rosto, nas pernas e no pescoço. Então, «Russo do Norte», aborrecido com a reação do operário, disse para Piragibe: «Sangra o homem, rapaz!»

Piragibe deu uma gargalhada de satisfação. Tirou a faca que estava sobre o ventre do infeliz, e, diante do olhar horrorizado da sua vítima, disse para os demais: «O sangrador é aqui» — E embebeu a faca no tórax do trabalhador.

OUTRO CRIME HEDIONDO

Foi «Russo do Norte» quem primeiro falou, usando aquela linguagem característico dos malandros:

— Bem, nós vamos «estarrar» (1) um troço duro e não temos «máquinas». Eu 'tou com duas «pernas» e um «coelho» no bôlso. (2). Eu queria arranjar um «maçara» (3) e gazua porque êsse troço não é de «bagulho». (4). O jeito é se «estarrar» uns «cavalos» (5) por aí.

Dito e feito. Foram assaltar um trem estacionado na «Barão de Mauá», o que quer dizer que não temem à polícia, pois a Estação Barão de Mauá está praticamente no centro da cidade.

● O ASSALTO

Ficou combinado que escolheriam um vagão não muito cheio. Praticado o crime, no dia seguinte se reuniram para comprar as «ferramentas» a fim de realizar o grande «golpe».

Os vagões da Leopoldina são diferentes dos seus congêneres da Central do Brasil, pois são

Após o crime fugiram todos tranqüilamente. Mas dois dias mais tarde eram todos trancafiados na cadeia, sendo que dois dêles estavam sendo procurados por vários outros crimes. E na polícia disseram inocentemente que Piragibe havia matado em legítima defesa, pois o «cavalo» havia reagido, obrigando-o a matá-lo.

OUTRO CRIME HEDIONDO

● Aldo Ferraz é um rapaz tuberculoso, que se achava na Penitenciária condenado por homicídio. No dia 6 de setembro, fôra a julgamento por outro crime e o juiz da 23ª Vara Criminal o condenou novamente. Tudo rotineiro até então. O «tintureiro» saiu do edifício do Forum e rodava de regresso à Penitenciária pela Avenida Presidente Vargas, às 13,30 horas. No mesmo «tintureiro», absolvido de um crime, ia um irmão de Aldo, que está cumprindo pena por outro delito. Chama-se Hugo Ferraz, e é aparentemente menos perigoso que Aldo. Mas, à altura do bairro do Mangue, na Presidente Var-



gas... (e agora é o motorista que a tudo assistiu quem narra): — «Eu ouvi o Aldo dizer: Pare o carro ou eu atiro. Abram a carroçaria que eu estou armado. Eu pensei que o Aldo estava brincando e de início não dei atenção às ameaças. Mas, quando olhei para trás, vi através da portinhola a figura de Aldo ou do irmão, nem sei bem. Vi apenas a arma e que o rosto daquele homem era de um desesperado. Tentei frear o carro, mas minhas pernas não obedeceram. Então atirei-me para fora, no momento em que vi que os guardas Marino Gomes e José Miranda iam reagir. Ouvi os tiros ainda dentro do carro, na boléia. Vi o carro desgovernado chocar-se com um muro e vi também os dois guardas caírem à rua, onde morreram sem poder usar suas armas».

● TIROTEIO COM A POLÍCIA

Os audaciosos assassinos, embora encurralados, ainda trocaram tiros com a polícia, mas acabou-se a munição e tiveram que render-se. Levados à presença do delegado Silvio Terra, Aldo e Hugo se portaram desta maneira:

— Me dá um cigarro aí, ó delega.

— Se baterem retratos eu fecho o bico e não dou o serviço.

— Manda buscar café, delegado.

E mais adiante, quando o escrivão tomando os depoimentos quis subtrair as gírias, Aldo exigiu: «De acordo com a lei, somente aquilo que eu ditar pode ser escrito. Do contrário eu não assino. Portanto, escreve aí, ó comissa — os dois tiras iam atirar. Eram eles ou nós, «seu» delega. Goguei o corpo e disparei a «máquina». E entre os tiras e nós eu preferi os «tiras». Mas, como eu ia dizendo, os «tiras» iam fuzilar a gente, quando resolvi — meu irmão nada tem com a coisa — quando eu resolvi fazer o «sarilho». Depois eles caíram e vi que a coisa estava preta. Me joguei no chão e só via as balas furando a lataria do tintura...»

Mais um cigarro ou eu conto pro juiz que fui maltratado. Quero café fresco e comida boa! «Tou com fome».

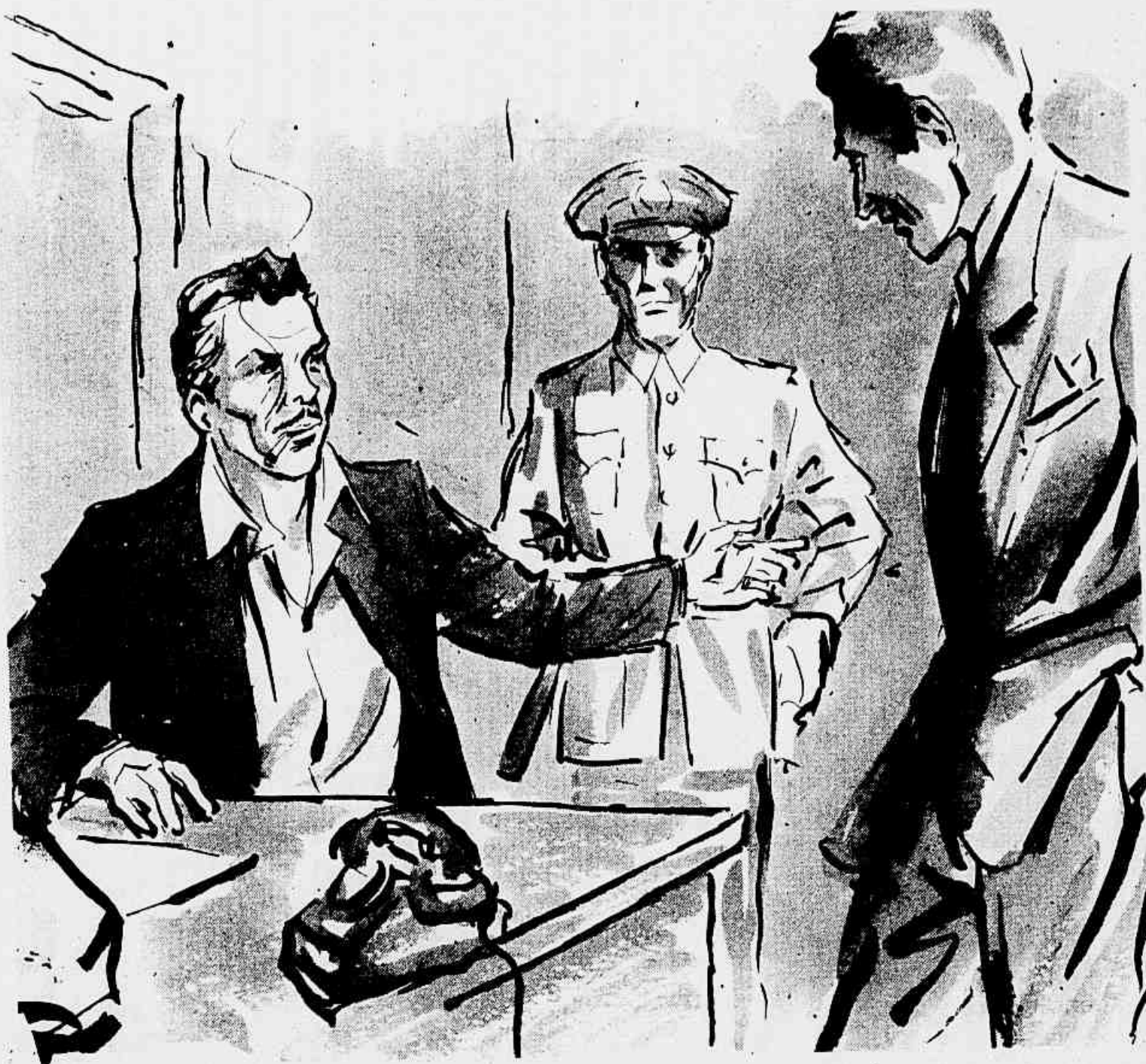
E assim foi o depoimento dos rapazes, sobretudo o de Aldo que sorria querendo saber se um dos guardas, (José Miranda — outro chamava-se Marino Gomes) estava ferido no olho direito, pois atirara para furar o olho do referido guarda. E assim, até o final, quando foi levado de volta à Penitenciária, onde se acha recolhido incomunicável a uma cela.

● PERMANECE O MISTÉRIO

Como de hábito, quando os criminosos cometem mais um crime, procuram fazer confusão contando versões diferentes do fato. Assim é que Aldo Ferraz inventou várias histórias para explicar a procedência da arma homicida, uma pistola calibre 7,65. Inicialmente disse que a recebeu no Fórum; depois afirmou que a trazia escondida no calção e que já a possuía desde 1951. Mas a hipótese mais viável é que a amante de Aldo, a cabrocha Wilma Fernandes dos Santos, tenha-a passado ao assassino no Palácio da Justiça. De uma forma ou outra, a verdade é que precisamos urgentemente da pena de morte no Brasil, porque, além de outras razões, este repórter que já conviveu com os criminosos da Penitenciária, constatou com tristeza que muitos matam pelo simples prazer de ir à Justiça onde lhes é permitido «tomar um cafézinho».

Além disso, o prêso que mata dentro da cadeia, é respeitado pelos demais. Chegam a tirar da boca seus cigarros para satisfazer a vontade do «Turuna». Somente quem não conhece a vida no interior de uma penitenciária é capaz de defender certos criminosos porque, a verdade é que somente o fato de um prêso ter oportunidade de sair da prisão, mesmo dentro de um «tintureiro», já é um alívio. E certos desesperados, muita vez matam ou ferem os companheiros pelo alívio de algumas horas fora da prisão, embora sob escolta.

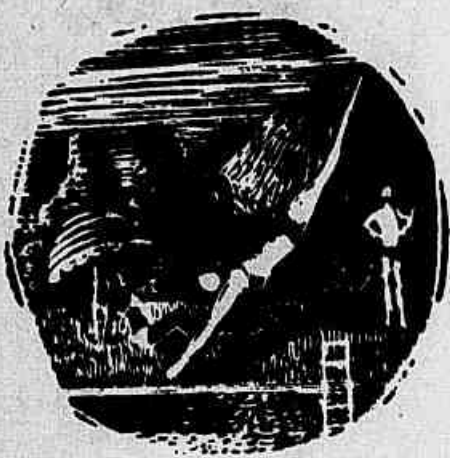
- (1) assaltar
- (2) armas de fogo, duas notas de Cr\$ 100,00 e uma de Cr\$ 10,00
- (3) maçarico
- (4) não é insignificante
- (5) honestos ou inocentes.



Pela reconstituição de Ramon, pode-se ter uma idéia do que foi o depoimento de Aldo Ferraz, logo após assassinar os dois guardas. Queria cafézinho, almoço especial e cigarros «Continental». Fêz uma série de exigências, senão, contaria ao juiz que tinha sido maltratado. Na foto a seguir, Aldo, o frio criminoso, mais despreocupado que nunca. Na outra foto, Wilma, a amante de Aldo que é a principal suspeita de ter fornecido a arma assassina ao amante, e, finalmente, Aldo quando após um ataque de tosse (é tuberculoso), gesticulava e ameaçava o delegado Silvio Terra e os fotógrafos: «Não vou dar o serviço porque você, delegado, está deixando que os fotógrafos tirem retratos».



**Termas de
LINDOIA
Serra Negra.**



Pelas suas famosas águas radioativas, clima ameno e paisagens deslumbrantes, Lindoia e Serra Negra são ideais para passeio ou tratamento. O Expresso Brasileiro liga São Paulo àquelas cidades com seus moderníssimos ônibus em diversos horários diários, cobrindo o agradável percurso em pouco mais de 3 horas.

Escalas em:
Jaguariuna - Pe-
draira Arcadas
e Amparo ★



Departamentos de guarda-bagagens

AGÊNCIAS DE EMBARQUE E INFORMAÇÕES

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 885 - Fone 34-1395

LINDOIA

Rua Duque de Caxias, 541

SERRA NEGRA

Praça João Zelante, 12 - Fone 43



EXPRESSO
BRASILEIRO

**REVISTA
DA
SEMANA**

7 CRUZEIROS

EM

TODO O BRASIL

CINEMA E TEATRO

CELESTINO SILVEIRA

O MELANCÓLICO FESTIVAL DE VENEZA

● Nenhum jornalista especializado foi este ano ver de perto a Bienal. Mas, como sempre acontece, rapazes e moças que têm dinheiro para gastar nessas viagens sempre culturalmente proveitosas, ali estiveram, e um deles, nosso amigo, manda-nos estas linhas: — «Foi dos mais fracos o Festival deste ano. Não se admite que nem Veneza e Cannes venham a salvar-se da falência, pois está provado que por este andar, nem a França e nem a Itália continuarão atraindo a curiosidade do mundo para os seus certames de filmes. Veneza de 55 transcorreu sem aquela trepidação de outros anos, sem a presença de eminentes figuras de Hollywood ou de Paris, Londres e Roma, e até os filmes carecem de importância. O resultado que ontem foi dado a conhecer, já o sabíamos desde três dias antes. Todos nós estávamos particularmente informados que Carl Dreyer, o cineasta de «La Passion de Joane d'Arc», ganharia o Leão de São Marcos, de ouro, com o seu filme «Ordet» (A Palavra), que representou o cinema dinamarquês. E os outros Leões, os de prata, foram divididos politicamente, um para os norte-americanos, outro para os italianos, um terceiro para os russos e o último para os holandeses. Melhor ator foi o alemão Kurt Jurgens, a quem coube a Taça Volpi, empatando com o inglês Kenneth Moore. Melhor atriz, não houve, porque realmente nenhum dos filmes exibidos neste Festival marcou uma performance feminina de relevo vulgar. E por fim, houve os prêmios de consolação a outros países, prêmios sem nenhuma importância.

● Desta vez a presença do cinema sul-americano não foi sequer notada, e nem o México, de hábito favorecido, levou qualquer menção consoladora. A Argentina passou por alto, e o filme brasileiro «Mãos Sangrentas», serviu para mostrar que já evoluímos tecnicamente, em aparelhagem; mas faltou um feito brasileiro. Esse filme tanto podia ser do Brasil como de qualquer outro país, sem características da nossa terra. Observem os produtores brasileiros que o sucesso de «Q Cangaceiro» foi fruto do aspecto regional de que se revestiu a película, e observem que o Brasil pode despertar interesse, e grande, se fizerem o seu cinema com o «sêlo da casa». Assim como o filme americano é americano em todos os sentidos, o francês tem seu francesismo inoculado, bom e mau; o italiano conta com todas as nuances da «bela Itália», e o mesmo sucede com o filme russo, o inglês ou o dinamarquês. O brasileiro, com exceção de «O Cangaceiro», lembra sempre o de outras origens, mas com a agravante de ser pior. Se os nossos produtores quiserem interessar ao mercado europeu, não esqueçam uma grande verdade: Façam cinema do Brasil, brasileiroamente. Assim como a nossa música só vence quando tem as características do nosso país, o nosso filme, enquanto não ganhar prestígio universal só conseguirá despertar interesse pela sua sensibilidade brasileira, pelos costumes e usos brasileiros, pelos conflitos aquecidos ao nosso clima. E no mais, vamos sair para outra, que esta não valeu. Veneza falhou clamorosamente».



**GLENN FORD MUITO
EM MODA**

Hollywood tem disso: Um artista cai na vulgaridade, perde a evidência que o manteve em cartaz por meses e anos, e quando todos pensam que não dá mais nada, aí vem o imprevisível. Foi o que sucedeu com Ray Milland em «Disque M para matar», e, simultaneamente, com Glenn Ford. Depois que a Columbia o deixou de parte, sem outras oportunidades com Rita Hayworth, Glenn Ford andou passando mal. E quando se admitia o seu crepúsculo, em definitivo, surge «Melodia Interrompida». A Metro descobriu em Glenn Ford um ator dramático de maior vulto. E a «performance» com Eleanor Parker está sendo agora repetida com Dorothy Mc Guire, em «Trial». A direção é do veterano Mark Robson, que às vezes dá de acertar.

E segue o espetáculo

Desta vez Amália Rodrigues veio acompanhada da família. Bem entendido: das irmãs, Celeste e Maria. As três Rodrigues chegaram na maciote, foram para o Copacabana e... moita! — Mas não tardou que fossem tomadas de assalto pelos comentaristas. E foi preciso dar ordens à telefonista do Copacabana: Ligação para o 502? Só depois do meio dia, muito depois... — A estréia de Aimée foi transferida, no Rival, por várias vezes. Custou para que entrasse a «Espôsa em circulação»! — Em Lisboa, continua sendo esperada a companhia Maria Dela Costa, que se destinaria ao velho Teatro Apolo. Faz alguns anos, Dela Costa foi cursar o Conservatório de Teatro em Lisboa, onde ficou muito popular pela sua frase: «Estou cansada de ser bonita...

Agora quero ser atriz». Os jornais lisboetas lembram a frase a propósito da volta da artista. — Filmes recém-estreados no Rio, que o leitor deve assistir, onde eles passarem, mesmo com algum sacrifício: «Disque M para matar», «Os 7 pecados capitais», «O Curandeiro», e, para os que adoram cinema «réstia de cebola», «Melodia Interrompida». — Vicente Celestino festejou os sessenta, tomando um pileque em regra. (Entenda-se: representando «O Ébrio»). — Ari Barroso (bigodeado pelo Fluminense) vai dar assunto para um filme biográfico. — E o nosso amigo Ademar Gonzaga desistiu de São Paulo. Voltou disposto a reabrir a Cinédia. Para começo de conversa, rodará um filme. De Carnaval, pois não.

AS «CHICAS» DO RECREIO EMBRIAGAM OS PORTENHOS...

● Não era verdadeira aquela notícia da interrupção dos espetáculos de Valter Pinto, no Astral de Buenos Aires, por motivo das ocorrências políticas. Valter Pinto apressou-se em mandar um desmentido pelo telefone internacional: Que não, que o sucesso era «batata» e que se divertia muito oferecendo «copetins» com aperitivos típicos do Brasil, inclusive «batidas» que são verdadeiras «bombas». Por isso os rapazes de Buenos Aires deram para andar duplamente embriagados: Pela beleza das «chicas» do Recreio e com as «batidas» do empresário do «Estoy Sassaricando».

A temporada vai bem, e satisfeito com a iniciativa dos «copetins», Walter Pinto mandou levar, de avião, todos os pertences para uma completa feijoada à moda da rua do Espírito Santo. Aí foi que os guapos portenhos se entusiasmaram com a turma do Recreio.

Comentário do empresário Zezinho:

— Pelo que estou vendo, o sucesso é das «batidas» e da feijoada. Mas teatro, que é bom, não estou vendo nada...

ÚLTIMO FLASH



● A aposta de Haroldo Barbosa e Ari Barroso, por ocasião do último Fla-Flu, acabou proporcionando ao compositor de «Aquarela», graciosamente, uma publicidade que vale milhões. Quando foi que o simples corte de um bigode teve tanta divulgação nos jornais, no rádio, na televisão, em todo o Brasil? Quando?

Pois Ari Barroso é quem está de parabéns. Lá por dentro, ele diz: — «Abençoada derrota do Flamengo...» Sim, porque esse Flamengo tem coisas... Mesmo quando leva uma sova do Fluminense, acaba fazendo bem aos doentes tipo Ari, que sabe tirar partido da situação. Haroldo Barbosa não levou a melhor, como se pensa: ele não castigou ao Ari, mas deu-lhe essa maravilhosa «chance» de propaganda. E até que o Ari remoçou, sem aquele bigode quase totalmente branco... Reparem. Por tudo isso, a aposta foi ótima. Hein, Ari? (Fotos de ALBERTO FERREIRA).

“ÊSTE FLAMENGO TEM COISAS...”

REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratário & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interpresa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO
DISTRIBUIÇÃO:

AGÊNCIA POLANO
Rua João Bricola, 46

REVISTA DA SEMANA

Ano 56 — Nº 39 — Rio de Janeiro — 24-9-55

Propriedade da
Companhia Editora Americana
Diretor-Presidente..... Gratuliano Brito
Diretor-Comercial..... Ivan Guimarães
Diretor-Gerente..... Wenceslau Quintais
Diretor de Publicidade..... J. M. Costa Júnior
Redatores e corretores... S. L. Guimarães, A. Mendes,
S. Sant'Anna e A. Nóbrega
ENDEREÇO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria:
22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano.....	Cr\$ 350,00
Seis meses.....	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano.....	Cr\$ 380,00
Seis meses.....	Cr\$ 190,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano.....	Cr\$ 500,00
Seis meses.....	Cr\$ 250,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 8,00.
Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

— Me dá um beijo, negrinha da gente. — A voz de Nicácio tinha dengues de criança pedindo doce.

NICÁCIO era um peão negro, tímido e sossegado, de mãos grandes, queixo fino e sorriso largo. Desde que ficara de caseiro tomara um certo gosto pela mulata que tomava conta da cozinha e, atrevida e fugidia, lhe jogava olhares da porta e se escondia, como que brincando para provocá-lo. As vezes Narcisa se refugiava perto de SIA JOSEFA, a negra velha da estância, e de lá atirava sorrisos com os lábios grossos e seus olhos estreitos brilhavam com um brilho que a gente não sabia explicar se era de malícia, de atrevimento ou de desafio. Ou uma mistura de tudo isso.

Os olhos rasgados, muito estreitos, quase um risco no rosto largo e rosado, pareciam dizer:

— Vem agora, se tu é home.

* * *

Narcisa era cria da estância; nascida em casa de um agregado, desde os dois anos fôra para a casa da Estância Bonita, a pedido de Dona Bela, que se opiedara de seu rostinho redondo e de suas perninhas finas. Depois o velho morreu e a mulher foi morar na cidade com uma irmã. Quando procurou Narcisa para levá-la consigo, a patroa se mostrou compreensiva:

— Por que a senhora não deixa a menina comigo? A gente não tem filhos... a menina se aquerenciou... Por que não deixa? Em todo o caso, fale p'ra ela. A senhora é a mãe, tem o direito. Se Narcisa quiser ir...

A velha falou. A mulatinha gorducha olhou para ela com a dureza de seus olhos estreitos e pensou de repente:

— Esta é que é a minha mãe. — Depois, mordendo os lábios lustrosos engrolou:

— Se a senhora quer que eu vá... Tô me dando bem... Não sei se ia me acostumar com o povo, porque SIA BELA diz que é tão diferente daqui...

Narcisa

A velha notou que Narcisa evitava chamá-la de mãe. Teve pena. E odiou-se. Dera duas mães para uma filha só; Narcisa não sabia botá-las, às duas, dentro de um só coração. E o mais certo era que nela coubesse a mulher que lhe dava comida, roupa e tranqüilidade.

— Tu ia achar bom, Narcisa.

— Não sei...

— Quem sabe tu vai?

— Pois...

— Então vamo.

— Não.

A velha compreendeu e quase se deixou levar pelo rancor. Olhou-a bem nos olhos. Narcisa virou o rosto e ficou olhando para o jardinzinho enfeitado que crescia na frente da casa e por onde andavam ciscando galinhas rodeadas de pintos. De vez em vez, um leitão conseguia passar na fresta da cancela e vinha fuçar entre as sempre-vivas e as margaridas.

A velha tentava abafar a tristeza que vinha brotando dentro dela. Afinal, a guria tinha razão.

— Tu não qué, mesmo?

— Não. — Narcisa quis ser carinhosa. — A senhora...

— Tá bem. Não, não precisa falar. Tá tudo certo. Se tu precisa de mim, tu avisa pro Seu Mesquita, que ele sabe onde a gente vai morar.

A velha deu as costas e saiu, mais curvada do que quando entrara e repetindo para si mesma:

— Ela é minha. Fica aí, mas é minha. — E isso lhe trazia o conforto morno de um pequeno orgulho de proprietária.

* * *

Narcisa botou corpo e floriu com as sempre-vivas e as margaridas alegres do jardim desleixado. Floriu porque tinha de florir. Porque, como as flores, como as guanxumas e as chircas, seu vigor vinha da terra, do ar, da chuva, e não dependia de mãos e de cuidados. Tinha a beleza bruta das coisas que nascem no chão de uma semente que ninguém plantou. Ela parecia não um canteiro simétrico de jardim de cidade.

Conto de THEREZA DE ALMEIDA

Desenho de JERONYMO RIBEIRO



mas uma várzea florida doidamente, sem cuidados, logo à primeira chuva da primavera.

O corpo arredondado, o cabelo grosso, brilhante, os olhos rasgados, sempre rindo, enfeitando, apertados entre a testa larga e as faces redondas, e os lábios carnudos e úmidos como uma tentação. Era assim que Nicácio a via, porque para ele não apareciam os defeitos. Narcisa tinha um encanto forte como o perfume das parasitas do mato. E tonteava a gente. E era como a erva-de-passarinho, tentadora e oferecida, mas florida demasiado alto, na ponta dos últimos galhos, longe do alcance de qualquer mão.

Ele a rondou, a princípio, como uma sombra, contentando-se em vê-la e receber em seus olhos um fiapo de olhar, um pedaço de sorriso. Depois, até isso e o encontro furtivo de seus dedos, quando ela lhe alcançava o chimarrão, pareceram pouco. Demasiado pouco.

Nunca a pegara sôzinha, para ao menos falar-lhe qualquer coisa porque nem se imaginava falando de seu querer para Narcisa. E era impossível que ela não tivesse exagerado. Bem que ela sabia de tudo. Mas fazia-se de boba para fazê-lo sofrer. Gostava de passar na frente do galpão, quando ia à mangueira buscar o leite para Sia Bela, e dar seu «buenas» sonolento quase sem olhar para os lados. Sabia que Nicácio estava ali, olhando-a, esperando para receber uma nesga de seu sorriso tonto de sono. Sabia. E por isso nem olhava. Saía, arrastando as chinelas sobre o capim úmido, vagarosa, como se estivesse sôzinha dentro da madrugada, mas ia sentindo o olhar de Nicácio cravado nela, despertando-lhe arrepios. Por isso arrastava as chinelas, bem vagarosamente.

* * *

Agora, nesta manhã clara de domingo, os dois encontraram-se frente à frente. O galpão estava completamente vazio. A peonada saía com muitos rumos e só ficara na estância o peão caseiro.

Nicácio juntara as vacas e esperava Narcisa com os tarros cheios de leite. E com um temor que ele procurava ocultar e negar a si mesmo.

Narcisa chegou. Havia estranhado o silêncio e o vazio do galpão, mas sorriera lembrando-se que era domingo e havia pencas em qualquer venda do rincão. Depois apertara mais os olhos como se alguma coisa a desgostasse. Pensara em Nicácio e o imaginara longe, fazendo, como os outros, a sua ronda para alguma outra mulher.

— Ele me paga. Quem será que está com as vacas? Eu ainda pego o primeiro que passe, p'ra dar um susto no Nicácio.

Abrira a cancela quase sem sentir e nem sequer vira o peão que a olhava, como se desejando aproveitar aquele momento em que passava despercebido para encher-se de sua figura e guardá-la para quando estivesse longe.

Narcisa levantou a cabeça, de repente, como se houvesse sentido sobre o corpo o peso do olhar de Nicácio. Surpreendeu-se ao vê-lo. Tive ímpetos de fugir. Porque os olhos do peão estavam diferentes nesta manhã. Mas ficou, grudada ao chão, fria e trêmula, sem saber o que fazer e sem poder, ao menos, abrir a boca para o «buenas» costumeiro. Foi ele quem falou, aproximando-se e tomando-lhe das mãos a jarra de vidro:

— Buenas, Narcisa. Levantou cedo, não?

— Pois, foi.

— Tá chegando o verão. O dia começa antes, não? Hoje clareou cedinho.

Nicácio falava segurando a jarra, olhando para Narcisa, para as vacas e para o céu a cada palavra que dizia, como se não pudesse tomar uma resolução e por isso temesse encarar a mulata. Narcisa começou a rir com os olhos. Passara o susto. Já se sentia, outra vez, dona de Nicácio.

— Pois é, Seu Nicácio. Já vem clareando mais cedo, os dias são mais compridos e cada vez a gente tem mais serviço. Mas, é o verão. E é bom, de qualquer jeito. Não gosta do verão, Seu Nicácio?

— Gosto, sim. — O peão deu-lhe as costas e começou a encher a jarra. Narcisa ficou rindo. Quando ele se virou ainda apanhou um pouco daquele riso sem motivo.

— Tá rindo de mim?

— Não. Tinha graça.

— Me pareceu...

— Pois, não tava. De que é que ia rir?

— De mim.

— Credo.

— Pois, não viu ainda que há dias quero falar contigo? E não me animo.

Narcisa riu mais. Os olhos brilharam.

— Não reparei. O que tu queria dizer?

— Não adivinha?

— Não.

— Mas, não adivinha mesmo?

— Não. Te juro que não.

— Te quero.

Narcisa, de propósito, deixou fugir uma gargalhada clara e sacudida. E logo levou a mão à boca, abafando-a, e olhou assustada para os lados da casa. Nicácio largou a jarra e levantou-se. Novamente a mulata estremeceu sob o olhar fundo do peão. Era como se, com os olhos, ele acariciasse lentamente seu corpo arredondado, demorando-se nas curvas, como um cego que passasse a ponta dos dedos pelo rosto de alguém para não esquecer seu contorno.

(Cont. na página 42)



JOSEPH KATZ

Primavera

A PRIMAVERA. Com ela, os
arores e vaporosos reastumem seu
lugar de destaque no vestuário das melindrosas
cariocas, de onde há poucos meses
tinham sido banidos, graças à estação adversa.

LAURITZBERG, tendo em mira a
renovação dos guarda-roupas aqui, apresenta
algumas de suas últimas criações, que certamente
hão de obter o favor de nossas elegantes.

Repare por exemplo no costume da
página à esquerda, a ser executado em
"shantung" ou em linho estampado;

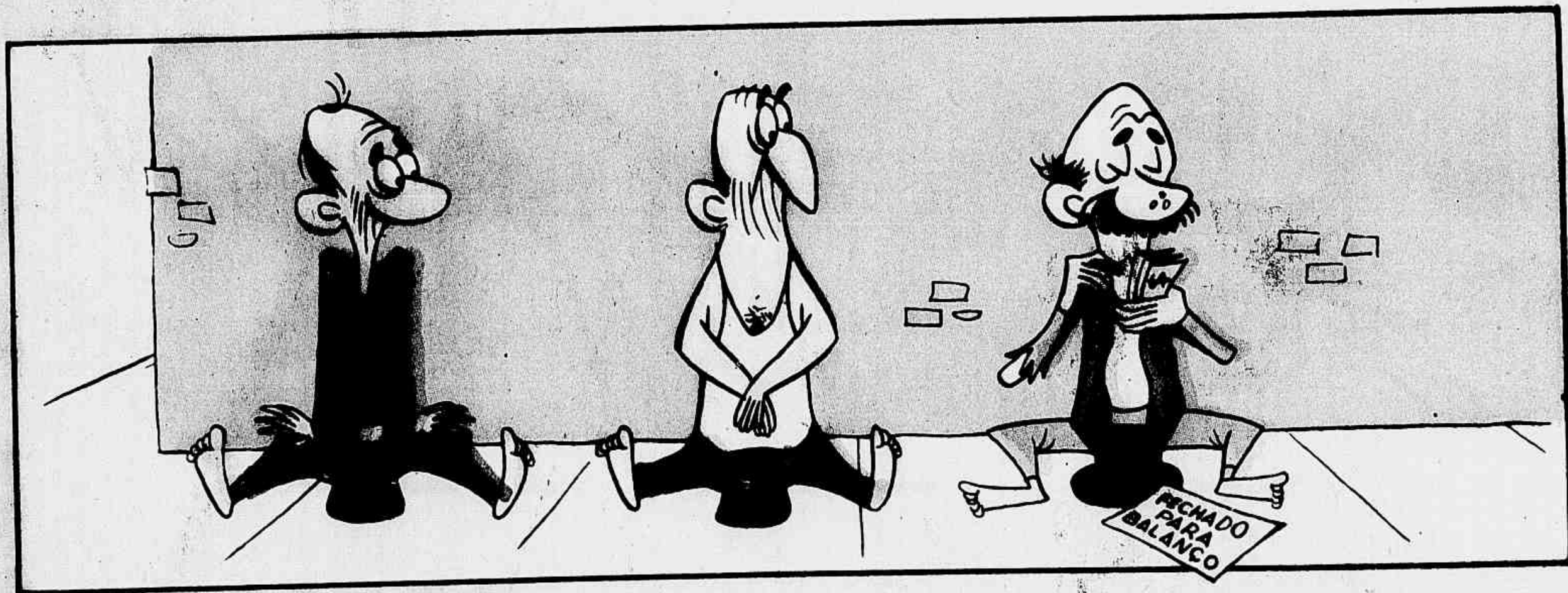
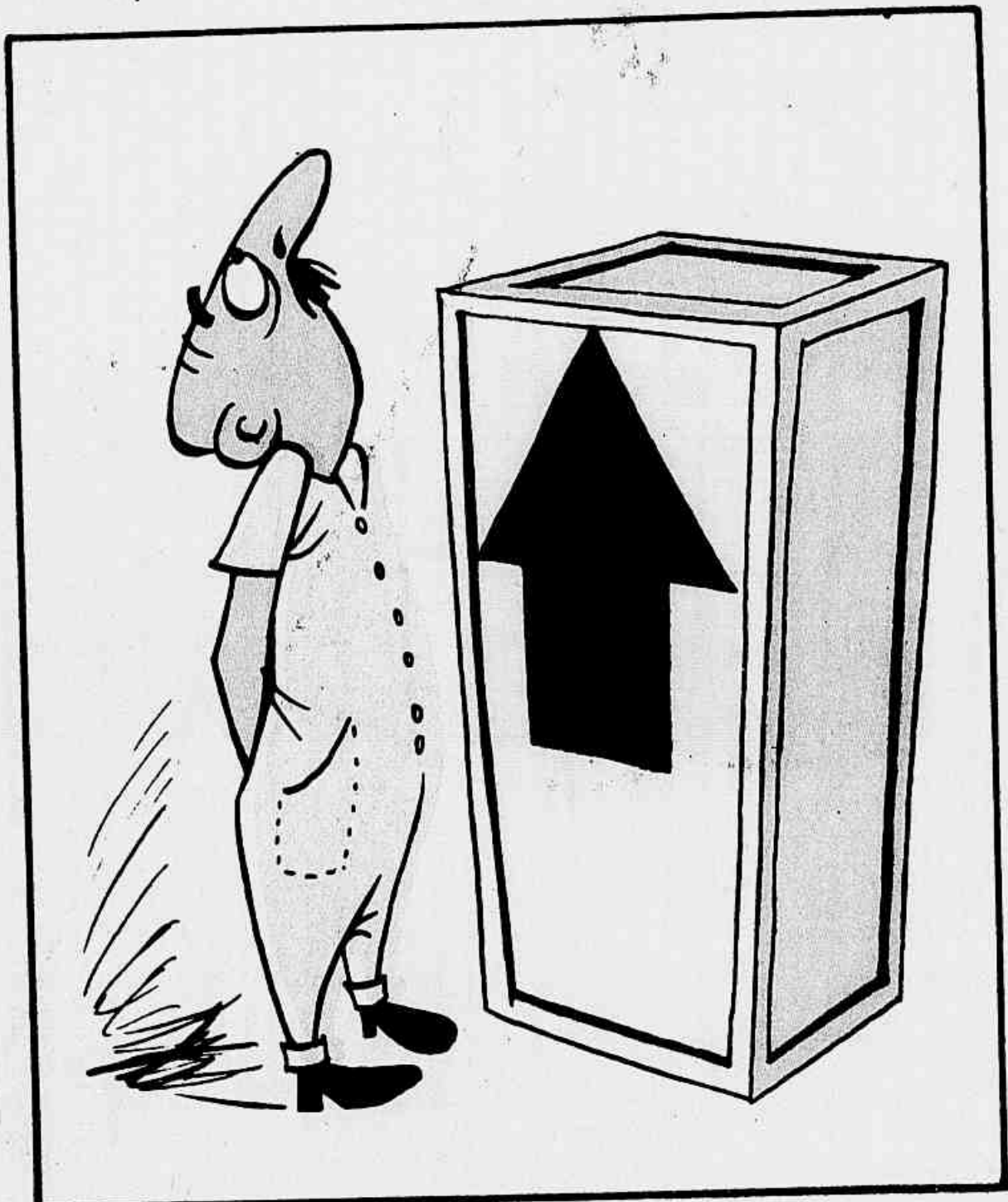
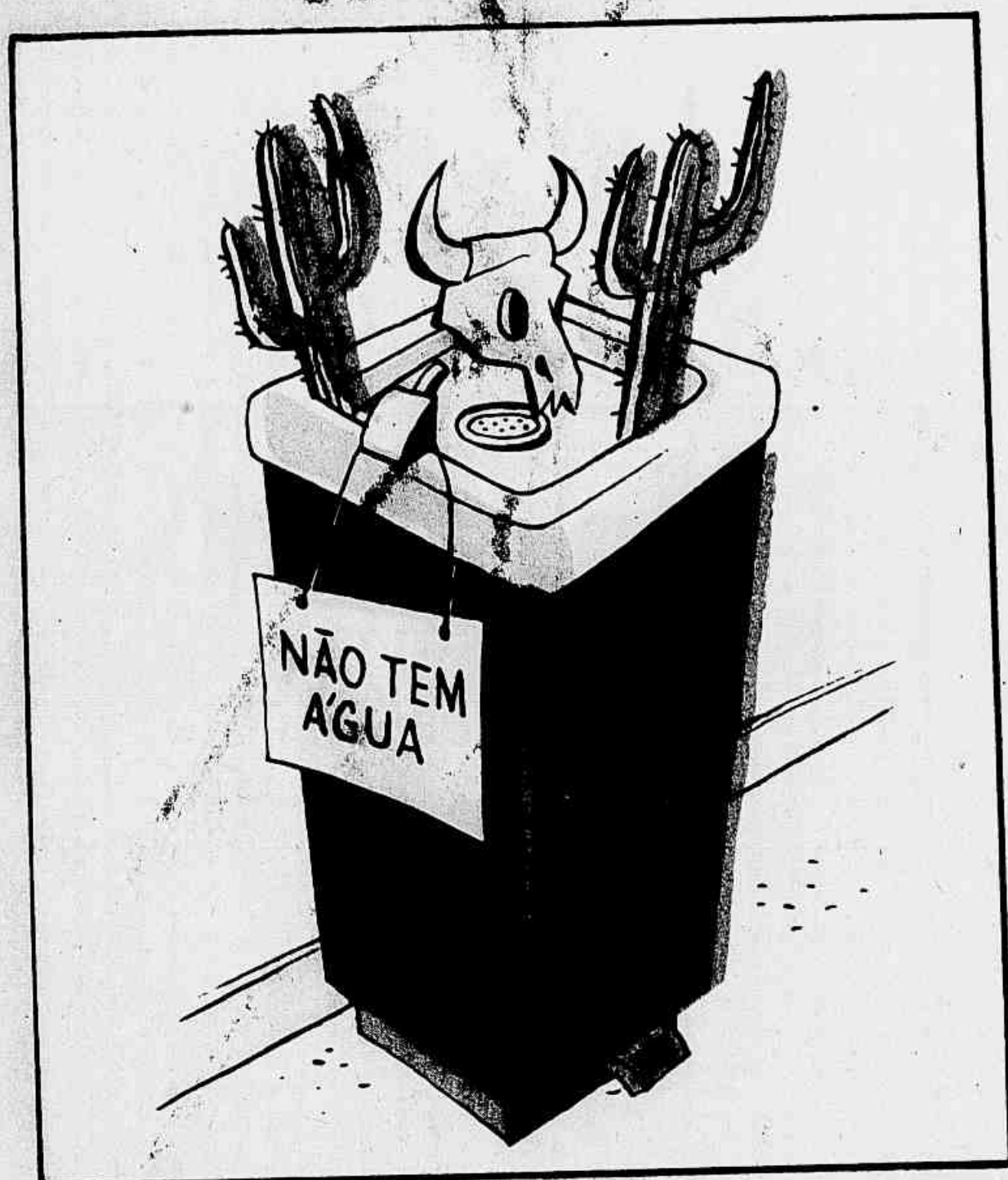
ou no belo vestido em lilás, com
mangas curtas e gracioso
decote. Enfim, qualquer dêles marcará um
tempo em sua elegância pessoal,
leitora, correndo para o seu sucesso
aonde quer que apareça.





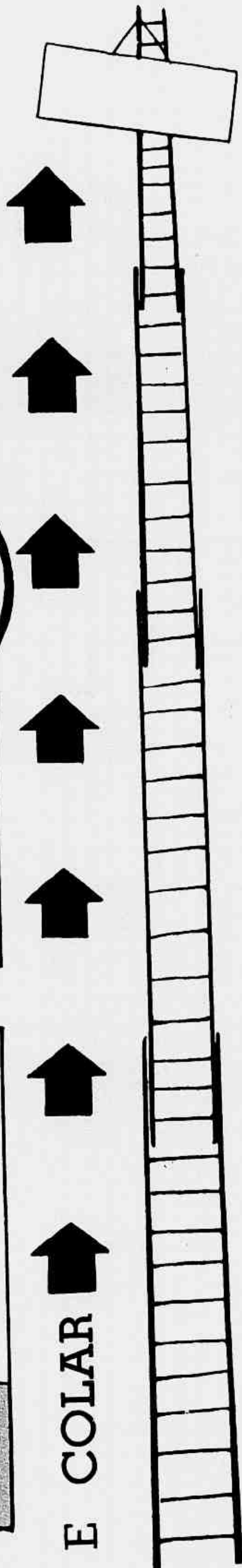
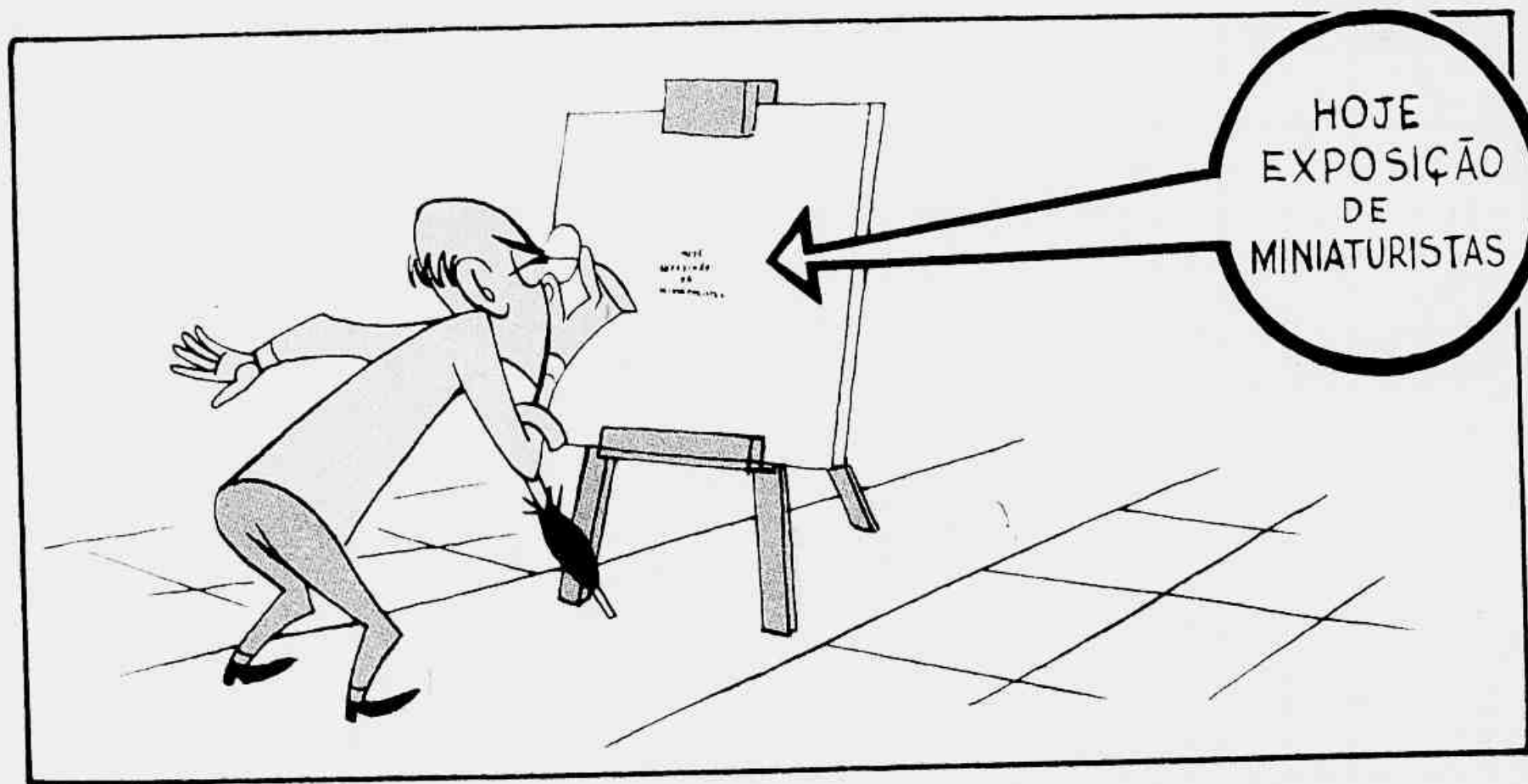
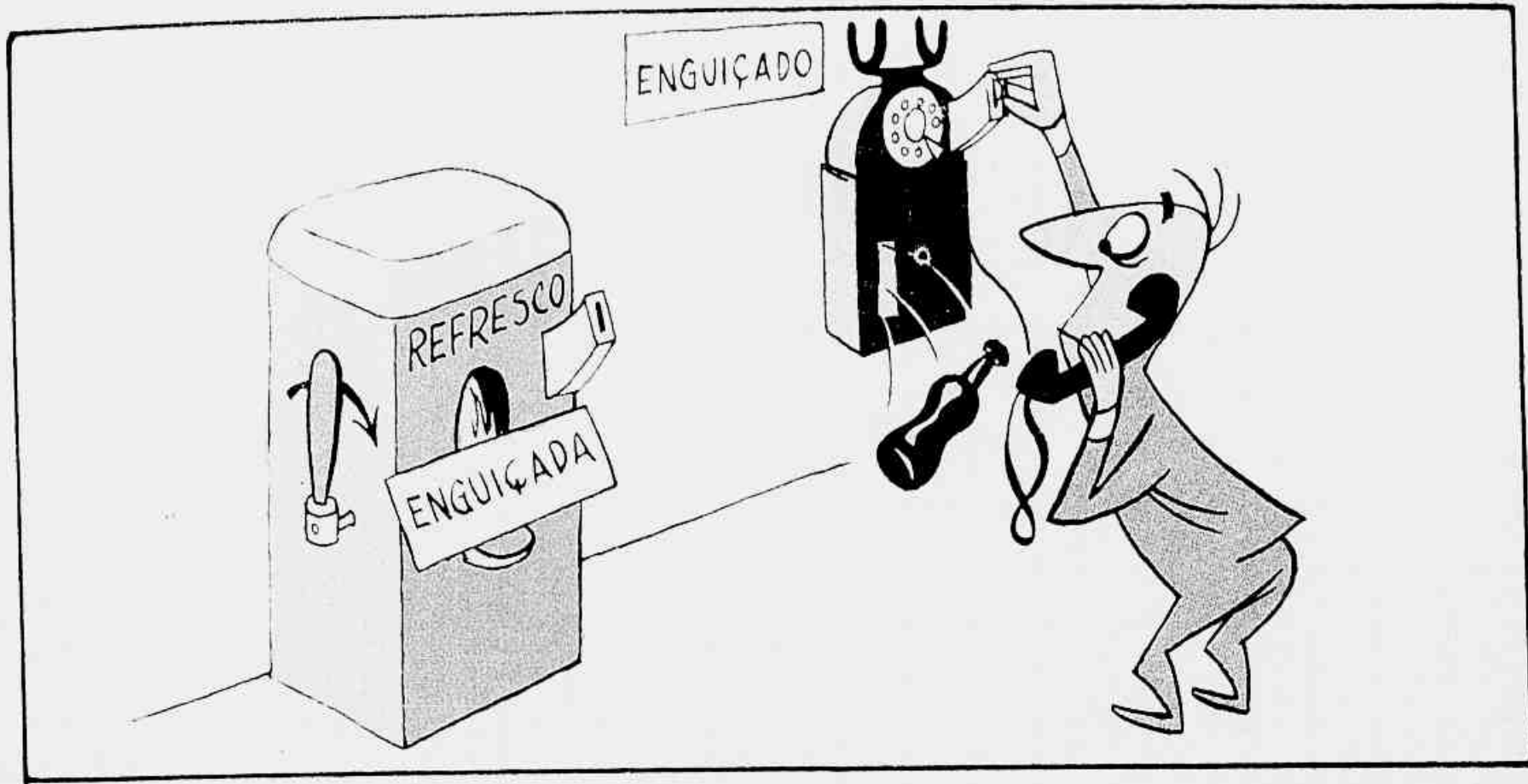
FORTUNA
(sem o prévio)
APRESENTA

POR FALAR



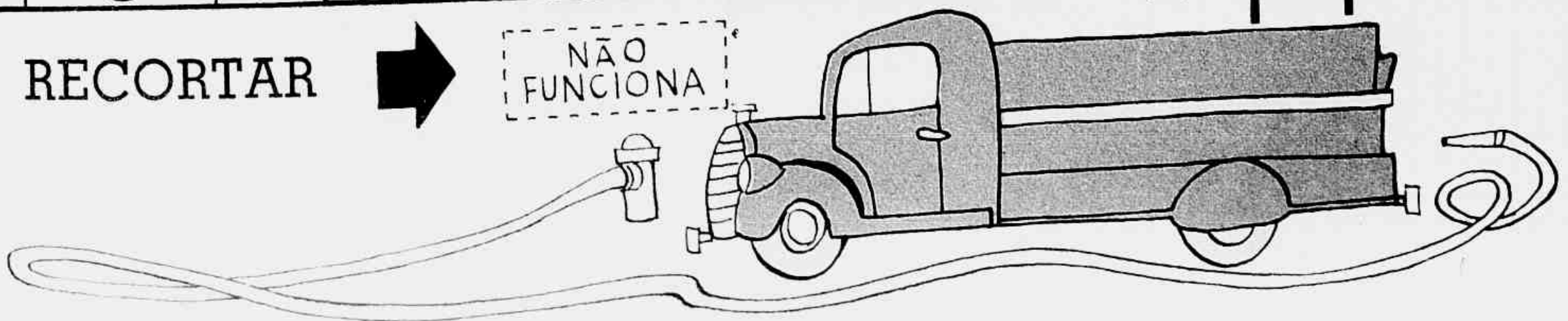
EM

AVISO S...



PARA RECORTAR ➡

NÃO FUNCIONA





Ótima idéia!

também passei a fumar Hollywood!...

Cada vez mais pessoas estão mudando para

hollywood

uma tradição de bom gosto

